

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E BIOLÓGICAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA CONDIÇÃO HUMANA

Mayara Victor Gomes

Polêmicas em torno da sexualidade e livros para infância: um estudo interdisciplinar

Sorocaba

2024

Mayara Victor Gomes

Polêmicas em torno da sexualidade e livros para infância: um estudo interdisciplinar

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Condição Humana da Universidade Federal de São Carlos, *campus* de Sorocaba, para obtenção do título de Mestre em Estudos da Condição Humana.

Orientação: Prof. Dr. Márcio Antônio Gatti

Financiamento: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)

Sorocaba

2024

Gomes, Mayara Victor

Polêmicas em torno da sexualidade e livros para  
infância: um estudo interdisciplinar / Mayara Victor  
Gomes -- 2024.  
130f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de São  
Carlos, campus Sorocaba, Sorocaba  
Orientador (a): Marcio Antonio Gatti  
Banca Examinadora: Luciana Salazar Salgado, Carlos  
André Ferreira  
Bibliografia

1. Kit gay. 2. Anne Frank. 3. Discurso polêmico. I.  
Gomes, Mayara Victor. II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática  
(SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Maria Aparecida de Lourdes Mariano -  
CRB/8 6979



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS**

Centro de Ciências Humanas e Biológicas  
Programa de Pós-Graduação em Estudos da Condição Humana

---

**Folha de Aprovação**

---

Defesa de Dissertação de Mestrado da candidata Mayara Victor Gomes, realizada em 26/06/2024.

**Comissão Julgadora:**

Prof. Dr. Marcio Antonio Gatti (UFSCar)

Profa. Dra. Luciana Salazar Salgado (UFSCar)

Prof. Dr. Carlos André Ferreira (UEPG)

O Relatório de Defesa assinado pelos membros da Comissão Julgadora encontra-se arquivado junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Condição Humana.

Para Biscoito, Malu e Pedrinho, minhas crianças!  
Meu desejo é que possam ler tudo que quiserem. Ou quase tudo.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha mãe, Cristina,

por ter se feito portal para a minha chegada neste mundo; por me apresentar a outros mundos possíveis e impossíveis, através da leitura; por terminar a escola básica comigo a tira colo, me mostrando a beleza de ser sabida e me incentivando a *escrevinhar* sempre. Por tudo e tanto, obrigada, Mainha.

ao meu pai, Manassés,

por me mostrar seu amor pelo trabalho, primeiro como ferramenteiro, e depois de concluir os estudos no Ensino Superior, como engenheiro, na oficina que tem em casa, de onde tirou o sustento e o abrigo da nossa família. Obrigada, Painho, pelo exemplo de esforço e esmero.

a minha irmã, Íris,

por me dizer que eu daria conta de concluir esse mestrado, apesar de estar doente, falida e deprimida. Obrigada, mana, pelo bom humor de sempre.

ao meu marido, Vicente,

por seu amor, carinho, apoio, suporte, companhia e infinita paciência nesta jornada. Obrigada, Gato, por acreditar em mim e não me deixar desistir nas muitas vezes que desejei.

ao Prof. Dr. Márcio Antônio Gatti,

por se posicionar como um parceiro intelectual, partilhando saberes e orientando recortes necessários. Obrigada, Professor, pelo constante e generoso diálogo.

a Profa. Dra. Teresa Mary Pires de Castro Melo,

pelas palavras de sabedoria com as quais me acalmou, sobre as etapas do mestrado, no momento da qualificação. Obrigada, Professora.

a Profa. Dra. Luciana Salazar Salgado,

pela arguição tão bem estruturada no momento da qualificação. Obrigada, Professora, por fazer parte do processo de *vir a ser* deste trabalho.

a amiga, Cris,

por ler este trabalho comigo em voz alta, diversas vezes; pela consultoria em leitura e educação regadas a sorvete; pelas oficinas de escrita; pelos livros carinhosamente emprestados; pela companhia no período da pandemia de Covid-19. Obrigada, por me ensinar o que é amizade.

a Martha, minha terapeuta,

por me dar ferramentas práticas para lidar com meus traumas de infância, minha doença crônica e minha saúde mental. Obrigada, Martha, pelo profissionalismo.

Todo pequeno leitor tem o direito

de sonhar sempre...

Com um final

Feliz.

Patrícia Auerbach

## RESUMO

GOMES, Mayara Victor. Polêmicas em torno da sexualidade e livros para infância: um estudo interdisciplinar. 2024. Dissertação (Mestrado em Estudos da Condição Humana) – Universidade Federal de São Carlos, Sorocaba, 2024.

Este trabalho analisa, interdisciplinarmente, duas polêmicas contemporâneas que envolveram livros escritos para a infância e a temática da sexualidade. A saber, a iniciada por Jair Messias Bolsonaro sobre o livro *Aparelho sexual e cia*, em 2018, e a provocada por Pietra Bertolazzi sobre a adaptação em quadrinhos de *O diário de Anne Frank*, em 2021. Interessa, sobretudo, compreender como se idealiza que os temas da sexualidade devam, ou não, ser abordados com as crianças e como se opina sobre isso nas mídias digitais. A relevância do assunto está na sua relação intrínseca com a onda de conservadorismo que tomou conta do Brasil, e fundamentou a vitória eleitoral da extrema direita no Brasil, em 2018, e seu modo antidemocrático de governar nos quatro anos subsequentes. Para tanto, fez-se necessário estabelecer diálogos entre a área de “conforto” da pesquisadora, a Análise do Discurso de tradição francesa (AD), e outras áreas de conhecimento, como a história, a ciência política, a comunicação social etc. Partiu-se de duas suposições iniciais: a de que, na sociedade brasileira, há um espaço em que produz-se e põe-se a circular uma quantidade enorme de textos a respeito de quais livros devem ser lidos, ou não, pelas crianças, especialmente nas escolas, quando estes tratam de temas relacionados a sexualidade humana; e a de que neste espaço, há pelo menos dois posicionamentos discursivos em confronto: um favorável a que se fale com as crianças sobre a sexualidade, nas escolas, através do uso de livros paradidáticos, visando, inclusive, protegê-las, de abusos, discriminação e um outro posicionamento que entende esse papel como exclusivo dos pais e adultos responsáveis; não cabendo às instituições governamentais fomentá-lo, ou às escolares desempenhá-lo. Os livros escritos para crianças sofrem, frequentemente, ataques e questionamentos oriundos de diversos posicionamentos. Há questionamentos a partir de lutas sociais para a mudança do *status quo*, como a antirracista, mas há também aqueles da disputa conservadora, que apelam pela manutenção e preservação das tradições, como a família heteronormativa. Entretanto, eles não são da mesma natureza. Apesar de se apoiarem em táticas midiáticas e proposições semelhantes, como pedir o cancelamento de autores e a vigilância das escolas, estão em espectros ideológicos e políticos opostos. Além disso, há uma diferença considerável entre as reclamações de pais e mães militantes e as determinações de atores políticos institucionais, para a recolha e a proibição de obras: aqueles não têm o poder que estes têm.

Palavras-chave: discurso polêmico; sexualidade; livros para a infância; Kit Gay; Anne Frank.



## ABSTRACT

GOMES, Mayara Victor. Polêmicas em torno da sexualidade e livros para infância: um estudo interdisciplinar. 2024. Dissertação (Mestrado em Estudos da Condição Humana) – Universidade Federal de São Carlos, Sorocaba, 2024.

This work analyzes, interdisciplinarily, two contemporary controversies involving books written for children and the theme of sexuality. Specifically, it examines the controversy initiated by Jair Messias Bolsonaro about the book *Aparelho Sexual e Cia* in 2018, and the one provoked by Pietra Bertolazzi about the comic adaptation of *The Diary of Anne Frank* in 2021. Above all, this study seeks to understand how the discussion of sexuality topics with children is idealized and how these discussions are perceived in digital media. The relevance of this subject lies in its intrinsic relationship with the wave of conservatism that swept over Brazil, culminating in the electoral victory of the extreme right in 2018 and its undemocratic governance in the subsequent four years. To this end, it was necessary to establish dialogues between the researcher's primary field, French Tradition Discourse Analysis (DA), and other disciplines such as history, political science, social communication, etc. We started with two initial assumptions: first, that Brazilian society has a space where a significant amount of texts are produced and circulated regarding which books should be read by children, particularly in schools, when these books deal with topics related to human sexuality; and second, that within this space, there are at least two conflicting discursive positions: one that supports discussing sexuality with children in schools using educational books, aiming also to protect them from abuse and discrimination, and another that views this role as exclusively belonging to parents and responsible adults, not to government or school institutions. Books written for children often face attacks and scrutiny from different perspectives. Some questions arise from social struggles to change the status quo, such as anti-racist movements, while others come from conservative groups advocating for the maintenance and preservation of traditions, such as the heteronormative family. However, these issues are not of the same nature. Despite employing similar media tactics and propositions, such as calling for the cancellation of authors and the surveillance of schools, these groups are on opposite ideological and political spectrums. Moreover, there is a significant difference between the complaints of activist fathers and mothers and the determinations of institutional political actors to collect and ban works: the former do not wield the power that the latter do.

Keywords: polemic discourse; sexuality; books for childhood; Kit Gay; Anne Frank.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Capa e quarta capa do livro <i>Peppa</i> -----	p. 14
Figura 2 - Capa da primeira edição de <i>Caçadas de Pedrinho</i> -----	p. 17
Figura 3 - Ilustração de Rafael Sam para o livro <i>Narizinho Arrebitado</i> -----	p. 18
Figura 4 - Capa do livro <i>A família de Sara</i> -----	p. 19
Figura 5 - Capa do livro <i>A máquina de brincar</i> -----	p. 20
Figura 6 - Capa do livro <i>O menino que espiava pra dentro</i> -----	p. 23
Figura 7 - Capa da adaptação do quadrinho <i>O diário de Anne Frank</i> , em inglês -----	p. 24
Figura 8 - Ilustração de <i>Abecê da Liberdade</i> -----	p. 25
Figura 9 - Capa do livro <i>Aparelho Sexual e cia</i> -----	p. 26
Figura 10 - Bertolazzi e Bolsonaro -----	p. 39
Figura 11 - <i>Ethos</i> efetivo de um discurso -----	p. 49
Figura 12 - Zine <i>KIT GAY: atividades lúdicas para toda a família!</i> -----	p. 56
Figura 13 - Feira Perifacon de 2023 -----	p. 57
Figura 14 - Feira Miolo(s) de 2023 -----	p. 58
Figura 15 - Feira Des.gráfica de 2019 -----	p. 59
Figura 16 - Capa e quarta capa do livro <i>KIT GAY: atividades Lúdicas para toda família!</i> ----- -----	p. 61
Figura 17 - Onde está a família brasileira? -----	p. 62
Figura 18 - Introdução do livro <i>KIT GAY: atividades Lúdicas para toda família!</i> -----	p. 63
Figura 19 - É tudo Sacanagem! -----	p. 65
Figura 20 - Busca por Kit Gay, Imagens -----	p. 67
Figura 21 - Capas e selos -----	p. 71
Figura 22 - Representação do diálogo de Anne Frank com a amiga Jack -----	p. 75
Figura 23 - O fascínio de Anne Frank pelo corpo feminino -----	p. 76
Figura 24 - Manchete da Veja de São Paulo, 06 jun. 2021-----	p. 77
Figura 25 - Imagem escaneada do manuscrito original do diário de Anne Frank -----	p. 78
Figura 26 - <i>Ethos</i> efetivo de um discurso -----	p. 79
Figura 27 - Minibiografia de Bertolazzi no <i>Youtube</i> , 2020 -----	p. 81
Figura 28 - Minibiografia de Bertolazzi no <i>Youtube</i> , 2024 -----	p. 82
Figura 29 - Minibiografia de Pietra Bertolazzi na Coluna Opinião da Folha de S. Paulo ----- -----	p. 82

Figura 30 - Comentário sobre Pietra no <i>Twitter</i> -----	p. 89
Figura 31 - Os assuntos de Pietra no <i>Youtube</i> -----	p. 90
Figura 32 - <i>Prints</i> do Diário Oficial e da coluna de Mônica Bergamo sobre Pietra -----	p. 90
Figura 33 - <i>Prints</i> do <i>Instagram</i> de Pietra sobre Femicídio -----	p. 91
Figura 34 - <i>Print</i> de manchete do Globo sobre Carlos Andreazza -----	p. 91
Figura 35 - Intercept_Brasil sobre o CEDET -----	p. 92
Figura 36 - Preço do quadrinho em português na livraria da Pietra -----	p. 92
Figura 37 - Antifeminista e influencer Pietra Bertolazzi em seu <i>Instagram</i> em 06 jun.2021----- -----	p. 94
Figura 38 - Pastor diz que crianças têm culpa de serem abusadas -----	p. 96
Figura 39 - Hanna Neelman com o marido e seus oito filhos -----	p. 98
Figura 40 - Nara Smith cozinhando biscoitos “oreos” -----	p. 98
Figura 41 - Ilustração de Ari Folman e David Polonsky -----	p. 101

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	13
<b>2</b>	<b>CAMINHOS DE PESQUISA E COMPLEXIDADE</b>	38
2.1	Outras confluências disciplinares de estudo	41
2.2	Interdisciplinaridade e Análise do Discurso de tradição francesa	43
2.3	Constituição do <i>corpus</i> da pesquisa	45
<b>3</b>	<b>KIT GAY 1, 2, 3...</b>	50
3.1	Kit gay 1, uma mentira política contemporânea	51
3.2	Kit gay 2, uma mentira política contemporânea e tecnológica	51
3.3	Kit gay 3, uma tentativa de reversão de estigma	56
<b>4</b>	<b>ANNE FRANK, TARADA?</b>	69
4.1	Sobre Anne Frank e seu famoso diário	69
4.2	Disputas envolvendo <i>O diário de Anne Frank</i>	70
4.3	Análise propriamente dita, ou o <i>ethos</i> de Pietra	79
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	103
	<b>REFERÊNCIAS</b>	109
	<b>APÊNDICE A</b>	125
	<b>APÊNDICE B</b>	128

## 1 INTRODUÇÃO

*O conhecimento é uma escolha tanto de um modo de vida quanto de uma carreira; quer o saiba ou não, o trabalhador intelectual forma-se a si próprio à medida que trabalha para o aperfeiçoamento de seu ofício; [...]*

*Isso significa que deve aprender a usar sua experiência de vida em seu trabalho intelectual examiná-la e interpretá-la continuamente.*

*(Mills, 2009, p.22)*

*Ceguei à teoria porque estava machucada – a dor dentro de mim era tão intensa que eu não conseguiria continuar vivendo. Ceguei à teoria desesperada, querendo compreender – aprender o que estava acontecendo ao redor e dentro de mim. Mais importante, queria fazer a dor ir embora. Vi na teoria, na época, um local de cura.*

*(hooks, 2013, p.88)*

Este trabalho, como diz sua epígrafe é fruto de dor, mas intenta superá-la para ser também cura. Demorei algum tempo para assumir que as motivações por trás da escolha do objeto da pesquisa eram pessoais, mas inspirada pela feminista bell hooks (2013) e pelo sociólogo Wright Mills (2009), arrisco dizer que enquanto pesquisadora, meu ofício é lapidar meu cotidiano, tirar dele um “artesanato intelectual” (Mills, 2009, p. 22), e direcionar minhas teorizações para tentar transformar minhas dores físicas e psíquicas, portanto pessoais, em algo que vá em direção à coletividade.

Expor essa dor é algo que jamais imaginei fazer em contexto acadêmico, entretanto, inserida no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Condição Humana da UFSCar/Sorocaba (PPGECH), me sinto compelida a fazê-lo. Encontro respaldo para isso em Wright Mills, para quem a intelectualidade pode ser um ofício artesanal e um exercício daquilo que ele nomeou de imaginação sociológica. Com esse posicionamento o autor assume, assim como eu, a inseparabilidade das vidas acadêmica e pessoal, para as quais a criatividade é uma aliada que evita o vazio tecnicista. Para o referido autor, Biografia e História são conceitos que se entrelaçam quando se trata do trabalho intelectual.

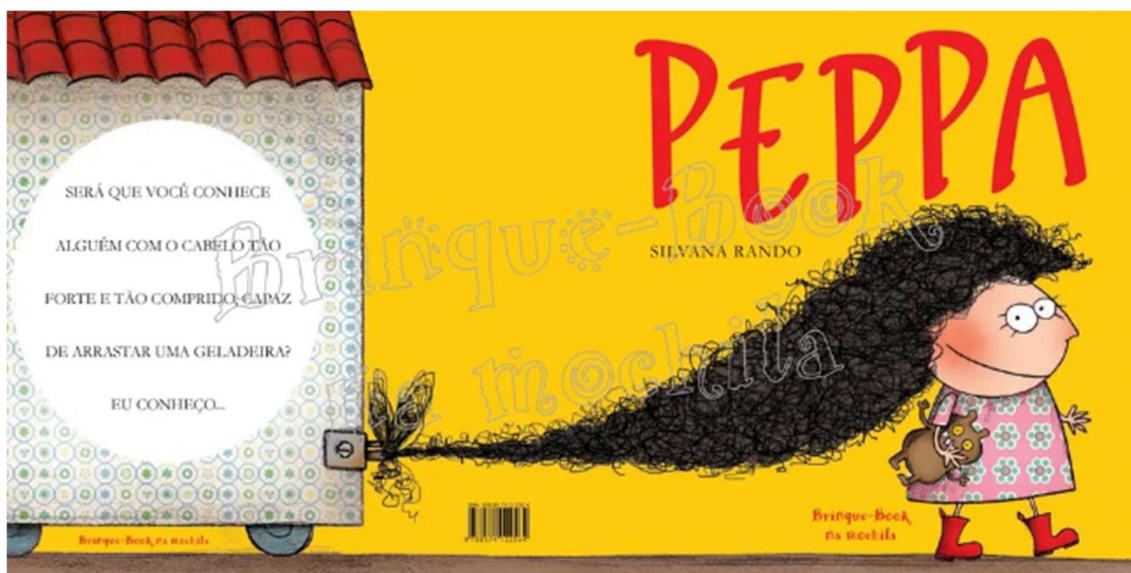
Assim, no universo metafórico do artesanato intelectual, somo minha experiência como livreira à minha formação nos estudos da linguagem para me debruçar sobre polêmicas que envolveram a temática da sexualidade e livros escritos para crianças, no Brasil, nos últimos anos. O interesse por essa temática foi motivado pelo meu cotidiano como livreira - na finada Livraria Cultura do Shopping Iguatemi de Campinas - no interior de São Paulo, de 2015 a 2017. Passei grande parte desse tempo como vendedora no departamento infantil, depois que meus

superiores notaram a facilidade com que eu apresentava algumas publicações tanto aos clientes, no *chão de loja*, quanto aos meus colegas, em oficinas de produto internas.

Para que encontrássemos tais publicações, de maneira aligeirada nós as dispúnhamos nas estantes em ordem alfabética, não de títulos, nem de autores, mas sim de nomes de editoras. Deste modo, os livros ficavam com suas lombadas viradas para fora, é importante dizer. Assim, quanto mais exemplares de um determinado título a livraria obtivesse, mais fácil se tornava encontrá-lo.

O livro *Peppa*, de Silvana Rando (2009), era um desses que a quantidade fazia com que sua localização fosse identificada rapidamente. O fato de o livro ter sido selecionado em programas como o Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE) e o Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) para compor acervos de bibliotecas escolares em todo o território nacional, corroborava a sua reposição frequente. Por isso, quando procurei por eles na prateleira, em 2017, fiquei surpresa por não encontrar nenhum. Ao telefonar para os fornecedores, fui informada da decisão da autora e da editora de recolher o material.

**Figura 1** - Capa e quarta capa do livro *Peppa*



Fonte: (Rando, 2009).

Intrigada, busquei por mais informações e constatei que o livro foi retirado das livrarias, em novembro de 2017, em consequência de uma polêmica gerada um ano e meio antes, em abril de 2016, na ocasião em que a comunicadora, ativista e empresária Ana Paula Xongani publicara suas oposições ao livro no *Youtube*, vinculando-o ao racismo. Nesse vídeo, que viralizou, Xongani propôs a seus interlocutores que fossem às escolas de seus filhos para

questionar se o livro estava sendo utilizado por elas e para dialogar com as direções a respeito da desvalorização causada pelo livro à autoestima das crianças negras. Nas palavras da ativista:

Eu tenho uma proposta. Bora ir nas escolas dos nossos filhos perguntar se este livro está vinculando. Bater um papo com essa direção. Tentar mostrar. Mostra esse vídeo e fala: - Oh, esse livro não é bacana. Ele não está valorizando a autoestima da minha filha. Ele não está falando das características físicas e naturais dos meus filhos. Bora fazer isso? (Peppa [...], 2016).

Contra isso, a escritora se posicionou, através da rede social *Facebook*, mencionando que o livro circulava nas escolas desde 2008, era premiado e reconhecido por muitos estudiosos dos livros escritos para crianças, por isso acreditava que, ao ignorar esse histórico, a interpretação de Xongani era tendenciosa. Segundo ela, *Peppa* seria uma história bem-humorada sobre a vaidade exagerada na infância e a troca da liberdade de brincar pela supervalorização dos padrões de beleza. Nas palavras da autora:

O livro *Peppa* de minha autoria existe desde 2008. Já ganhou prêmio, foi distribuído em rede municipal e reconhecido por muita gente séria, que entende pra caramba de literatura infantil. Mas em 2016, oito anos depois, a Ana Paula Xongani acha que descobriu a América. Faz uma interpretação totalmente tendenciosa sobre o livro, acusando-o de racismo, ignorando por completo o reconhecimento concedido a ele até então. O livro fala da vaidade exagerada, na infância, de trocar a liberdade de ser criança pelos padrões de beleza (Definitivamente [...], 2017).

Nesse ínterim, as discussões a favor e contra a obra se estenderam em torno da dupla antagonista *humor/racismo* no debate público, até que o vídeo viralizou pela segunda vez, em outubro de 2017, quando o professor e escritor Carlos Machado o republicou, também no *Facebook*. Machado, concordando com a primeira fala de Xongani, acrescentou que a obra era um “desserviço às crianças negras” (Definitivamente [...], 2017). Nesse segundo momento, a autora se manifestou de maneira diferente e optou por recolher a obra. Novamente no *Facebook*, escreveu:

Caríssimos amigos,  
Depois de ler e reler a opinião de todos a respeito do meu livro *Peppa*, gostaria de afirmar que se existe a chance de uma única criança se ofender com o seu conteúdo, prefiro que o livro deixe de existir, pois só assim meu trabalho fará sentido.  
Pedi a editora Brinque-Book recolher o livro com certa urgência. Meu pedido foi aceito e as providências já estão sendo tomadas.  
Peço desculpa para aqueles que se ofenderam com o livro, e esclareço que essa nunca foi a minha intenção, muito pelo contrário.  
Um grande abraço (Nascimento, 2017).

Assim, ao observar o caso de *Peppa*, dei-me conta da relevância de estudar polêmicas que envolvem livros escritos para o público infantil. Sobretudo, moveu-me o desafio de compreender o poder que elas têm sobre *o mundo concreto*, quando fazem com que objetos tão simbólicos como livros deixem de circular. Perguntava-me o que havia de extraordinário nas

circunstâncias para que *Peppa* deixasse de existir e *Caçadas de Pedrinho*, de Monteiro Lobato não? Bastou o recuo da autora? Essas e outras perguntas me levaram a adquirir alguns livros e a compor um arquivo no meu computador com textos e materiais sobre outros episódios polêmicos. No Brasil, é notável o número de ocorrências polêmicas relacionadas a livros escritos para o público infantil. A título de curiosidade, uma pesquisa simples no site de buscas *Google*, envolvendo as palavras “polêmica”, “livro” e “infantojuvenil” (ocorrendo obrigatoriamente juntas) trouxe aproximadamente 70.000 resultados. (Polêmica [...], 2023).<sup>1</sup>

Uma vista d’olhos nesse material permite observar que muitas delas foram desencadeadas por pais e mães que classificaram o conteúdo dos livros como inapropriado para ser lido por seus filhos nas escolas. Essas manifestações escritas e orais, nas mais diversas esferas midiáticas, sobre a escrita destinada preferencialmente à infância levantaram debates a respeito de temas morais, psicológicos, sociais, étnico-raciais e tocantes à sexualidade. Alguns livros, assim como *Peppa*, se destacaram:

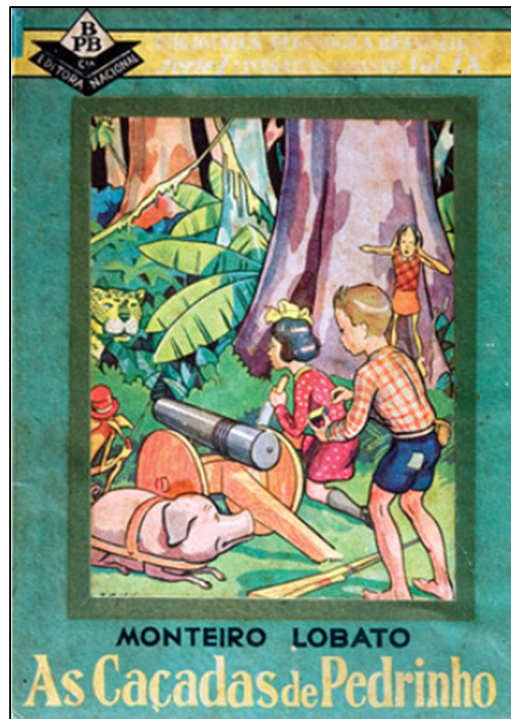
*Caçadas de Pedrinho*, de Monteiro Lobato, despertou a polêmica mais conhecida envolvendo livros escritos para o público infantil, no país, pois está circunscrita em uma discussão mais robusta e antiga acerca do antirracismo no Século XXI. Iniciou-se em 2010, a partir da denúncia do técnico em gestão educacional Antônio Gomes da Costa Neto à ouvidoria da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPIR). O querelante questionou a utilização do livro pela Secretaria da Educação do Distrito Federal (SEEDF) e pelo Programa Nacional de Biblioteca na Escola (PNBE), alegando que *Caçadas de Pedrinho* “veicularia preconceitos e estereótipos contra grupos étnicos raciais” (Feres, Nascimento e Eisenberg, 2013; Neto, 2015; Monteiro, 2020).

---

<sup>1</sup> Por “simples” entenda-se que foram utilizadas técnicas comuns de pesquisa fornecidas pelo próprio suporte do buscador em: AJUDA da Pesquisa Google. Disponível em: <https://support.google.com/websearch/answer/2466433>. Acesso em: 05 jun. 2021 Como por exemplo usar aspas para obter uma correspondência exata das palavras e o sinal de soma para que os resultados não saíssem da temática.



**Figura 2** - Capa da primeira edição de Caçadas de Pedrinho



Fonte: (As caçadas[...], 2024).

Vale salientar, que Monteiro Lobato é considerado o pai da literatura infantil brasileira, por ter sido o primeiro (no quadro nacional) a dar importância à ludicidade em obras dedicadas às crianças, o que até então não era feito, pois predominava o caráter moralizante nos textos, que tinham, em sua maioria, fins escolares. Tal reconhecimento concedido ao autor explica, em parte, as tentativas malsucedidas de fazer com que seus livros deixem de circular, ainda que encerrem elementos racistas e eugenistas. Além disso, suas obras e personagens estão no imaginário afetivo e nacionalista<sup>2</sup> da população, há mais de 60 anos. Atualmente, alguns de seus livros contam com um prefácio explicativo escrito por Cleo Monteiro Lobato (bisneta do autor) e Nereide Santa Rosa (editora da *Underline Publishing*) e, “um glossário sobre as alterações feitas e as definições dos termos em desuso” (Lobato, 2021).

<sup>2</sup> Para Anderson (2008, p. 32), a nação é “[...]uma comunidade política imaginada – e imaginada como sendo intrinsecamente limitada e, ao mesmo tempo, soberana.”, ou seja, ela é *imaginada* por que é formada por pessoas que jamais se encontrarão, mas que têm uma sensação de pertencimento, de comunhão entre si, que mesmo sem se conhecerem prezam pelo que acreditam que há de comum entre elas e pelo que escolhem (conscientemente) esquecer. Esquecer o racismo estrutural através do mito da democracia racial, por exemplo. Daí a escolha da noção de *imaginadas*, ao contrário de *imaginárias*, porque mais do que denunciar as limitações e os preconceitos, Anderson pretende entender como o nacionalismo capta os anseios e as esperanças reais, nascidas no calor do conflito social.

**Figura 3** - Ilustração de Rafael Sam para o livro *Narizinho Arrebitado*



Fonte: (Lobato, 2023).

*A família de Sara*, de Gisele Gama, provocou polêmica sobre os diferentes tipos de configuração familiar, em 2015. Inicialmente, um pai de alunos do 2º ano do Colégio Marista de Brasília, uma escola católica, achou que o tema da obra fosse contra a formação tradicional da família, defendida pela Igreja Católica, e publicou um artigo num site católico internacional de notícias sobre o assunto.<sup>3</sup> Em entrevista para o jornal *Bom dia DF*, esse mesmo pai (cujos filhos não fizeram a leitura do livro, porque eram de outra turma) afirmou que de fato algumas crianças podem se sentir magoadas com essas datas comemorativas, mas que isso não era um tema adequado para ser tratado entre crianças de seis anos de idade. Para ele, isso desconsideraria a opinião de uma parte das famílias das crianças da escola, que são católicas. Logo após essa publicação, a escola retirou o livro do planejamento e isso fez com que outros pais e mães se manifestassem a favor da mesma obra, ao ponto de criarem a campanha *#voltasara*, no *Facebook*. A matéria do *Bom Dia DF* também ouviu alguns representantes desse posicionamento. Uma das mães, que tem uma menina de sete anos matriculada na escola afirmou que não viu nada de errado no tema e, que a polêmica foi causada por um erro de interpretação, especialmente, porque o livro não discute Gênero:

<sup>3</sup> O artigo em questão não está mais disponível na página da revista, mas pode ser recuperado através do site *The Wayback Machine* (uma espécie de museu de dados digitais, criado pela organização sem fins lucrativos *Internet Archive* que proporciona um modo de visualização de arquivos do passado. JACOBINA, Paulo Vasconcelos. Ecos da ideologia de gênero em uma escola católica de Brasília. *Zenit*. 25 jun. 2015. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20151004005512/http://www.zenit.org/pt/articles/ecos-da-ideologia-de-genero-em-uma-escola-catolica-de-brasilia>. Acesso em: 04 mar. 2024.

Eu li o livro, antes da minha filha ler o livro e achei o livro tranquilíssimo. Não vejo problema nenhum no livro. Acho que o livro traz conteúdo para agregar e não para segregar. Quando a mãe explica para a filha as diferentes formas de família. Ela fala, olha, você tem famílias que não têm pai, que não têm mãe, que têm pai, tem madrasta, têm mãe, têm padrasto, tios, avós, mães, pais, só isso. Ela não entra em nenhuma discussão de gênero, de nada. Isso está na cabeça, na minha opinião, de uma interpretação absolutamente equivocada de quem quer trazer, para o livro, um viés que ele não tem, de forma alguma. (Livro [...], 2015; Pais [...], 2015).

O livro conta a história da personagem Sara, que foi adotada por uma família composta de uma mãe solteira e dois irmãos. A menina também tem quatro primos, tio, tias, avô, avó, madrinha, mas apesar disso ainda sofre muito com ausência do pai, e conseqüentemente com a festa do Dia dos Pais, na escola. No decorrer da narrativa, a instituição entende o sofrimento de Sara e cria uma data comemorativa que contempla outras formas de constituir família: o dia do amor.

**Figura 4** - Capa do livro *A família de Sara*

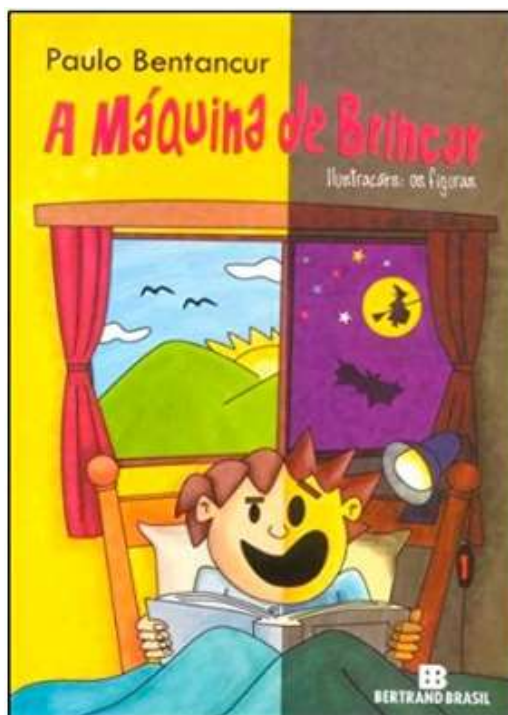


Fonte: (Andrade, 2021).

*A Máquina de Brincar*, de Paulo Bentancur, horrorizou mães de Vitória - ES, em 2014, por ser utilizado nas escolas públicas, com crianças de nove anos, e por mencionar Deus e o Diabo em poemas, mostrando lados negativos e positivos dessas duas figuras. A primeira mãe a se manifestar (no *Facebook*) foi Janilda Prata, e até o fechamento da matéria *Livro infanto-juvenil com conteúdo controverso causa revolta entre mães nas redes sociais*, do *Jornal de Brasília*, de 08 de julho de 2014, o *post* chegou a 6 mil compartilhamentos (Livro [...], 2014). E seguiu sendo compartilhado, até pelo menos 08 de maio de 2019 - registro mais recente que encontrei referente ao *post* original. Trechos que descrevem o Diabo, como um possível amigo,

e Deus, como uma criança que se escondeu com medo de descer do céu, são os que mais chocam aqueles que compartilham o post.

**Figura 5** - Capa do livro *A máquina de brincar*



Fonte: (Bentancur, 2005).

*Enquanto o sono não vem*, de José Mauro Brant, teve mais de 90.000 exemplares retirados das escolas pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC), em 2017, porque um dos contos da coletânea, *A Triste História de Eredegalda*, foi entendido pela justiça como inadequado à faixa etária dos três primeiros anos do Ensino Fundamental. A história narra o desejo de um rei de se casar com uma de suas três filhas, que morre de sede e isolada ao negar o pedido do pai. (Dias, 2017; Castro, 2017). O livro pertence à coleção *E quem quiser que conte outra...* do selo *Jovens Leitores*, da Editora Rocco. Já circulava há 14 anos, no mercado brasileiro, quando passou a constar na lista do Programa Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC), no governo Dilma, em 2014, e para isso foi previamente avaliado e aprovado pelo Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (CEALE-UFMG). A natureza da obra, que reúne versões recentes de oito contos populares, foi defendida pelo autor, em entrevista ao jornal G1: “Há uma desinformação do que é o conto folclórico e dos contos de fada, que são territórios que abordam

assuntos delicados. A gente está falando de um universo simbólico. É uma história que dá voz a uma vítima” (Albuquerque, 2021).

Na entrevista, Brant, que além de escritor é também contador de histórias, fez considerações a respeito da capacitação dos professores para lidar com a mediação das leituras em sala de aula:

Quando o contador sabe mediar a história, ela ganha outro aspecto. Há pouca capacitação em mediação. As pessoas acham que o material literário é o mesmo que didático, mas o literário é arte. Falta a capacidade de respeitar o universo dos contos e apresentá-los na hora certa ao público certo [...] foram milhões gastos em literatura para as escolas, não para os bolsos dos políticos. O PNAIC deveria mandar junto com os livros esse tipo de capacitação. Talvez o projeto esteja chegando pela metade, talvez falte mais informação. Se a gente for censurar Eredegalda, vamos censurar irmãos Grimm, Monteiro Lobato. (Albuquerque, 2021).

**Figura x** - Capa do livro *Enquanto o sono não vem*



Fonte: (Brant, 2003).

*O menino que espiava para dentro*, de Ana Maria Machado, de 1983, foi entendido como apologia ao suicídio por vários usuários do *Facebook*, que compartilharam o mesmo conteúdo, em setembro de 2018. Especula-se que a autoria do texto, que circulou nas redes sociais, seja de uma mãe de Recife. “No *Facebook*, pessoas passaram a compartilhar o post como se fossem de sua própria autoria – o texto foi escrito em primeira pessoa, daí a confusão -, gerando uma investida coletiva à obra” (Penzani, 2018). O trecho que circulou, dizia:

Meu filho acabou de me perguntar se era verdade que se ele engasgasse com uma maçã e ficasse sem respirar, ele conseguiria ir até o encontro do seu mundo da imaginação... Eu de imediato falei que não e expliquei que ele correria grande perigo e provavelmente morreria sem ar, deixando todos que o amam muito tristes.



E perguntei: Mas porque você está me perguntando isso, filho? Ele me disse que o menino do livro que estava lendo tem um amiguinho imaginário que mandou ele fazer isso, ou seja, que se engasgasse com uma maçã, ele acabaria com todos os seus problemas! Faço um apelo aos pais, que conversem, monitorem e protejam seus filhos dessas estimulações perigosas que estão por toda parte.

O livro conta a história de Lucas “um menino que presta muita atenção em tudo” (Machado, 2008, p. 06) e, que segundo seu avô vive *espiando para dentro* - uma habilidade de fabular a partir de qualquer objeto - a mesa de jantar se transforma numa cabana, a rede num navio pirata, o edredom da cama dos pais no fundo do mar e assim por diante. Dormir, na narrativa, é como os adultos fazem para poder *espiar para dentro*, mas somente Lucas consegue essa feita de sonhar acordado e em qualquer lugar. E isso, para ele, era melhor do que “viver nos mesmos lugares que todo mundo” (Machado, 2008, p. 16). O problema é que ele foi ficando cansado de ir e vir do mundo real, então fez um plano para ir viver com seu amigo imaginário, Tátá, no mundo *de dentro*, isto é, no mundo da fantasia, por 100 anos, tal qual a Bela Adormecida. Na dificuldade de encontrar uma roca com fuso para espetar o dedo como a Bela, ele decide que é mais fácil ser um “Branco de Neve”, comer uma maçã, “engasgar” com ela, dormir muito tempo e ficar anos e anos espiando pra dentro até que alguém lhe dê um beijo e quebre o encanto (Machado, 2008, p. 21). Assim, quando estava sozinho na hora de dormir, o personagem dá uma mordida e finge que se engasga com um pedaço de maçã e começa a imaginar.

Viu tantos lugares, nadou tantos mares, voou pelos ares. Viu cavalos e castelos, viu bosques de caramelos, viu piratas e palhaços, viu vaqueiros e viu laços, viu automóveis-leões, viu parque de diversões, viu carrossel de dragões. [...] Tanto viu, tanto viu, que o mundo lá fora sumiu (Machado, 2008, p. 25).

Até que as referências do mundo exterior que alimentavam seus sonhos lúcidos vão se esgotando e o garoto adormece.

É que o tempo ia passando e o sonho ia gastando. Tantas horas, tantos dias, tantas semanas tantos meses, tantos anos, as coisas de lá fora iam acabando, apagando, indo embora. Sem nada novo para olhar, ficava difícil lembrar. Cada vez mais trabalhoso, mais duro. Como se existisse um muro. Até que ficou só o escuro. Não dava pra espiar mais, para ver nada nem na frente nem atrás. Só aquele breu profundo. Ele, de um lado. Do outro o mundo (Machado, 2008, p. 26-27).

E é despertado pelo carinho da mãe.

De repente um beijo, um abraço, os olhos se abrindo, a luz brilhando no espaço.

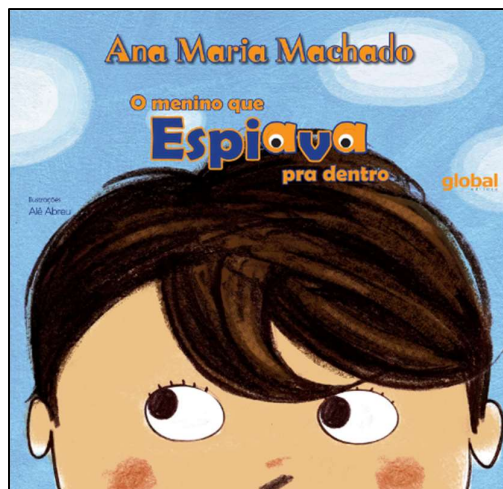
– Você é uma princesa?

A mãe riu:

– Ainda está dormindo meu filho? Ande, acorde que está na hora de ir para a aula, chega de tanto sonhar (Machado, 2008, p.27-28).

No fim, Lucas ganha de presente algo que lhe dá motivo para passar mais tempo no mundo “de fora”, vivendo de “verdade para o mundo interno ter mais variedade”: Um cachorro, o qual nomeia com o mesmo nome do amigo imaginário (Machado, 2008, p.27-28). Escolhi prolongar um pouco mais a descrição deste livro, pois julgo importante essa representação da infância contida nele, que diz respeito ao demorar-se da criança no *mundo da imaginação*. Algo já estudado por nomes importantes da sociologia da infância, como Sarmiento e Cerisara (2004), que postulam a universalidade nas culturas infantis, isto é, as crianças exprimem a cultura social em que se inserem de modo distinto dos adultos, veiculando formas “especificamente infantis de inteligibilidade, representação e simbolização do mundo” (Sarmiento e Cerisara, 2004, p. 22). Segundo esses autores, a inventariação dos princípios e regras das *culturas da infância* poderia começar com quatro eixos estruturadores: *A interatividade, a ludicidade, a fantasia do real e a reiteração*. Duas dessas especificidades me interessam mais: a ludicidade, que remete à brincadeira como elemento fundamental da aprendizagem e da sociabilidade. Brincar é uma característica não só da criança, está presente também no adulto. A criança, contudo, brinca “contínua e abnegadamente”, diferentemente do adulto que separa tempo para trabalho e para lazer, por exemplo; e a fantasia do real é a capacidade de transpor e reconstruir as experiências a partir da criatividade e do imaginário. Nas culturas da infância, realidade e fantasia coexistem. A fantasia do real é condição central da capacidade de resistência da criança face às situações que lhe são dolorosas. Condição esta que escapa àqueles que compartilharam essa mensagem pelas mídias digitais, demonstrando uma certa dificuldade de operar com o simbólico.

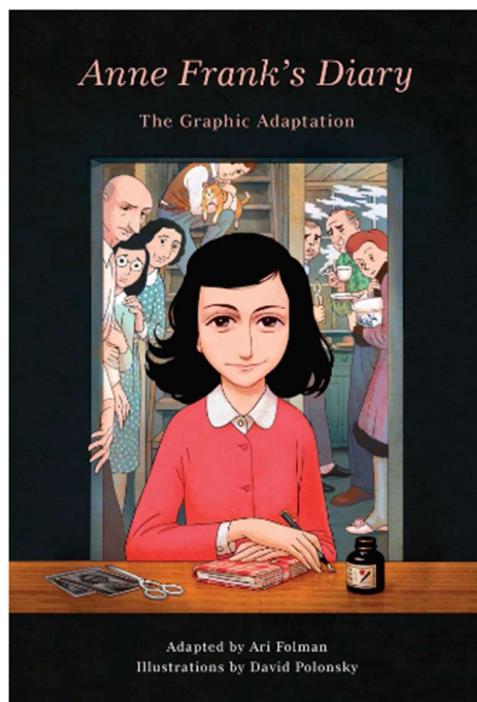
**Figura 6** - Capa do livro *O menino que espiava pra dentro*



Fonte: (Machado, 2008).

*O diário de Anne Frank* em quadrinhos, de Ari Folman e David Polonsky, que repercutiu após comentários da “DJ” Pietra Bertolazzi em seu *Instagram*, em 2021, afirmando que os adaptadores do quadrinho retrataram Anne Frank como uma garota libertina e tarada. (A Erotização [...], 2021). Falarei mais sobre isso no Capítulo 5, visto que essa é uma das polêmicas escolhidas para análise.

**Figura 7** - Capa da adaptação do quadrinho *O diário de Anne Frank*, em inglês



*Fonte: (Folman, 2018).*

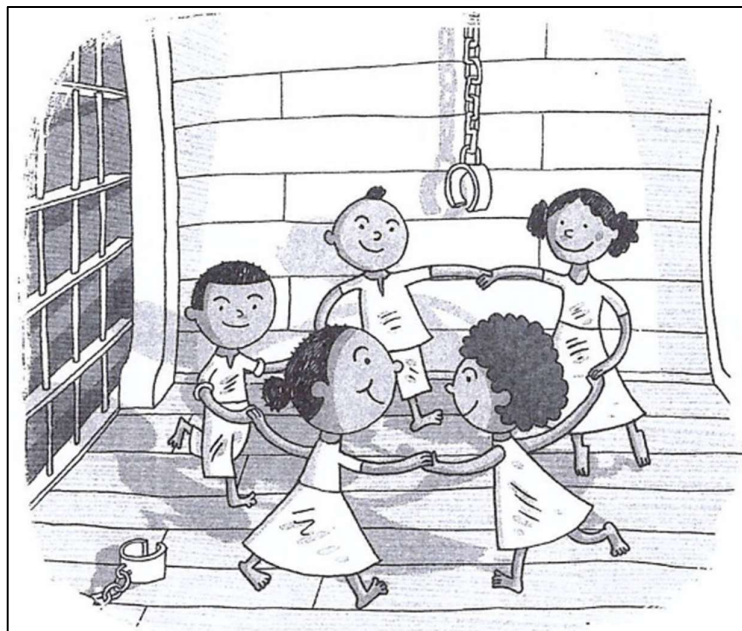
*ABêCê da liberdade: a história de Luiz Gama, o menino que quebrou correntes com palavras*, de José Roberto Torero, Marcus Aurelius Pimenta e ilustrações de Edu Oliveira – foi recolhido pela editora Companhia das Letras, em setembro de 2021. Após uma reportagem do site de notícias *Uol*, que trouxe à tona as críticas de uma cientista social e um antropólogo a respeito da obra, especialmente, de um trecho que julgaram como deturpador da realidade da população negra durante o período da escravidão no Brasil. A passagem que causou mais controvérsia dizia:

Eu, a Getulina e as outras crianças estávamos tristes nos (*sic*) começo, mas depois fomos conversando, daí passamos a brincar de pega-pega, esconde-esconde, escravos de Jó (o que é bem engraçado, porque nós éramos escravos de verdade), e até pulamos corda, ou melhor, corrente [...] Nem parecia que íamos ser comprados por pessoas brancas e trabalhar de graça para elas até a morte (Artuni, 2021; Alcantara, 2021).



E estava relacionada a seguinte ilustração:

**Figura 8** - Ilustração de *Abecê da Liberdade*



Fonte: (Torero; Pimenta, 2015, p. 27).

A sugestão de que as crianças poderiam, de alguma maneira, estar brincando de roda, sorrindo e até se divertindo num navio negreiro causou ojeriza em Lourival Aguiar, doutorando em Antropologia pela USP, que comentou:

Como pai e pesquisador de relações raciais, foi constrangedor ler o livro. O maior problema, para mim, é a romantização deste período de terror da história do Brasil. A maneira como está colocado no texto e nas ilustrações tira a importância do que foram esses fatos. A escravização foi real. O sofrimento foi real e deixou marcas históricas na forma como o negro é visto (Alcantara, 2021).

A editora, além de recolher os exemplares, se desculpou pelo ocorrido, através do *Instagram*:

Recebemos recentemente críticas importantes ao conteúdo do livro "Abecê da liberdade", de José Roberto Torero e Marcus Aurelius Pimenta, publicado originalmente pelo selo Alfabeta Infantil, da editora Objetiva, e incorporado, na reimpressão, ao selo Companhia das Letrinhas.

Lamentamos profundamente que esse ou qualquer conteúdo publicado pela editora tenha causado dor e/ou constrangimento aos leitores ou leitoras. Assumimos nossa falha no processo de reimpressão do livro, que foi feito automaticamente e sem uma releitura interna, e estamos em conversa com os autores para a necessária e ampla revisão.

De toda maneira, como consideramos a crítica correta e oportuna, imediatamente disparamos o processo de recolhimento dos livros do mercado e interrompemos o fornecimento de nosso estoque atual. Esta edição agora está fora de mercado e não voltará a ser comercializada.

Aproveitamos para reforçar que estamos atentos aos processos de mudança em nossa sociedade e temos buscado formas de reler, a partir de uma perspectiva mais democrática e inclusiva, as obras infantis da Companhia, que são publicadas desde 1992, quando a Companhia das Letrinhas foi fundada. Há também um compromisso com os novos títulos: eles devem estar alinhados com as diretrizes de pluralidade e inclusão que vêm regendo o Grupo como um todo.

Reconhecemos nosso erro e pedimos, mais uma vez, desculpas aos leitores. Estamos dispostos e abertos para aprender com esse processo, para dele sairmos, todos nós, muito melhores (Companhia, 2021).

Outras ocorrências envolvendo livros infantis, por outro lado, fizeram-se notórias pelo viés claramente oportunista pelo qual foram tomadas. Como foi o caso de *Aparelho sexual e cia: Um guia inusitado para crianças descoladas* de Philippe Chappuis e Hélène Bruller, que ficou conhecido nas eleições de 2018 como parte do “Kit Gay” – alcunha depreciativa que Jair Messias Bolsonaro, então candidato à presidência, usou para referir-se ao projeto Escola sem Homofobia. (Jair [...], 2018).

**Figura 9** - Capa do livro *Aparelho Sexual e cia*



Fonte: (Bruller, 2018).

É importante salientar que outros políticos se espelharam em Bolsonaro nessa prática alarmista. Marcelo Crivella, por exemplo, quando foi prefeito do Rio de Janeiro, determinou que a história em quadrinhos *Vingadores: A cruzada das crianças*, de Allan Heinberg e Jim Cheung, fosse recolhida da Bienal do Livro, em 2019, afirmando que estava protegendo os menores de conteúdo impróprio. (Grinberg e Ristow, 2019). Da mesma forma, quando foi governador de São Paulo, João Dória mandou retirar o livro de ciências das escolas da rede

estadual da coleção, afirmando que seu governo não concordava, nem aceitava apologia à “ideologia de gênero”. (Paixão, 2019).

No município de Sorocaba, interior de São Paulo, assim que assumiu seu primeiro mandato, o prefeito Rodrigo Manganhato, Manga, como é mais conhecido, usou seu *Facebook* para atacar a gestão anterior por comprar exemplares do livro *No meu corpo mando eu*, de Antonio Carlo Egypto e Maria Moura Egypto e do livro *Deus me livre!*, de Rosa Amanda Strausz e Myrna Maracajá. (Sestrem, 2021).

É preciso dizer que não é somente no Brasil. Transborda pelo mundo toda uma onda de proibições e de censura de livros. A esse respeito, chamou minha atenção o documentário *ABC da proibição de livros*, disponível no *Streaming da Paramount*, que denuncia o banimento, a restrição e a remoção de mais de 2000 obras das escolas públicas, em 37 estados dos Estados Unidos. A distinção do curta-metragem está no fato de que nele, foram ouvidas as opiniões das crianças que leram algumas dessas obras recolhidas. Uma delas é Yeye, uma menina negra, de 9 anos, que não entende por que o livro ilustrado sobre a vida da antissegracionista Rosa Parks<sup>4</sup> foi censurado e faz uma pergunta direta a quem o censurou:

Se você foi a pessoa que ajudou a proibir este livro, por quê? Simplesmente, por quê? Você acha que Rosa Parks é uma pessoa ruim ou o seu legado é ruim? Você acha que as pessoas não deviam conhecer o legado dela? Por que você escolheu fazer isso? Fico curiosa, por quê? (The Abcs[...], 2023 – tradução minha).

Não existe resposta fácil para a pergunta de Yeye. Como visto até aqui, livros escritos para crianças sofrem, frequentemente, ataques e questionamentos oriundos de diversos posicionamentos, nas sociedades as quais se pretendem pluralistas e democráticas, como a nossa. Há questionamentos a partir de lutas sociais para a mudança do *status quo*, como a antirracista, mas há também aqueles da disputa conservadora, que apelam pela manutenção e preservação das tradições, como a família heteronormativa. Entretanto, eles não são da mesma natureza. Apesar de se apoiarem em táticas midiáticas e proposições semelhantes, como pedir o cancelamento de autores e a vigilância das escolas, estão em espectros ideológicos e políticos opostos. Além disso, há uma diferença considerável entre as reclamações de militantes e as

---

<sup>4</sup> Trata-se do livro *Rosa*, de Nikki Giovanni e Bryan Collier. Além deste, também foram mencionados pelo documentário: *Slaughterhouse-Five*, de Kurt Vonnegut; *Go Tell It on the Mountain*, de James Baldwin; *Maus: a survivor's tale: my father bleeds history*, de Art Spiegelman; *The bluest eye*, de Toni Morrison; *M.L.K.: Journey of a king*, de Tonya Bolden; *The life of Rosa Parks*, de Kathleen Connors; *The kite runner*, de Khaled Hosseini; *The Hobbit or there and back again*, de John Ronald Reuel Tolkien; *Pride: the story of Harvey Milk and the rainbow flag*, de Rob Sanders e Steven Salerno; *The 1619 project*, de Nikole Hannah-Jones; *The handmaid's tale*, de Margaret Atwood.

determinações de atores políticos para a recolha e a proibição de obras: aqueles não têm o poder que estes têm.

Nota-se que as polémicas em torno da questão racial, como as que envolveram *Peppa*, *Caçadas de Pedrinho* e *Abecê da liberdade* são capazes de alimentar o debate público por muito tempo e até de modificarem a forma de circulação dos livros nas escolas. Mas não ao ponto de impulsionar a eleição de um presidente como é o caso das polémicas que colocaram em jogo a infância e a sexualidade, tal qual aquela desencadeada pelo ex-presidente Jair Messias Bolsonaro, a respeito do projeto Escola sem Homofobia (em 2004), que envolveu o livro *Aparelho sexual e cia*, e pode ter sido uma das razões favoráveis à sua vitória nas eleições presidenciais de 2018, como observaremos melhor no Capítulo 3.

A temática da sexualidade humana vem ganhando cada vez mais lugar nas discussões públicas no Brasil e no mundo. Nos últimos 60 anos, três principais acontecimentos fomentaram esses debates e fizeram com que ela fosse associada aos direitos humanos, são eles: o advento das pílulas anticoncepcionais que impulsionaram a redefinição dos padrões de reprodução e modelos de família, na década de 1960, a emergência dos movimentos feministas e do movimento gay nos anos 1970 e o impacto mundial da epidemia da Aids, em meados de 1980 (Fossey, 2011).

Além disso, seguindo as linhas mais gerais dos documentos acerca dos direitos humanos, a *Conferência sobre População e Desenvolvimento*, ocorrida em 1994, no Cairo, também foi crucial para a consolidação da sexualidade como um direito. Nesta conferência, realizada pela Organização das Nações Unidas (ONU), estabeleceu-se um consenso entre as nações (representadas ali) de que *desenvolvimento econômico e social* diz respeito à educação, acesso à informação e equidade entre os sexos (Fossey, 2011).

Nesse contexto dos anos 1990, o Estado brasileiro se alinhou a outros países (ocidentais) e a tais diretrizes da ONU para incentivar políticas de fomento à educação sexual – entendendo a ideia de *educar* como um meio de construir uma sociedade *menos preconceituosa, mais democrática e mais saudável*. Isso acarretou a disseminação em larga escala de conceitos como os de *sexo seguro, métodos contraceptivos, saúde e direitos sexuais e reprodutivos* (Fossey, 2011).

Obviamente, essa disseminação não ocorreu sem entraves. Em um movimento paralelo, a Igreja católica também fez circular documentos contendo a sua própria perspectiva a respeito de práticas sexuais seguras, a qual estava (e ainda está) majoritariamente associada a geração de filhos e, conseqüentemente ao conceito de família composta por um homem e uma mulher casados. Desse modo, a propagação de ideias como as de sexo seguro e contracepção,

principalmente nas escolas foi (e continua sendo) duramente rechaçada pela Igreja que defende outro conjunto de ações para que as pessoas vivam sua sexualidade (Fossey, 2011).

Na tese de doutorado *Polêmica sobre Sexo Saudável: uma abordagem discursiva*, a linguista Marcela Fossey estudou esses dois posicionamentos (do Estado e da Igreja), chamando-os de *Laico* e *Católico*, respectivamente. A autora insistiu no fato de que, ao contrário do que se possa imaginar, a sexualidade humana é um tema católico por excelência, evidenciado pela obrigatoriedade do celibato e da castidade para os padres e freiras e para todos os não casados. A autora demonstra que a proposta de educação sexual da Igreja está intimamente ligada às ideias de *família, matrimônio e castidade* fundamentadas na Bíblia, e nos próprios documentos produzidos no interior da Igreja, especialmente pelo alto clero.

O trabalho de Fossey se insere na antevéspera da polêmica sobre o Projeto Escola sem Homofobia (ESH) e, por isso é importante para a compreensão do contexto histórico em que se insere as polêmicas sobre sexualidade que envolveram livros escritos para o público infantil, ocorridas a partir de 2018. A autora relembra que, em 1997, o programa de educação sexual foi introduzido nas escolas, por determinação do Ministério da Educação (MEC), a partir da elaboração dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). Um dos temas transversais propostos, para ser abordado nas oito séries do ensino fundamental, foi o da orientação sexual, junto a outros temas, como: ética, saúde, meio ambiente, pluralidade cultural - e trabalho e consumo nas últimas quatro séries. Os temas transversais deveriam funcionar, permeando as disciplinas convencionais (Português, Ciências, Matemática...) na grade curricular. Ou seja, o assunto precisava ser trazido para a sala de aula, dentro do horário das disciplinas *tradicionais*. Segundo a compreensão de Fossey, essas ações se baseiam em dois princípios:

- i. O de que **a sexualidade é uma necessidade humana básica**, que tem reflexos na personalidade de todo indivíduo e que tem papel essencial para o bem-estar individual, interpessoal e social. Os **direitos sexuais** são, então, associados aos **direitos humanos universais**, os quais, por sua vez, estão embasados nas noções de liberdade inerente, dignidade e igualdade de todos os seres humanos;
- ii. O de que é necessário proporcionar a todos os cidadãos **acesso a um saber a respeito do sexo por meio de políticas educacionais**, tornando-os aptos a assumir sua sexualidade de modo positivo e **responsável** (Fossey, 2011, p. 22 – grifo meu).

Esses dois princípios, segundo a autora, configuram uma perspectiva enunciativa que envolve não apenas *direitos*, mas também *responsabilidades*, pelas consequências que as práticas sexuais apresentam, como as Doenças Sexualmente Transmissíveis (DSTs) e a gravidez na adolescência. “Assim, a noção de ‘sujeito que sabe e é responsável’ atravessa todo

o conjunto de diretrizes e recomendações que estão buscando formar cidadãos conscientes de sua sexualidade” (Fossey, 2011, p. 22). Recomendações essas que só podem constar em documentos como os PCNs, atribuindo a responsabilidade pela educação sexual dos sujeitos ao Estado, porque a sexualidade incide sobre problemas que afetam a sociedade como um todo – problemas como “bem-estar individual, o papel social do homem e da mulher, o respeito por si e pelo outro, as discriminações e os estereótipos atribuídos e vivenciados em seus relacionamentos, o avanço da AIDS e da gravidez indesejada na adolescência” (Fossey, 2011 p. 23).

Fossey afirma ainda que

A inserção do debate em torno da saúde sexual e reprodutiva no campo dos direitos humanos contribuiu para o entendimento generalizado de que as ações educativas que visem à gestão dos problemas oriundos das práticas sexuais dos indivíduos são atribuições das esferas governamentais (Fossey, 2011, p.23).

No entanto,

A sexualidade humana, para a Igreja Católica, tem outras conotações e está profundamente associada à união conjugal entre um homem e uma mulher. Não se pode – diz a Igreja – separar arbitrariamente as ‘duas dimensões do ato conjugal’ (‘unitiva’ e ‘procriativa’). Somente no matrimônio, cuja função é a formação da família, é que a prática sexual pode ser uma prática legítima (Fossey, 2011, p.23).

Deste modo, os textos analisados pela autora, que refletem o posicionamento *Católico*, defendem que as campanhas e os documentos do Estado funcionam como incentivo à promiscuidade, ainda que sejam pautados em resoluções definidas por organizações mundiais como a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), a Organização Mundial de Saúde (OMS), a Organização das Nações Unidas (ONU) e o Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas para a Mulher (UNIFEM). Assim, as propostas laicas que se desenvolveram, nos anos 1990, foram entendidas, pela Igreja Católica, como uma ameaça a ser vencida. “Neste sentido, um alerta aos pais é frequentemente feito, a fim de torná-los cientes dos perigos que uma cultura secularizada oferece a (*sic*) educação moral e sexual de seus filhos” (Fossey, 2011, p. 25).

Este cenário, descrito por Fossey em sua tese, complexificou-se com as dinâmicas globais de reação ao Gênero. Um conceito mobilizado desde os anos 1970, dentro do arcabouço feminista, para pensar o binarismo e a suposta naturalidade da categoria sexo, mas que ganhou notoriedade quando foi discutido por Judith Butler, no livro *Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity* (Problemas de Gênero: Feminismo e a subversão da identidade), em 1990. Neste livro, apesar de o foco de Butler ter sido discutir os conflitos sobre a abordagem de gênero no interior do próprio campo feminista, a noção propagou-se rapidamente fora da

área e foi utilizada em conferências da ONU, documentos internacionais e em textos de intelectuais católicos e documentos da Igreja. Mais tarde, o termo passou a ser utilizado também nas reflexões feministas sobre as reações conservadoras que irromperam contra ele. (Biroli, Vaggione e Machado, 2010, p. 18-19).

Estudiosos da Ciência Política, como Biroli, Vaggione e Machado (2020) registraram, em seus trabalhos, os protestos de rua contrários à educação marcada pela igualdade de gênero e pela diversidade sexual, bem como à união entre pessoas do mesmo sexo e à adoção por casais assim formados. Na França, por exemplo, desde 2010 organizações católicas conservadoras, algumas delas ligadas à *Opus Dei*<sup>5</sup>, já se mostravam destoantes dos conteúdos associados à igualdade de gênero e à diversidade sexual nas escolas. Todavia, foi o projeto de legalização do casamento igualitário, apresentado pelo governo ao Parlamento francês em 2012 e aprovado em 2013, que impeliu as manifestações com milhares de pessoas nas ruas de Paris, que ficaram conhecidas como *La Manif pour Tous* (a manifestação por todos).

Da mesma forma, em 2012, iniciou-se o primeiro de muitos protestos contra o conceito de gênero realizados na Polônia. De acordo com Biroli, Vaggione e Machado (2020), os movimentos antigênero cooperaram para a vitória da direita polonesa nas eleições de 2015, quando algumas de suas lideranças passaram a fazer parte do governo, assim como foram associados aos avanços da extrema direita na Hungria.

Na América Latina, as políticas para a educação sexual, incluídas em planos educacionais em vários países a partir de 2010, o reconhecimento do casamento igualitário por meio de leis específicas (Argentina, 2009; Uruguai, 2013) e por decisões das cortes constitucionais (Brasil, 2011; Colômbia, 2016; Equador, 2019) também dispararam manifestações, como a *Marcha de la Familia*, na Colômbia e a marcha organizada pela *Frente Nacional por la Familia*, no México, em 2016, e o lançamento da campanha

---

<sup>5</sup> *Opus dei* é uma instituição católica hierárquica formada por pessoas leigas, casadas ou solteiras, e sacerdotes. Foi fundada em 1928, pelo sacerdote espanhol Josemaria Escrivá. Seu objetivo principal é a difusão do modo de vida cristão no mundo, no trabalho e na família, através do entendimento básico de que todos são chamados à santificação (identificação com Jesus Cristo) por meio do trabalho que exerce na vida ordinária. Logo, seus associados não necessitam deixar seus trabalhos seculares para seguir as doutrinas da igreja, mas devem intensificá-las no cotidiano. A respeito do casamento, o fundador escreveu: Para um cristão, o matrimônio não é uma simples instituição social, e menos ainda um remédio para as fraquezas humanas: é uma autêntica **vocação sobrenatural**. Sacramento grande em Cristo e na Igreja, diz São Paulo, e, ao mesmo tempo e inseparavelmente, **contrato que um homem e uma mulher estabelecem para sempre**, porque - queiramos ou não - o matrimônio instituído por Jesus Cristo é **indissolúvel**: sinal sagrado que santifica, ação de Jesus que se apossa da alma dos que se casam e os convida a segui-Lo, transformando toda a vida matrimonial em um caminhar divino sobre a terra (Escrivá, 1973 – grifos meus).

*#ConMisHijosNoTeMetas no Peru*, que anteciparia marchas massivas naquele país a partir de março de 2017 (Biroli, Vaggione e Machado, 2020).

Estes são exemplos, de acordo com os referidos autores, de uma nova temporalidade que foi se estabelecendo com a politização reativa da reprodução e da sexualidade, a partir da década de 1990. Nela,

A Igreja católica teve papel relevante na defesa de uma certa concepção ética da natureza, abrangendo a reprodução e a identidade sexual. No discurso teológico que prevaleceu nos documentos do Vaticano nessa época, a alegação da existência de uma ‘cultura da morte’ baseada em uma ‘mentalidade contraceptiva’ precedeu o recurso à noção de ‘ideologia de gênero’ (Biroli, Vaggione e Machado, 2020, p. 22).

Além disso, nas décadas de 2000 e de 2010, católicos e evangélicos conservadores passaram a se unir para tentar impedir avanços no campo dos direitos sexuais, reorientar o sentido dos direitos e das políticas públicas e, em alguns casos, validar a censura. “No Brasil, reações ao Programa Nacional de Direitos Humanos de 2009 (PNDH-3) e ao Plano Nacional de Educação para o decênio de 2011-2020 mostraram a forma aguda que as disputas assumiriam a partir de então” (Biroli, Vaggione e Machado, 2020, p. 24).

Santos Silva (2020) defende que o veto da presidenta Dilma Russef ao Programa Escola Sem Homofobia (ESH) após a pressão da bancada evangélica na câmara e do pânico moral/social<sup>6</sup> que se instaurou, em 2011, gerou uma grande oportunidade para que agentes dos grupos conservadores potencializassem o capital político da cruzada contra o material do projeto. Foi nesse momento que despontaram nomes como o dos então deputados Jair Bolsonaro, Marco Feliciano e do Senador Magno Malta, na mídia brasileira

Um dos principais fatores que teria impulsionado essa reação, segundo este e outros autores como Leite (2019b), seria o fato de que os materiais do programa admitiam a existência de adolescentes LGBT+ nas escolas. Segundo a autora essa forte resistência dos setores ultraconservadores e da bancada evangélica na câmara às questões de gênero e sexualidade, quanto aos materiais do ESH culminou na supressão de alguns termos como “gênero e sexualidade”, que fomentariam a cidadania LGBT+<sup>7</sup>, no processo de aprovação da Base

<sup>6</sup> Pânico moral é um conceito criado pelo sociólogo estadunidense Stanley Cohen e mobilizado pelo brasileiro Richard Miskolci para refletir sobre as reações da sociedade a determinadas situações e identidades sociais que presumidas como forma de perigo e “para caracterizar a forma como a mídia, a opinião pública e os agentes de controle social reagem a determinados rompimentos de padrões normativos” (Miskolci, 2007, p. 111).

<sup>7</sup> Optei pela utilização da sigla oficializada na 1ª Conferência Nacional de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais, realizada de 05 a 08 de junho de 2008, em Brasília – DF, por ter a menor das configurações dos últimos anos, espero que essa decisão dê fluidez à leitura. Entretanto, atualmente a sigla mais utilizada pelos movimentos e associações é “LGBTQIAPN+”. Cada atualização oficial buscou representar diferentes grupos e ser menos excludente. Essa dinâmica no processo de siglação mantém as pautas do movimento pelos direitos sexuais e de gênero sempre acesas na memória coletiva, uma vez que vai na contramão das propriedades básicas da sigla,



Nacional Comum Curricular (BNCC)<sup>8</sup>. Por exemplo, a substituição do trecho “promoção da igualdade de gênero e da orientação sexual na educação” por “promoção da equidade, da justiça social e da discriminação de modo geral” no texto da Lei nº 13.005, Marco do Plano Nacional de Educação (PNE), que deve reger a política de educação até 2024. O autor afirma ainda que o Fórum Nacional de Educação foi palco de conflitos sobre as alusões a gênero, sexualidade e diversidades, abordadas no PNE sob a perspectiva dos direitos humanos. Nisso, a bancada religiosa conservadora conseguiu também a supressão dos termos “igualdade racial, regional, de gênero e orientação sexual” que foram substituídos por “promoção da cidadania e erradicação de todas as formas de discriminação”.

Do ponto de vista dos estudos da literatura infantil, ressalta-se que mais recentemente os livros escritos para a infância têm se aberto para os temas que eram banidos deles no passado (Silveira e Kaercher, 2013). Segundo Ramos (2009) e Colomer (2006), autoras de nacionalidades portuguesa e espanhola, respectivamente, e de prestígio na área, a produção literária voltada preferencialmente ao público infantil absorve mais facilmente as mudanças políticas, sociais e organizacionais do que aqueles que se projetam o público leitor adulto. Por isso mesmo, os primeiros têm grande potencial de desmistificar temas considerados “tabus”, como a morte, a guerra, a violência e a agressividade. Essas duas últimas temáticas, às vezes conotadas como atitudes racistas e xenofóbicas também encontram o seu espaço num conjunto numeroso de obras frequentadas pelos trabalhos acadêmicos, voltados em sua maioria às implicações do contato dos leitores com as obras.

Entretanto, a temática da sexualidade, principalmente aquela que é dissonante do paradigma heteronormativo<sup>9</sup> “continua a ser um universo tido quase como intocável, alvo de recriações tão esporádicas quanto distanciadas[...]” (Ramos, 2009, p. 296). Esse silêncio, segundo a autora, pode ser explicado, porque a sexualidade é um tema com profundas implicações sociológicas, constrangimentos morais e religiosos arcaicos e um sintoma de desconforto geral, especialmente “quando se trata de um diálogo axiológico entre adultos e crianças” (Ramos, 2009, p. 296).

---

como “resumir, ocupar menos espaço, dizer mais rápido” (Krieg-Planque, 2018, p. 191). Talvez esse seja um modo de expressar que a infinitude de experiências e de identidades sexuais e de gênero são complexas e não se encaixam em categorias homogeneizantes, ou binárias.

<sup>8</sup> A BNCC é um documento pautado na Lei de Diretrizes e Bases da Educação, de 1996 (LDB). Seu objetivo é definir “o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (PNE)” (Brasil, 2018, p.07).

<sup>9</sup> Entende-se por heteronormatividade “a tendência do sistema sexo-gênero ocidental contemporâneo de enxergar as relações heterossexuais como a norma, e todas as outras formas de comportamento sexual como desvios dessa norma” (Spargo, 2017, p.53).

Segundo Charlot (2013) a imagem que (nós adultos) fazemos da criança é contraditória, pois, sem nos darmos conta, atribuímos a ela características opostas como se ela fosse um ser contraditório em si mesmo. O filósofo resume as múltiplas contradições a respeito da “natureza” infantil em quatro pontos; “a criança é inocente e má; a criança é imperfeita e perfeita; a criança é dependente e independente; a criança é herdeira e inovadora” (Charlot, 2013, p. 160).

O autor segue explicando que a criança não é nenhuma dessas coisas (fraca, inocente, malvada etc.) em si mesma. Todas essas noções vêm de um critério de apreciação, de uma norma de referência. Só se pode ser fraco, dependente, ou inovador em relação a outras possibilidades de estado e em determinadas circunstâncias. Ao nascer, a condição biológica da criança, caracterizada por dependência, incompletude e fragilidade, isto é, uma incapacidade temporária de bastar-se a si própria é a referência. Todavia, essa impotência fisiológica também é fonte de relações afetivas e sociais com os adultos, através das quais se prova que “a criança não é apenas fraca, impotente, dependente. Ela também é, em razão dessa mesma fraqueza, exigente. Ela coloca ao adulto uma série de demandas [...]” (Charlot, 2013, p.166).

O autor também reflete que,

Se a imagem da criança é contraditória, é precisamente porque o adulto e a sociedade nela projetam, ao mesmo tempo, suas aspirações e repulsas. A imagem da criança é, assim, o reflexo do que o adulto e a sociedade pensam de si mesmos. Mas este reflexo não é ilusão; tende ao contrário, a tornar-se realidade. Com efeito, a representação da criança assim elaborada transforma-se, pouco a pouco, em realidade da criança. Esta dirige certas exigências ao adulto e à sociedade, em função de suas necessidades essenciais. O adulto e a sociedade respondem de certa maneira a essas exigências: valorizam-nas, aceitam-nas, recusam-nas e as condenam. Desse modo, devolvem à criança uma imagem de si mesma, do que ela é ou do que deve ser. A criança define-se assim, ela própria, com referência ao que o adulto e a sociedade esperam dela. [...] A criança é, assim, o reflexo do que o adulto e a sociedade querem que ela seja e temem que ela se torne, isto é, do que o adulto e a sociedade querem, eles próprios, ser e temem tornar-se (Charlot, 2013, 168).

A concepção de infância na qual nos embasamos na sociedade atual não é muito antiga, teve sua origem em algumas das modificações sociais que ocorreram por volta do século XVII, na idade moderna e foi se solidificando ao longo do século XVIII. Segundo Ariès (1986), uma das mais importantes visões a respeito da infância, que perdura até hoje, desenvolveu-se a partir de um novo conceito de família posterior a queda do feudalismo. O historiador afirma que a noção de parentesco baseada na ideia de um grupo de pessoas ligadas por laços sanguíneos, favores, dívidas e vivendo juntas sob o domínio de um senhor de terras, a qual dava respaldo a este sistema foi se desgastando até ser substituída pela noção de estrutura unifamiliar privada, desassociada de compromissos mais estreitos com a comunidade circundante e dedicada à preservação da intimidade e à proteção dos filhos.

Essa concepção de família foi apoiada e estimulada ideologicamente pelo Estado absolutista e posteriormente pelo liberalismo burguês, por ser considerado o suporte necessário para concentrar o poder político e confrontar a nobreza feudal. Foi desta maneira que essa configuração unicelular de família recebeu o aval político para irradiar seus principais valores, como: a primazia da vida doméstica – iniciada pelo casamento e fundamentada na educação dos herdeiros; a importância do afeto e solidariedade de seus membros e a privacidade e o intimismo como condições de uma identidade familiar.

Foi nesse contexto de domesticidade que a infância se consolidou como uma faixa etária diferenciada, primeiramente com a particularização da criança como um tipo de indivíduo que merece consideração especial e proteção da família, cuja responsabilidade torna-se assegurar que os filhos cheguem à vida adulta de maneira saudável (evitando sua morte precoce) e de maneira madura (providenciando sua formação intelectual).

Em seguida, essa mesma demarcação do conceito de infância como uma etapa etária passou a ser idealizada a partir de tratados de pedagogia e fundamentada pelo recurso à fragilidade biológica da criança. Assim, esses princípios de ordem fisiológica e transitória determinam uma teoria sobre a dependência da criança, legitimando o estreitamento do vínculo dessa com os mais velhos. Ao mesmo tempo, sua falta de experiência foi se convertendo no sintoma de uma inocência natural que tanto deve ser preservada, segundo os ensaios científicos, quanto destruída aos poucos, por meio de ações pedagógicas que preparem os pequenos para o choque com a realidade.

Segundo Zilberman (2003), essa domesticidade e privatização da infância serão responsáveis não só pelo estabelecimento dos aparelhos ideológicos que preservarão o *lar*, mas também farão a manutenção do lugar da infância no meio social, interrelacionando-o à ascensão de instituições, como a escola, e de práticas, como a obrigatoriedade do ensino e de novos campos de saber científico, como a pedagogia e a psicologia. As escolas assumem, então, um duplo papel: “o de inserir a criança na vida adulta, mas, ao mesmo tempo, o de protegê-la contra as agressões do mundo exterior” (p.21). Tornando visíveis as qualificações idealizadas e contraditórias formuladas socialmente a respeito da infância.

Ainda sobre a escola, a autora escreve:

O sistema de clausura coroa o processo: a escola fecha suas portas para o mundo exterior e, se o regime de internatos entrou em franca decadência, isto não significa que seu modo de pensar a realidade tenha sido suplantado. O prédio do colégio permanece como um espaço separado da coletividade e, muitas vezes, fechado ou adverso a seus interesses. As relações da escola com a vida são, portanto, de contrariedade: ela nega o social, para introduzir, em seu lugar o normativo. Inverte o processo verdadeiro com que o indivíduo vivencia o mundo, de modo que não são

discutidos, nem questionados, os conflitos que persistem no plano coletivo; por sua vez, o espaço que se abre é ocupado pelas normas e pelos valores da classe dominante, transmitidos aos estudantes (Zilberman, 2003, p.23).

Desse mesmo modo adultocêntrico<sup>10</sup> e pedagogizante, concebeu-se o nicho dos produtos editoriais de caráter moralizante. Ou seja, ainda que seja um produto destinado às crianças, quem produz, escolhe, reflete e analisa em primeiro lugar é o adulto, a partir de seus interesses, idealizações e pressuposições contraditórias (preparar/proteger) para com as crianças. Provavelmente, por isso, os livros destinados à infância tiveram sua origem na adaptação do assunto, da forma, do vocabulário e do estilo (Zilberman, 2003, p. 141).

Tendo em vista a dualidade (preparar para a vida/proteger) do papel da escola. Partiu-se de duas suposições iniciais: a de que, na sociedade brasileira, há um espaço em que produz-se e põe-se a circular uma quantidade enorme de textos (resenhas, vídeos etc.) a respeito de quais livros devem ser lidos, ou não, pelas crianças, especialmente nas escolas, quando estes tratam de temas relacionados a sexualidade humana; e a de que neste espaço, há pelo menos dois posicionamentos discursivos em confronto: um favorável a que se fale com as crianças sobre a sexualidade, nas escolas, através do uso de livros paradidáticos, visando, inclusive, protegê-las, de abusos, e um outro posicionamento que entende esse papel como exclusivo dos pais e adultos responsáveis; não cabendo às instituições governamentais, ou escolares desempenhá-lo.

Assim, interessa, sobretudo, compreender a maneira como se idealiza/imagina que os temas da sexualidade devam, ou não, ser abordados com as crianças e como se manifestam sobre isso nas mídias digitais, atualmente, a partir do funcionamento de duas polêmicas: a iniciada por Jair Messias Bolsonaro sobre o projeto Escola sem Partido (ESH) e associada ao livro *Aparelho sexual e cia*, em 2018, e a provocada por Pietra Bertolazzi sobre a adaptação em quadrinhos de *O diário de Anne Frank*, em 2021.

Para tanto, pretendi fazer um estudo interdisciplinar com lastro na Análise do Discurso Francesa (doravante AD) - um caminho teórico analítico empenhado na conscientização sobre a produção dos sentidos, através da investigação dos textos. Isso não quer dizer que se limita à análise das unidades exclusivamente linguísticas (palavras, frases, parágrafos etc.), ou que essa escolha requer independência de outras disciplinas, pelo contrário, quem escolhe o discurso

---

<sup>10</sup> “Um conceito surgido na sociologia da infância, o adultocentrismo se baseia na ideia de que a sociedade em suas diversas dimensões se organiza a partir da figura do adulto” (Cavalcante, 2021, p. 197).

como objeto, vê-se obrigado a admitir que se está “diante de objetos que parecem ao mesmo tempo como integralmente linguísticos e integralmente históricos” (Maingueneau, 2008, p. 16).

No Capítulo 2, justifico a relevância do tema, apresentando sucintamente outros trabalhos que trataram da mesma temática de maneira disciplinar. Exponho alguns recortes feitos na trajetória da pesquisa, na tentativa e aprofundar as considerações feitas em direção à complexidade inerente ao objeto e por último descrevo como foi feita a constituição do *corpus*.

No Capítulo 3, observo a polêmica provocada por Jair Messias Bolsonaro sobre o livro *Aparelho sexual e cia*, ocorrida em 2018 – Uma das razões que contribuiu para a sua vitória nas eleições presidenciais do mesmo ano – em sua relação com os ataques ao projeto Escola sem Homofobia (ESH), iniciados pela Frente Parlamentar Evangélica, em 2004. Depois me concentrei nas questões de orquestração de desinformação contra a esquerda brasileira. Por último, analiso o livro *Kit Gay: Atividades lúdicas para toda a família!* de Kael Vitorelo.

No Capítulo 4, analiso a polêmica provocada por Pietra Bertolazzi sobre a adaptação em quadrinhos de O diário de Anne Frank, de Ari Folman e David Polonsky, ocorrida em 2021. Na primeira parte, eu resumo a biografia de Anne Frank e situo alguns pontos interessantes a respeito de seus escritos. Depois, comento algumas controvérsias antigas sobre a obra e por último analiso o caso polêmico de 2021.

## 2 CAMINHOS DE PESQUISA E COMPLEXIDADE

A princípio, o projeto de pesquisa deste trabalho visava compreender discursivamente como alguns trechos de livros infantojuvenis foram destacados do seu contexto original e dados a circular por diferentes suportes midiáticos enquanto polêmicas. Isso, provavelmente, porque a minha primeira formação está inserida no campo dos estudos da linguagem e a minha última pesquisa tinha sido sobre as gafes de políticos brasileiros, com base no conceito de aforização (Maingueneau, 2010b). Portanto, no meu pré-projeto, valia-me principalmente dos aparatos da Análise do Discurso de tradição francesa (AD). Ingenuamente, a intenção era tratar cinco ocorrências polêmicas de temáticas variadas. No decorrer das aulas, do (Programa de Pós-Graduação em Estudos da Condição Humana da UFSCar de Sorocaba (PPGECH/Sorocaba) no primeiro e segundo semestre, de 2022, fui me dando conta da complexidade do meu objeto e de que apenas os conhecimentos adquiridos na minha formação inicial não seriam suficientes.

Passei a me interessar menos pelas implicações dos recortes dos trechos dos livros, que foram dados a circular em outros contextos e mais pelos posicionamentos expressos nas mídias digitais, a respeito de como se idealiza que os temas da sexualidade deveriam, ou não, ser abordados com as crianças. Algumas pistas para as respostas vieram com a leitura de Brown (2019), especialmente suas considerações sobre a relevância das relações entre o neoconservadorismo, o neoliberalismo, o cristianismo (e outras forças) na base dos atuais ataques à democracia no Ocidente.

Desse modo, reduzi o número de polêmicas a serem analisadas para dois e o interesse deixou de ser somente pelas implicações dos trechos dos livros dados a circular em outros contextos e passou a centrar-se na temática da polêmica mais relevante – aquela que serviu como trampolim eleitoral para impulsionar Jair Messias Bolsonaro a ser eleito como presidente, em 2018. Algo que as outras temáticas fraturantes, como a morte, o divórcio, o racismo, ou o suicídio, tratadas em livros escritos para crianças, não propiciou. Então, partindo da polêmica iniciada por Bolsonaro, acerca do projeto Escola sem Homofobia, busquei por outras em que as questões de gênero e da sexualidade pululavam. A polêmica alimentada pela influencer Pietra Bertolazzi<sup>11</sup>, a respeito da adaptação em quadrinhos de Anne Frank ganhou lugar preferencial para o estabelecimento de comparações, devido a seu apoio declarado à recandidatura de

---

<sup>11</sup> Pietra Bertolazzi é uma influenciadora digital que se intitula antifeminista, ativista conservadora. É irmã de um chefe de cozinha famoso, já trabalhou como “DJ”. Atualmente trabalha como comentarista na Jovem Pan. Está sempre envolvida em controvérsias públicas. Em janeiro de 2023, chamou a primeira-dama Rosângela da Silva, a Janja, de maconheira e foi processada por danos morais. (Janja [...], 2023).

Bolsonaro, em 2022, e ao alcance de suas falas a nível nacional, visto que mais tarde ela se tornou comentarista da emissora de TV Jovem Pan (Bertolazzi, 2022).

Figura 10 - Bertolazzi e Bolsonaro



Fonte: Bertolazzi (2023).

Assim, comecei a religar conhecimentos de campos distintos do saber, aspirando ao conhecimento multidimensional, à semelhança do que instrui Edgar Morin (2006) ao introduzir o macroconceito de pensamento complexo. Segundo o autor, a complexidade surge onde o pensamento simplificador falha, entretanto é ilusão “confundir complexidade e completude” (Morin, 2005, p. 6).

Para esse recorte, não pude prescindir da apresentação do pensamento complexo do sociólogo francês Edgar Morin, que foi disponibilizada no formato de História em Quadrinhos (HQ) por meio do Ambiente Virtual de Aprendizagem da UFSCar (AVA2)<sup>12</sup> Trata-se de uma narrativa biográfica em primeira pessoa que mostra o entrelaçamento entre a vida privada e a produção intelectual de Morin, inclusive o impacto da morte de sua mãe, em 1931 e de outras perdas que sofreu na Europa turbulenta, de 1930 a 1950.

Assim, por meio dos recursos semióticos típicos das HQs pude visualizar Edgar Morin retirando, de sua vida particular, a inspiração para a formulação do pensamento complexo. Ao escolher a morte como tema para a publicação de um livro, o autor se viu religando conhecimentos de diversas disciplinas como biologia, antropologia, psicologia, história,

<sup>12</sup> Utilizávamos o ambiente virtual da universidade, naquele momento, pois ainda estávamos de quarentena devido à pandemia de Covid-19.

religião etc. Ainda que no livro *O homem e a morte*, Morin não tenha utilizado o termo “pensamento complexo”, e sim “cultura transdisciplinar”, já estava presente ali o primeiro princípio básico do seu método<sup>13</sup>, a dialógica. Isto é, a interconexão de ideias contrárias - a união de duas lógicas que se opõem, mas que também se complementam, como por exemplo, ter terror da morte e, ao mesmo tempo a capacidade de arriscar a vida por um ideal (Zatz, 2002, p.22).

Um outro princípio que orienta o pensamento complexo é a recursividade e relaciona-se com o fato de que os produtos também são produtores daquilo mesmo que os produz, como a famosa litogravura do artista holandês, Maurits Cornelis Escher, aquela das mãos que desenham a si mesmas, ou como a figueira-de-bengala, uma árvore de origem asiática cujas raízes crescem, chegam ao solo e tornam-se novas árvores. O terceiro princípio do pensamento complexo é o do Holograma, isto é, a parte está no todo e o todo está na parte. Como exemplo para este princípio temos uma célula do corpo, ou um único órgão como “o baço que contém, em sua singularidade, também a totalidade do patrimônio genético” (Zatz, 2002, p.22). Quando transpomos essas concepções do campo da biologia para os estudos sociais podemos pensar em como “estamos na sociedade e ela, com sua linguagem e cultura, está em nós” (Zatz, 2002, p.24).

Aprendi, com os princípios supracitados, que considerar a complexidade em pesquisa não se trata apenas de rever doutrinas e métodos, mas sim de elaborar uma nova concepção do próprio conhecimento. Priorizar a complexidade, ao invés da simplificação, da especificação e da fragmentação, significa entender que o pensamento complexo não é em si a resposta, mas uma forma de reconectar conhecimentos dispersos. Trata-se sobretudo de abraçar as incertezas desse processo, ou melhor dizendo, do “caminho”; é assumir, como fez Morin, tomando as palavras do poeta espanhol Antonio Machado, que “[...] O caminho se faz ao andar, ao andar se faz o caminho”. (Zatz, 2002, p.24).

Além disso a leitura de Vasconcelos (2009) permitiu não só o aprofundamento da noção de paradigma da complexidade de Edgar Morin (Vasconcelos, 2009, p. 60-63), como trouxe para o debate os riscos e as dificuldades dessa maneira de produzir conhecimento. Num primeiro momento entendi a importância de religar conhecimentos dispersos para manifestar a criatividade e inovação na pesquisa e num segundo momento ocupei-me de entender que esse “religar” não se trata de homogeneizar o modo de produção de conhecimento.

---

<sup>13</sup> “Método”, para Morin estava mais próximo a ideia do leste asiático de “TAO”, isto é, de caminho.



Vasconcelos (2009, p. 39-43) exemplifica como as estratégias de homogeneização epistemológicas foram e podem (ainda ser) desastrosas, especialmente quando a crítica a fragmentação é exagerada e radicaliza a posição de que os fenômenos (físicos, biológicos, sociais e subjetivos) seriam todos da mesma natureza, ou que poderiam ser explicados por um saber globalizante, ou ainda constituir um profissional do tipo intelectual-universal. Por isso, fui alertada do perigo de fragilizar meu trabalho, quando se estende demais, ou de menos, as “fronteiras”.

No caso deste trabalho, tentar dar conta da ciência política, seria alargar demais a fronteira e dificultaria alcançar aquilo que a interdisciplinaridade intenta: a profundidade. O “pulo do gato” foi saber como atingir uma totalidade, sem ser totalizante. Então, optei por deixar a ciência política contida em Brown (2019) e Biroli, Vaggione e Machado (2020) como responsáveis por explicar as *condições de produção* dos enunciados analisados com ancoragem na Análise do Discurso francesa (AD).

## 2.1 Outras confluências disciplinares de estudo

Apesar de “70.000” ser um número considerável para resultados do *Google*<sup>14</sup>, uma busca pelas mesmas palavras-chave (“polêmica” + “livro” + “infantojuvenil”) no acervo do Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) para avaliar preliminarmente a produção acadêmica sobre a temática, não refletiu a indispensabilidade do assunto e trouxe como resultado: zero dissertações e apenas três artigos, sendo o mais recente escrito em 2019.

O que pode ser considerado demonstrativo de quanto o tema tem sido pouco investigado, ao menos na confluência disciplinar de que este trabalho dispõe. O mesmo não ocorreu quando se direcionou a busca para as especificidades da primeira polêmica a ser analisada. Nessa segunda investida, a busca por artigos escritos nos últimos cinco anos, em língua portuguesa, revisado por pares e contendo as palavras-chave “kit gay” e “escola sem homofobia” trouxe oito textos.

Dois deles consistem em apresentações de dossiês: na primeira, Luna e Oliveira, (2019, p. 201) mencionam tais palavras, com o interesse de se aproximarem das questões em torno de parentalidade, arranjos familiares e práticas reprodutivas, e o fazem numa perspectiva

---

<sup>14</sup> No Google acadêmico, igualmente, apenas um dos resultados se aproximou da temática aqui proposta, o trabalho de Khalil e Fonseca (2020). Todavia, aborda a polêmica de maneira disciplinar, tratando a problemática majoritariamente sob o viés da Análise do Discurso francesa, tal qual sugere seu título: Interincompreensão discursiva: uma análise da construção do “Kit Gay” enquanto simulacro.

antropológica; na segunda, Duccini *et al.* (2021, p. 06) busca entender melhor as identidades sexuais de gênero nos espaços religiosos, numa interface entre a religiosidade e os estudos das dissidências sexuais e de gênero.

As outras seis publicações abordam as controvérsias públicas acerca de gênero e sexualidade sob outros vieses teóricos e metodológicos. Oliveira Júnior e Maio (2015), Oliveira Júnior (2016) e Oliveira Júnior e Maio (2017) dão ênfase ao método da revisão bibliográfica que subsidiou o processo dissertativo de mestrado no qual seus artigos se inserem, utilizando a noção de discórdia para referirem-se às polêmicas em torno do ESH e de outras duas políticas públicas que visavam a educação sexual nas escolas: o programa Saúde e Prevenção na Escola e Histórias em Quadrinho. O autor e a autora assumem a teoria dos Estudos Culturais como sustentáculo do discurso e centram-se no conceito de “heteronormatividade compulsória”<sup>15</sup> para criticar a suspensão governamental do ESH.

Oliveira Júnior (2016) e Oliveira Júnior e Maio (2017) debatem a questão das políticas públicas na esfera educacional e analisam os recursos audiovisuais que compunham o material do ESH, defendendo a promoção da cultura do reconhecimento da diversidade sexual no ambiente escolar e apresentando o conceito de polêmica como correlato de contenda.

Vanessa L. (2019) reflete sobre a argumentação utilizada por atores religiosos conservadores nas controvérsias em torno do ESH e no acionamento da terminologia “ideologia de gênero” em relação à mobilização do discurso de defesa das crianças e dos adolescentes, para se pensar a transformação da política sexual brasileira. Assim, nenhum dos artigos conferidos debruçam-se sobre a polêmica na perspectiva de Dominique Maingueneau e, portanto, no arcabouço teórico da Análise do Discurso de tradição francesa (AD). Tão pouco sob uma perspectiva interdisciplinar.

---

<sup>15</sup> Heteronormatividade compulsória é o conceito proposto pela feminista norte-americana Adrienne Rich, em 1980, no artigo *Compulsory Heterosexuality and Lesbian Existence*. Trata-se, resumidamente, da ideia de que a heterossexualidade, como uma norma/regra dominante é esperada previamente de todos; e como uma instituição política, apaga o poder das mulheres. A autora criticou o feminismo de sua época por relegar as mulheres lésbicas em detrimento de uma suposta heterossexualidade natural, assunção herdada de preceitos religiosos, médicos, econômicos e sociais, tal qual anunciou Foucault em *A História da Sexualidade*, em 1976. A denúncia da autora se assemelha àquela dos feminismos negros, que desaprovavam o descaso do movimento com as especificidades da situação da mulher negra na sociedade. Atualmente, o termo vem sendo utilizado para se referir ao enfrentamento à presunção da heterossexualidade por parte da sociedade, em geral, isto é, não diz mais respeito somente aos prejuízos das mulheres lésbicas, mas de toda a comunidade LGBT+.

## 2.2 Interdisciplinaridade e Análise do Discurso de tradição francesa

Como dito anteriormente, o objetivo deste trabalho foi analisar o funcionamento de duas polêmicas em torno dos temas da sexualidade: a iniciada por Jair Messias Bolsonaro sobre o projeto Escola sem Partido (ESH) e associada ao livro *Aparelho sexual e cia*, em 2018, e a provocada por Pietra Bertolazzi sobre a adaptação em quadrinhos de *O diário de Anne Frank*, em 2021. Para tanto, fez-se necessário estabelecer diálogos entre a área de “conforto” da pesquisadora, a Análise do Discurso de tradição francesa (AD), e outras áreas de conhecimento, como a história, a ciência política, a comunicação social etc.

Esse tipo de aproximação do objeto justificou-se na esteira do que afirmam Pombo (2010) e Vasconcelos (2009) sobre a interdisciplinaridade. Os autores entendem esse caminho como opção para uma leitura mais rica da realidade e defendem que a influência mútua, ou a complementaridade entre as disciplinas pode ser proveitosa para atingir as camadas mais profundas dos objetos complexos.

O objeto desta pesquisa revelou sua complexidade na medida em que requisitou saberes múltiplos para sua mínima apreensão. As polêmicas que unem livros (ou o desejo de destruí-los), infância e sexualidade movimentam noções que o olhar disciplinar, isolado e especializado só dos estudos literários, ou só da sexualidade, ou só da ciência política não dariam conta. Trata-se possivelmente do que Pombo (2010, p. 14) descreve como “uma realidade abissal”.

A reflexão teórica conta, portanto, com as contribuições de Biroli, Vaggione e Machado (2020) a respeito de gênero, neoconservadorismo e políticas antidemocráticas na América Latina. Metodologicamente, o amparo vem principalmente das discussões que Maingueneu (2008, 2010) desenvolve sobre o registro polêmico, das observações de Courtine (2014) sobre *corpus* discursivo e do manual de análise de Krieg-Planque (2018). Assim, para me aproximar da maneira como se idealiza que os temas da sexualidade devam, ou não, ser abordados com as crianças, na contemporaneidade, eu organizei um *corpus*, isto é, um conjunto de documentos (textos de jornais, blogs, revistas especializadas, redes sociais digitais; vídeos e transcrições de vídeos etc.) que se relacionam às duas polêmicas supracitadas. Segundo Courtine (2014) *corpus* é um conjunto de sequências discursivas orais ou escritas maiores que a frase, extraído de um campo discursivo.

As sequências podem ser reunidas e organizadas de diferentes maneiras: uma sequência discursiva, ou várias; sequências produzidas por um locutor, ou vários locutores; sequências produzidas a partir de posições ideológicas homogêneas, ou heterogêneas; sequências produzidas em sincronia, ou diacronia etc. O analista também menciona que os *corpora* podem

ser de base experimental (feitos a partir da aplicação de questionários), ou de base arquivística, isto é, com um conjunto de textos semelhante ao mobilizado pelos historiadores.

Para este trabalho, portanto, construí um *corpus* de base arquivística, a partir de sequências discursivas que foram dadas a circular em diferentes suportes midiáticos, nos últimos anos e que apresentaram posicionamentos ideológicos heterogêneos relacionados aos eventos desencadeadores das controvérsias. Este material foi analisado com base em conceitos da AD. Isso quer dizer que a análise do *corpus* foi feita de maneira qualitativa e essencialmente interpretativa e, também que me debrucei sobre ele procurando por marcas formais (na superfície linguística) que funcionem como pistas dos tipos de discursos e das maneiras específicas como produzem sentido. Entendo, pois que a opacidade da linguagem não permite a apreensão direta do objeto, ou dos dados; e, que para ter acesso ao sentido de um texto é necessário restaurar suas condições de produção, tanto no sentido estrito (contexto de enunciação), quanto no sentido amplo (o contexto sócio-histórico) (Tfouni, 2018, p. 129).

Biroli, Vaggione e Machado (2020) interessam a este trabalho justamente por uma certa análise que fazem da atual conjuntura sócio-histórica e política, defendendo e demonstrando que as relações estabelecidas entre o neoliberalismo, as políticas antidemocráticas e o conservadorismo, no contexto contemporâneo, são muito mais complexas e ultrapassam categorias binárias como direita e esquerda.

Esses autores se embasam nas ideias da cientista política estadunidense Wendy Brown, que desde 2016 estuda a corrosão da democracia, tentando compreender melhor os movimentos antidemocráticos em relação à política, à moralidade e, principalmente, à intensificação das forças da extrema direita no mundo. A singularidade de seu raciocínio está no argumento de que o neoliberalismo se mescla com outros poderes e forças como o racismo, o niilismo, o fatalismo e o ressentimento. Para a autora, o uso político do ressentimento da classe trabalhadora branca que se viu despossuída e cada vez mais lançada “sob o rolo compressor da economia [...]” foi um dos fatores que gerou o bebê “Frankenstein” do neoliberalismo. (Brown, 2019, p. 11).

A recaptação desse ressentimento por políticos como Donald Trump nos Estados Unidos, Jair Messias Bolsonaro no Brasil (e outros pelo mundo afora) faz com que essa população branca e pobre se sinta abandonada e culpe às (irrisórias) políticas públicas voltadas às minorias, políticas essas que se estabeleceram com muita luta nos últimos vinte anos. Assim, tais reflexões do campo da Ciência Política tanto guiaram o recorte do *corpus*, quanto alicerçarão sua análise. Espera-se, assim, que um diálogo profícuo seja estabelecido entre as

áreas citadas para dar conta, de maneira pertinente da complexidade inerente às polêmicas escolhidas.

### 2.3 Constituição do *corpus* da pesquisa

Assim, como dito anteriormente, para me aproximar da maneira como se idealiza/ imagina que os temas da sexualidade devam, ou não, ser abordados com as crianças e os adolescentes, na contemporaneidade, e como se manifestam sobre isso através das mídias digitais, organizei um *corpus*, isto é, um conjunto de documentos (textos de jornais, blogs, revistas especializadas, redes sociais digitais; vídeos e transcrições de vídeos etc.) que se relacionam às polêmicas escolhidas. Conforme as seguintes etapas:

- a) Dispositivos: tendo em vista o objetivo principal da pesquisa, a coleta de material foi feita através de computador pessoal.
- b) Busca e coleta: foram feitas através do buscador *Google* e do *browser Google Chrome* para rastrear artigos de opinião, vídeos, posts de redes sociais etc. Os quais apresentassem obrigatoriamente os vocábulos “polêmica” + “livro” + “infantojuvenil”, para isso foram utilizadas técnicas de pesquisa fornecidas pelo próprio suporte desse buscador, como por exemplo usar aspas para obter uma correspondência exata das palavras e o sinal de soma para que os resultados não saíssem da temática. O mesmo procedimento foi efetuado, quando o percurso da pesquisa foi em direção à temática da sexualidade: “polêmica” + “livro” + “infantojuvenil + “sexualidade”. E finalmente direcionada às duas polêmicas escolhidas: “polêmica” + “livro” + “Aparelho Sexual e cia” e “polêmica” + “livro” + “Anne Frank”. O processo de sistematização desses resultados pode ser consultado nos Apêndices A e B.
- c) Armazenamento: as páginas de resultados foram olhadas uma a uma e o material salvo numa grande pasta *Arquivo\_ Corpus*, uma subpasta da pasta *Mestrado*. Os textos foram salvos no formato PDF, etiquetados de acordo com seus títulos e fonte, exemplo: BLOG\_NÃO\_ME\_KAHLO\_Anne Frank e... Vagina. FACEBOOK\_DA\_CIA\_DAS\_LETRAS\_Comunicado oficial sobre aparelho sexual e cia. Os vídeos foram salvos em formato MP4 na subpasta *Vídeos* junto as suas transcrições em formato Word. O livro *KIT GAY: Atividades lúdicas para toda família!* foi escaneado, com a autorização da autora, e salvo na subpasta *Imagens*.

Esse *corpus* foi analisado com o apoio teórico metodológico da Análise do Discurso de tradição francesa (AD), um caminho teórico analítico empenhado na conscientização sobre a produção dos sentidos, através da investigação da materialidade dos textos. Isso não quer dizer que se limita à análise das unidades exclusivamente linguísticas (palavras, frases, parágrafos etc.), ou que essa escolha requer independência de outras disciplinas, pelo contrário, escolhendo o discurso como objeto, vê-se obrigado a admitir que se está “diante de objetos que parecem ao mesmo tempo como integralmente linguísticos e integralmente históricos” (Maingueneau, 2008, p. 16).

Dizendo de outra maneira, pensar textos na história é considerar que todo dizer é situado e isso implica refletir sobre suas condições de produção. Trata-se, de maneira geral, de entender por que um determinado enunciado foi produzido, em uma dada conjuntura histórica, e não outro em seu lugar. Em termos práticos, para a definição de discurso, considero sua natureza ambígua, descrita na segunda acepção do *Dicionário de Análise do Discurso* organizado por Patrick Charaudeau e Dominique Maingueneau (2008). Nela, Maingueneau entende que discurso pode designar tanto o sistema que permite produzir um conjunto de textos quanto o próprio conjunto de textos. O autor exemplifica: o “discurso comunista é tanto o *conjunto dos textos* produzidos pelos comunistas quanto o *sistema* que permite produzi-los, a esses e a outros textos qualificados como comunistas” (Charaudeau; Maingueneau, 2008, p.168).

Portanto, as polêmicas escolhidas não foram analisadas somente sob o ponto de vista das unidades linguísticas, mas também considerando o momento histórico que fornece a razão para as estruturas de sentido que elas manifestam. Entendo, assim como o estudioso francês, que o discurso não é uma camada mais profunda em relação a uma superfície textual. Se, no passado, os estudiosos priorizavam a superfície textual e ora a profundidade, Maingueneau opta por rebater essa metáfora arquitetural e a concepção estática do discurso, com o objetivo de se debruçar sobre o que ele nomeia, evocando Derrida, de “energia viva do sentido” (Maingueneau, 2008, p. 19).

Buscou-se, neste trabalho, por essa vivacidade. E *sentido*, aqui, não é considerado como algo diretamente acessível, ou estável, preso a uma palavra, ou a um enunciado, ou a um conjunto de enunciados e aguardando para ser decodificado meramente. Longe disso, o sentido de que trata a AD é “continuamente construído e reconstruído no interior de práticas sociais determinadas. Essa construção de sentido é, certamente, obra de indivíduos, mas de indivíduos inseridos em configurações sociais de diversos níveis” (Maingueneau, 2015, p. 29).

Em suma, o discurso é interativo, pois qualquer enunciação (produzida na presença ou não de um destinatário) supõe a presença de um outro. O que leva a priorização do espaço de

troca entre os discursos (o interdiscurso) como fundamental para a produção dos efeitos de sentido (Maingueneau, 2008). No caso deste trabalho, que se debruça sobre polêmica, a relação estabelecida é de antagonismo entre dois discursos e por isso, interessa especialmente os conceitos de *simulacro* e *interincompreensão regulada* formulados por Maingueneau (2008, p. 100).

Interincompreensão regulada quer dizer que dois, ou mais discursos em contraposição não se compreendem, mas se incompreendem a partir de sua semântica global percebendo o outro sobre a forma de um simulacro, isto é, de uma tradução do outro. Nas palavras do autor, “a relação polêmica, no sentido mais amplo, longe de ser o reencontro acidental de dois discursos que se teriam instituído independentemente um do outro, é de fato a manifestação de uma incompatibilidade radical, a mesma que permitiu a constituição do discurso” (Maingueneau, 2008, p. 21). E quando se fala de tradução, nesse escopo, não tem a ver com aquela de um idioma a outro, refere-se à opacidade e as zonas de interincompreensão que existem no interior de uma mesma língua. (Maingueneau, 2008).

Além disso, a “maquinaria discursiva” (Motta e Salgado, 2016) fornece outras noções que permitem apreender, como afirma Krieg-Planque (2018, p.84), “o peso dos atributos sociais dos sujeitos na realização da ação pelo discurso”. É o caso da noção de *ethos* discursivo, isto é, uma certa imagem de si produzida por meio do discurso, como ter um “ar” de honestidade, ou de coragem, por exemplo. A realização de um *ato de linguagem*<sup>16</sup>, por meio do *ethos*, produz autoridade e legitimidade no discurso, como pretendo fazer ver na terceira seção do capítulo 5.

A noção de *ethos discursivo* desenvolvida por Maingueneau (2018), a partir de reformulações do conceito grego de *ethos retórico*, leva em consideração o fato de que os textos não são meramente objetos contemplativos, mas são enunciações para fazer com que o coenunciador adira a um certo universo de sentido. E essa aderência (persuasão/convencimento) é conquistada por meio da evocação de cenografias e do uso de certos códigos languageiros que constroem uma imagem capaz de convencer um determinado tipo de público. Através dessa imagem, o destinatário deve ser capaz de atribuir “certas propriedades à instância apresentada como fonte do evento enunciativo” (Maingueneau, 2018, p. 267).

Citando o artigo *L’Ancienne rhétorique*, de Roland Barthes, Maingueneau relembra que a prova (o convencimento) através do *ethos* mobiliza tudo aquilo que puder contribuir para a

---

<sup>16</sup> Diferentemente do que dita o senso comum, a Análise do Discurso (apoiando-se na Pragmática) não separa “palavras” e “atos”. Dizer é fazer, por isso mesmo, “Os enunciados interessam na medida em que são suscetíveis de ter um valor de ação” (Krieg-Planque, 2018, p. 61).

transmissão de uma imagem do orador para seu auditório: “o tom de voz, o ritmo da fala, a escolha de palavras e de argumentos, os gestos, as expressões faciais, o olhar, a postura, a atitude etc” (Barthes, 1970, p. 212 apud Maingueneau 2018, p. 268).

Nessa esteira da retórica de Aristóteles, Maingueneau aceita três teses:

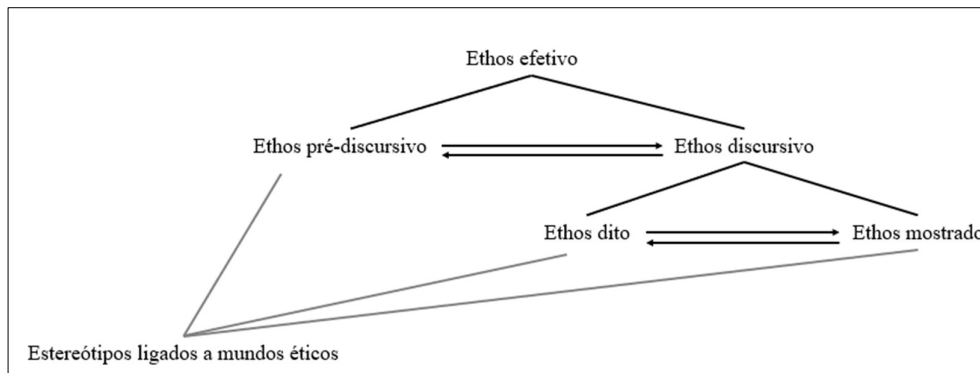
- o *ethos* é uma **noção discursiva**; é construído por meio do discurso, em vez de ser uma “imagem” do locutor exterior à fala;
- o *ethos* está intrinsecamente ligado a um processo interativo de **influência sobre o outro**;
- o *ethos* é uma noção intrinsecamente híbrida (**sociodiscursiva**), um comportamento socialmente avaliado que **não pode ser apreendido fora de uma situação de comunicação precisa**, ela mesma integrada a uma dada conjuntura sócio-histórica (Maingueneau, 2018, p. 269 – grifos meus).

Entretanto, o autor complexifica a noção, ao considerar que além de o *ethos* estar ligado ao ato da enunciação em si, está ainda associado à construção de representações do enunciador feita pelo público - antes mesmo de ele começar a falar. Maingueneau distingue assim, *ethos discursivo e ethos pré-discursivo* (ou prévio). O primeiro corresponde à noção aristotélica de *ethos*, que é bem exemplificada pelo excerto de Barthes e está ligado aos traços de caráter que o orador mostra a sua audiência para causar boa impressão. O segundo, por outro lado, relaciona-se à diversidade de tipos, de gêneros do discurso, de posicionamentos, pois mesmo que o destinatário não saiba nada de antemão, a respeito do *ethos* do locutor, o fato de o texto estar ligado a um dado gênero, ou a um posicionamento ideológico induz expectativas que dizem respeito ao *ethos*. Maingueneau (2018) reconhece que podem existir tipos de discurso, ou circunstâncias em que os destinatários não disponham de representações prévias do locutor, por exemplo quando abrimos um livro de um autor desconhecido. Entretanto, mesmo quando recusa a se apresentar, o escritor é uma personalidade pública, e isso implica que ele “libera mediante as indicações que dá, alguma coisa da ordem do *ethos*” (Maingueneau, 2018, p. 270).

Assim, como observa-se na figura 11, o autor esboça a maneira como o *ethos* efetivo de um discurso resulta de uma interação entre diversas instâncias. Além do *ethos* pré-discursivo e do *ethos* discursivo (*ethos* mostrado), Maingueneau (2018) considera aqueles fragmentos de texto em que o enunciador evoca a própria enunciação (*ethos* dito), diretamente (“é um amigo que vos fala”; “Eu como mãe, não poderia me calar”) ou indiretamente (metáforas, alusões, outras cenas de fala). Segundo o estudioso, não há uma fronteira nítida entre o “dito” sugerido e o mostrado, “o *ethos* efetivo, aquele que é construído por um dado destinatário, resulta da interação dessas diversas instâncias, cujo peso respectivo varia de acordo com os gêneros do discurso” (Maingueneau, 2018, p. 270).



**Figura 11** - *Ethos* efetivo de um discurso



Fonte: (Maingueneau, 2018, p. 270).

Todas essas instâncias estão “assentadas em mundos éticos, construtos sociais historicamente estabilizados, repertório memorável porque estribado em estereótipos cultivados por dadas comunidades discursivas” (Motta e Salgado, 2016, p.2). Além disso, a constituição de um *ethos* efetivo funciona como fiador de um determinado discurso:

O *ethos* constitui, assim, um articulador de grande polivalência. Recusa toda separação entre texto e corpo, mas também entre o mundo representado e a enunciação que o traz: a qualidade do *ethos* remete a um fiador que, através desse *ethos*, proporciona a si mesmo uma identidade em correlação direta com o mundo lhe cabe fazer surgir. Encontramos aqui o paradoxo de toda cenografia: o fiador que sustenta a enunciação deve a legitimar por meio de seu próprio enunciado seu modo de dizer (Maingueneau, 2018, p. 278).

### 3 KIT GAY 1,2,3...

Este capítulo tem por objetivo observar a polêmica provocada por Jair Messias Bolsonaro sobre o livro *Aparelho sexual e cia*, ocorrida em 2018 – Uma das razões que contribuiu para a sua vitória nas eleições presidenciais do mesmo ano – em sua relação com os ataques ao projeto Escola sem Homofobia (ESH), iniciados pela Frente Parlamentar Evangélica, em 2004. Depois me concentrei nas questões de orquestração de desinformação contra a esquerda brasileira. Por último, analiso o livro *Kit Gay: Atividades lúdicas para toda a família!* de Kael Vitorelo.

#### 3.1 Kit gay 1, uma mentira política contemporânea

Em 28 de agosto de 2018, Jair Messias Bolsonaro, enquanto um dos presidenciáveis mais bem pontuados na pesquisa Datafolha de intenção de votos, foi convidado para participar da série de entrevistas, ao vivo, do Jornal Nacional na TV Globo. Na ocasião, para esquivar-se de responder sobre algumas de suas declarações homofóbicas citadas pela jornalista Renata Vasconcelos, o então candidato mostrou o livro *Aparelho sexual e cia: Um guia inusitado para crianças descoladas*, sacudindo-o e afirmando que o exemplar fazia parte do que ele nomeou de “kit gay”. (Jair [...], 2018; Jair [...], 2018, p. 9-10).

“Kit gay” é a alcunha depreciativa criada pela Frente Parlamentar Evangélica<sup>17</sup>, em 2004, e utilizada por Bolsonaro e seus apoiadores, principalmente durante as eleições de 2018, para referirem-se ao projeto Escola sem Homofobia (ESH). O ESH foi lançado pelo Ministério da Educação (MEC), junto à Secretaria de Educação Continuada, Diversidade e Inclusão (SECAD) do governo Lula, em 2004, para responder à demanda de ações de combate à homofobia que foi suscitada em debates de esfera global na Conferência Mundial de Beijing, da Organização das Nações Unidas (ONU), em 1995 e na Conferência de Durban, em 2001. (Brasil, 2004; Cêa e Santos, 2021). O projeto estava ligado ao programa Brasil sem Homofobia (BSH), porém, foi vetado, em 2011, pelo governo Dilma, em decorrência da pressão política da oposição apoiada por uma parcela conservadora e religiosa da população. (Leite, V. J., 2019; Leite, V., 2019; Cêa e Santos, 2021; Santos, 2022).

---

<sup>17</sup> A Frente Parlamentar Evangélica (FPE) foi criada em 2003 e é integrada por parlamentares que se declaram evangélicos ou se alinham ao grupo na votação de temas ligados a religião e aos costumes. Segundo Leite (2019) o grupo que tinha 73 integrantes passou a ter 91, em 2018. De acordo com dados disponíveis no Banco de dados do Instituto de Estudos da Religião (ISER), visualizados em 17 de janeiro de 2024, a FPE conta com um total de 513 parlamentares. Detalhes como o nome, partido, gênero, identidade religiosa e cor da pele deste total podem ser averiguados no banco de dados da 57ª legislatura da Câmara dos Deputados (Banco [...], 2022).

Atualmente, a expressão pode ser considerada um *guarda-chuva* para os boatos que se proliferaram nos últimos anos, e uniram esquerda, sexualidade e infância (LEITE, 2019; LEITE, V., 2019; CÊA e SANTOS, 2021; SANTOS, 2022). Começando pela circulação massiva da falsa afirmativa de que o então ministro Fernando Haddad do Partido dos Trabalhadores (PT) teria feito, por meio do Ministério da Educação (MEC), chegar às mãos de crianças de seis anos de idade um kit que supostamente serviria para ensinar estas a serem homossexuais – o “Kit Gay”, chegando até outros “causos”, como a mamadeira erótica para as pré-escolas – vulgarmente conhecida por “mamadeira de piroca”, a criação de banheiros unissex nas escolas, a descriminalização da pedofilia, o financiamento da exposição “o ânus é lindo”, em Salvador, e o lançamento da drag *queen* e cantora Pablo Vittar à presidência. (É #Fake..., 2018; Quessada, 2022, p.89).

Bolsonaro, ao carregar consigo o livro *Aparelho Sexual e Cia* para a entrevista, ao mesmo tempo que desrespeitou a regra que proibia a exibição de qualquer material, estabelecida para todos os candidatos daquelas eleições, também alçou a desinformação a outro patamar. Naquele ato enunciativo singular, o agora ex-presidente arrebatou o livro ilustrado por Zep para o centro do mecanismo da sua “catapulta eleitoreira” (Leite, V. J., 2019), participou ativamente da origem, da retomada e da expansão da notícia falsa do kit gay e deu continuidade às disputas morais que estão em voga na contemporaneidade em torno das questões de gênero e sexualidade, adicionando a elas a temática da defesa das crianças e dos adolescentes. A seguir, observo como se deu a disseminação dessa notícia falsa, bem como do papel das novas tecnologias nesse processo.

### 3.2 Kit gay 2, uma mentira política contemporânea e tecnológica

Segundo Quessada (2022), a seleção temática que tem feito parte da arquitetura da desinformação contra a esquerda brasileira, não se deu ao acaso, mas se mostrou como algo muito bem engendrado e eficiente, por mais bizarros e absurdos que fossem alguns temas. Isso fica mais evidente, através da tipologia do autor que mostra que as notícias falsas se dirigiram a mais de um político de esquerda<sup>18</sup>, de que elas tiveram seu ápice em momentos de eleição, visando a destruição de suas reputações, de que se voltam para temas do campo moral-religioso

---

<sup>18</sup> O trabalho do referido autor cita, especificamente, Fernando Haddad - PT, Manuela Dávila - PCdoB, Marcelo Freixo - PSOL, Marielle Franco - PSOL, Maria do Rosário - PT).

e de que insistem em temas sensíveis e medos da população brasileira. Medo do comunismo<sup>19</sup>, da “ideologia de gênero nas escolas”, da “destruição da família”. Temas que muitas vezes foram ignorados por parte da imprensa, pela sua própria natureza, mas que ganharam voz e eco nas redes sociais, aplicativos mensageiros e figuraram como protagonistas no debate político.

Assim, o autor defende que o discurso contra a esquerda brasileira encontra respaldo no discurso religioso, conservador, moralista. Sua catalogação de 183 desinformações contra a esquerda brasileira, já desmentidas por agências de checagem, constatou que setenta por cento delas refere-se a quatro grandes temas: direitos humanos, associação da esquerda com a criminalidade, corrupção e fraude nas eleições, destruição dos valores cristãos e da família tradicional com incentivo claro à homossexualidade e pedofilia. Nas palavras de Quessada,

As narrativas criadas mostram que os políticos e partidos esquerdistas preferem a defesa dos bandidos a lutar em favor do cidadão de bem, utilizam da corrupção em seus atos e buscam vencer as eleições mediante fraude, além de atentarem contra a fé cristã, ao erguerem bandeiras em favor da homossexualidade, da pedofilia e da ideologia de gênero. (Quessada, 2022, p.104).

Além disso, o autor chama a atenção para a força e a durabilidade de algumas delas, como é o caso do *Kit Gay*, que teve início em 2004, difamando o projeto Escola sem Homofobia, e foi retomada em 2010, quando Bolsonaro foi eleito deputado 2017 e 2022, em momentos decisivos para eleições presidenciais. Essas forças e a durabilidade são características que se comprovam ao examinar duas falas marcantes de Bolsonaro, com oito anos de intervalo entre elas. Na primeira, em discurso à Câmara dos Deputados, em 2010, “Kit” ainda não tinha sido adjetivado, mas já assumia valor pejorativo numa narrativa que além de descontextualizada, produziu inverdades a respeito do ESH, apelando a um público muito específico, apesar do vocativo “pais”, constituído por congressistas com poder decisório efetivo na esfera federal:

Sr. Presidente, meus companheiros, quero tratar de um assunto que, no meu entender, em 20 anos de Congresso Nacional, é o maior escândalo de que já tomei conhecimento. Não tem nada a ver com **corrupção**. Afinal de contas, esse é um tema corriqueiro neste Governo. Na semana passada, houve reunião na Comissão de Direitos Humanos e Minorias, em conjunto com a Comissão de Educação, com a presença do Sr. André Lázaro, Secretário de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, do MEC. Estava presente uma plateia composta de gays, lésbicas, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros. Essa turma toda reunida tomou decisões de que esta Casa não está sabendo. E digo mais: a maioria dos integrantes da Comissão de Educação também não está sabendo dessa decisão. **Atenção, pais de alunos de 7, 8, 9 e 10 anos, da rede pública: no ano que vem, seus filhos vão receber na escola um kit intitulado Combate à Homofobia. Na verdade, é um**

---

<sup>19</sup> Há temas que persistem e sobrevivem em determinada memória de discursos conservadores, o *medo do comunismo* é um deles.

**estímulo ao homossexualismo, à promiscuidade.** Esse kit contém DVDs com duas historinhas. Seus filhos de 7 anos vão vê-las no ano que vem, caso não tomemos uma providência agora. [...] (Brasil, 2010 – grifo meu).

E a segunda, no *Jornal Nacional*, em 2018, como já mencionado, na qual Bolsonaro se dirige à população geral, convocando novamente uma suposta figura protetiva paternal a uma cruzada contra a esquerda no território nacional:

Jair Bolsonaro: Olha só, isso começou a acontecer em novembro de 2010 comigo, até aquele momento era uma pessoa normal, como você é normal por aí no tocante a isso. E eu passando nos corredores da Câmara, vi algo acontecendo de forma esquisita, um grupo que... Não é normal, você ir na praia e encontrar gente de paletó e gravata, ou num fórum, gente de short de banho. E estava um pessoal vestido a caráter, e perguntei, sim, para um segurança: “Vai haver alguma parada de orgulho gay na Câmara?”. E tomei conhecimento do que estava acontecendo lá. **Eles tinham acabado o 9º Seminário LGBT Infantil. Repito, 9º Seminário LGBT Infantil.** Estavam discutindo ali, comemorando o lançamento de um material **para combater a homofobia, que passou a ser conhecido como “kit gay”.** Entre esse material, Bonner, estava esse livro lá, Bonner. **Então, o pai que tenha filho na sala agora, retira o filho da sala, para ele não ver isso aqui. Se bem que na biblioteca das escolas públicas tem.**

Jair Bolsonaro: Não, mas é um livro escolar. É para criança, é um livro para a criança, os pais não sabem que isso está na biblioteca.

William Bonner: Nós temos uma regra, candidato, que eu estou lembrando, com os seus assessores, os candidatos não mostram documentos, eles não mostram papéis... (Jair [...], 2022 – grifo meu).

Nesse intervalo de tempo, de 2010 a 2017, véspera da vitória eleitoral de Bolsonaro como presidente, houve um martelamento<sup>20</sup>, isto é, uma repetição incessante desses itens lexicais específicos e articulados politicamente em muitos outros contextos prenes de desrespeito, ofensa e ameaça à existência de pessoas inseridas no espectro LGBT+. Mesmo depois que o MEC desmentiu a falsa informação, em 2010 (quando Bolsonaro foi eleito deputado), e o Tribunal Superior Eleitoral mandou retirar do ar os *links* que associavam o PT à alcunha do Kit Gay, em 2022 (eleição que elegeu Lula como presidente para o seu terceiro mandato) essas falas foram retomadas e atualizadas em diversas esferas midiáticas por Bolsonaro e atores do campo conservador, inclusive no horário gratuito da propaganda eleitoral na TV e no rádio. É lamentavelmente notável que uma mentira tenha circulado por tanto tempo e em tantas materialidades, mas constitui indício importante do modo de circulação de determinados discursos que apelam à desinformação.

O uso de mentiras na política não é uma temática nova nas reflexões das humanidades.

<sup>20</sup> “Martelamento” é uma expressão utilizada por Krieg-Planque (2018) para se referir à estética da repetição que marca os serviços de propaganda, especialmente em regimes totalitários, autoritários e ditatoriais.

A filósofa Hanna Arendt, no ensaio *Verdade e política* de 1967, discute essa má relação, buscando responder que prejuízos o poder político pode causar à verdade, especialmente com a profusão de mentiras organizadas. Para Arendt, o resultado de uma substituição convincente, total e deliberada da verdade pela mentira não é só que as mentiras passam a ser aceitas como verdades, nem é que a verdade passa a ser difamada como mentira, mas que o sentido através do qual nos orientamos no mundo real fica destruído. A autora já considerava, nesse texto, a influência da relação entre verdade, mentira, política e os meios de comunicação de massa, que estavam em crescimento na época de sua escrita e foram usados na manipulação do fato e da opinião. Manipulação que segundo ela ficou evidente na reescrita da história, no fabrico de imagens e na política dos governos. (Arendt, 2016).

De tal modo, a filósofa distingue a mentira política tradicional, isto é, anterior à mídia de massa, e à mentira política moderna. A primeira incidia sobre segredos autênticos da vida diplomática (informações que nunca tinham sido tornadas públicas), ou sobre intenções (apenas potencialidades). As mentiras políticas modernas, pelo contrário, não seriam da ordem do segredo, mas construídas sobre fatos conhecidos praticamente por todos. Citando como exemplo a tentativa de apagamento de Trotsky da história da revolução russa através da edição de fotografias e arquivos, Arendt resume: “noutros termos, a diferença entre a mentira tradicional e a mentira moderna remete o mais das vezes para a diferença entre ocultar e destruir” (Arendt, 2016, p. 22).

De acordo com a linha do tempo criada pelo *International Center for Journalists* no *Pequeno guia da história das fake news* (Posetti e Matthews, 2018), a primeira mentira política de que se tem registro é do século I a.C., quando Otávio (que viria a ser o imperador romano Augusto) promoveu uma campanha de difamação contra Marco Antônio, acusando o amante da rainha egípcia Cleópatra de ser um bêbado mulhengo. As mentiras foram talhadas em breves inscrições sobre moedas, o que facilitou a sua propagação.

Hoje, existem as redes sociais digitais como o *Facebook*, o *Instagram* e aplicativos mensageiros como o *WhatsApp* e o *Telegram* no lugar de moedas. Não apenas se lê, ou ouve, mas interage-se com as informações quase que ao mesmo tempo em que elas são produzidas - sejam elas verdadeiras, ou não. Assim, entende-se que não há inovação no uso de mentiras, falseamento dos fatos, ou difamação contra oponentes políticos, mas sim no uso do que o senso comum chama de *fake news*<sup>21</sup> sim, pois são mentiras que contam com o apoio das Tecnologias

---

<sup>21</sup> Segundo Bucci (2022), professor titular da Escola de Comunicações e Artes da USP, “fake news é a falsificação da forma notícia. Parece ser uma notícia jornalística, mas não é”. Ele explicou o conceito em evento da Procuradoria Regional Eleitoral de São Paulo, em 2022. Por outro lado, a desinformação, de acordo com o

da Informação e da Comunicação (TICs) para circular, alcançando um papel relevante para conturbar o andamento de eleições, e ainda provocando transtornos incomensuráveis em situações como a Pandemia de Covid-19, por exemplo.

Tecnologias que permitem, como afirma Silva *et al.* (2017) que falsidades sejam disseminadas com velocidade, simplicidade, baixo custo e abrangência geográfica imensas. Além de serem lucrativas, uma vez que há hoje uma industrialização da notícia falsa, que “faz dinheiro com anúncios que são alocados por instrumentos regidos por algoritmos que premiam sites com maior visibilidade, acesso, compartilhamento” (Silva *et al.*, 2017, p. 1).

Em 2017, o estudo *Robôs, redes sociais e política no Brasil*, da Diretoria de Análise de Políticas Públicas da Fundação Getúlio Vargas (FGV DAPP) mostrou que “kit gay” foi tema de cerca de um milhão de tuítes - um exemplo, segundo Martins (2020), da articulação entre as redes sociais digitais e os veículos tradicionais de comunicação. A pesquisa *Desinformação na era digital: ampliações e panorama das Eleições 2018*, também da FGV, verificou que algumas publicações tiveram seu alcance aumentado artificialmente, através dos chamados “amplificadores falsos”<sup>22</sup>. Segundo o estudo,

As interferências promovidas por robôs ocorreram muitas vezes de forma articulada e sincronizada, a partir de botnets (redes de robôs). No período de pré-campanha, ao menos três redes de robôs foram responsáveis por publicar, em uma semana, 1.589 tuítes. As mensagens buscavam, de forma geral, impulsionar e/ou desmobilizar candidaturas, principalmente nos núcleos de maior polarização: Jair Bolsonaro-Lula/Haddad (FGV DAPP [...], 2023, p. 26).

Durante a busca e a coleta de material, na *web*, para a constituição do *corpus* da pesquisa tomei contato com a existência do livro *Kit Gay: Atividades lúdicas para toda a família!* (Vitorelo, 2021). Para sua análise, construí, portanto, um espaço discursivo que associa o discurso de Bolsonaro e seus apoiadores da Frente Parlamentar Evangélica, que funciona à base da desinformação em relação ao ESH e contra às reivindicações do movimento LGBTQ+, comentados nesta e na seção anterior (doravante Kit Gay 1, 2), e o discurso presente em Vitorelo (2021), que pretende instruir sobre as pautas do movimento LGBTQ+ e desmentir o que foi atribuído ao ESH e às reivindicações do movimento LGBTQ+ (doravante Kit Gay 3). A hipótese foi a de que essa tentativa de resistência aos discursos de ódio e de desinformação que formulam

---

professor, trata-se de um ambiente comunicacional hostil à informação: “A desinformação é o efeito geral da disseminação de fake news e de outros recursos para enganar ou manipular pessoas ou públicos com fins inescrupulosos. [...] Na era da desinformação, a capacidade social de distinguir fato e opinião se desfaz”.

<sup>22</sup> “Atividade coordenada de uso de contas/perfis não autênticos e não espontâneos, com o propósito de manipular o debate político (por exemplo, ao desencorajar partidos e grupos específicos de integrar o debate ou ao ampliar vozes sensacionalistas sobre outras)” (FGV DAPP [...], 2023, p. 13).

os estigmas negativos contra as pessoas LGBTQ+ se deu por meio de retomadas, e apelando ao humor e à ironia. A seguir me ocuparei de descrever e analisar esse objeto.

### 3.2 Kit gay 3, uma tentativa de reversão de estigma

Antes de ser um livro, *Kit Gay: Atividades lúdicas para toda a família!* foi um zine de mesmo título publicado de maneira caseira por Kael Vitorelo, em 2018, para circular e ser vendido em feiras como a *Perifacon*, *Miolo(s)* e *Des.gráfica*. Continha apenas um bonequinho de papel para recortar e vestir. Como é possível verificar na figura 12,

**Figura 12** - Zine *KIT GAY: atividades lúdicas para toda a família!*



Fonte: (Vitorelo, 2019).

Cada uma dessas feiras tem objetivos e funcionamentos diferentes. A *Perifacon*, conhecida como a *convenção nerd das favelas*, por exemplo, está na sua 4ª edição, é um evento itinerante voltado para crianças e jovens de comunidades periféricas que apreciam a cultura nerd. As vendas, palestras e exposições costumam acontecer em centros culturais de cidades do interior de São Paulo, como o Centro de Formação Cultural da Cidade Tiradentes e a Fábrica de Cultura de Diadema, onde ocorreram as últimas edições. De acordo com o site oficial do evento, a edição de 2023, ano passado, contou com mais de 50 voluntários, atendeu mais de 500 crianças em visitas guiadas, movimentou mais de 350.000 reais em comercializações de



peças artísticas e teve mais de 13.000 ingressos retirados com antecedência (Perifacon, 2023; Perifacon [...], 2024).

**Figura 13** - Feira Perifacon de 2023



Fonte: (Perifacon [...], 2023).

Já a Feira Miolo(s) é um encontro promovido pela Biblioteca Mário de Andrade (BMA) em parceria com a editora Lote 42. A 1ª edição aconteceu em 2014, contou com 59 editoras e veio de uma proposta da editora de servir como uma ponte para aproximar a instituição da produção de publicações independentes. Nela, os publicadores fizeram doações para integrar um acervo da Miolo(s) na BMA. A partir da 2ª edição, a feira passou a homenagear um artista, abrigar uma mostra de zines, livros e arte gráfica, contar com uma programação paralela de oficinas, palestras e para a entrega do Prêmio Miolo(s). Segundo o site da editora Lote 42, a intenção do prêmio é reconhecer simbolicamente o trabalho e as iniciativas de artistas independentes (Lote [...], 2015; Feira [...], 2023).

Figura 14 - Feira Miolo(s) de 2023



Fonte: (10ª miolo(s), 2023).

A feira Des.gráfica, por sua vez, é promovida pelo Museu da Imagem e do Som (MIS) da cidade de São Paulo, desde 2016. Está relacionada, portanto, à Secretaria da Cultura, Economia e Indústria Criativas do Estado de São Paulo (SCEIC-SP). O evento conta com a curadoria do artista plástico, quadrinista e editor Rafael Coutinho<sup>23</sup>, em parceria com as editoras Antílope e UgraPress. A primeira edição selecionou cinco projetos de quadrinho autoral para serem publicados com capas criadas pelo Estúdio Invertido - “um espaço de produção gráfica que reúne tipografia, serigrafia, encadernação e acabamentos artesanais” (Museu [...], 2016). Além de a feira ter o objetivo de dar espaço à quadrinhos, publicações e autores de diversas áreas, que desenvolvem narrativas apoiadas na experimentação gráfico-visual, também busca trazer para perto do público artistas e livros com enfoque na “autoralidade e no posicionamento alternativo de seus artistas” (Estúdio [...], 2015). Na primeira edição, por exemplo, trouxeram Ilan Manouach, que na época era bacharel em belas artes pela *L’Ecole Supérieure des Arts* (Escola Superior de Artes), em Bruxelas e estava cursando o programa de mestrado em arte do Dutch Art Institute, na Holanda. O acadêmico e ativista tornou-se mais memorável por seu projeto financiado pela a *Kone Foundation* para a criação do *Shapereader* - “um sistema de literatura tátil desenvolvido para leitores com dificuldades de visão” (Museu [...], 2016). Já a

<sup>23</sup> Trata-se do filho da famosa cartunista e ilustradora Laerte, o qual por isso mesmo foi escolhido como responsável pela curadoria do projeto Ocupação Laerte, financiado pelo Itaú Cultural, em 2014 (Itaú [...], 2014; Lote [...], 2018).

última edição do evento, que ocorreu em outubro de 2019, além das parcerias usuais, foi apoiada pela Escola Britânica de Artes Criativas (EBAC), em razão disso, pôde acolher os mais de 90 expositores, no museu, e ainda oferecer palestras, oficinas e cursos com temas como “cursos de quadrinho no exterior, efeitos especiais, animação 2D e 3D e Quadrinhos e o Audiovisual” (Museu [...], 2019). Ademais, nos dois dias do evento, quem tivesse o interesse poderia ter seu portfólio analisado por professores<sup>24</sup> da EBAC.

**Figura 15** - Feira Des.gráfica de 2019



Fonte: (Museu [...], 2019).

Os Centros Culturais da periferia, a biblioteca Mario de Andrade (Miolo(s) e o Museu da Imagem e do Som constituem espaços institucionais muito distintos, especialmente se considerarmos a quantidade dissonante e hierarquizante de recursos dispensados a esses lugares. Depois de existir nesses ambientes com ar de protótipo, o zine passou por uma transformação editorial digna de nota. Sua publicação, pela editora Veneta, conferiu-lhe outras condições materiais. O que implica dizer que ele agora pode circular, também por livrarias físicas

---

<sup>24</sup> Participaram das análises: Cezar Sperinde, coordenador na EBAC de Arte e Design, professor e artista visual, mestre em Media Fine Art na Slade School of Fine Arts, UCL em Londres; Roger Basseto, coordenador na EBAC de Arte e Design, artista plástico e designer pela School of Visual Arts, Nova Iorque e Central Saint Martins, Londres e Radina Nedelcheva, coordenadora na EBAC de Computação Gráfica, especialista em Animação e VFX pela Bradford University (Museu [...], 2019).

e virtuais, e por isso mesmo, de maneira menos restrita, validando uma autoria. A respeito da manufatura dos livros, numa perspectiva discursiva, vale mencionar que Salgado (2020, p. 189) sublinha que os livros são *objetos editoriais*. Isso significa que:

São objetos técnicos que supõem uma cadeia criativa e uma cadeia produtiva, nas quais técnicas e normas são administradas por diferentes atores com vistas à formalização material de uma síntese de valor signico, que enseja uma circulação pública, apontando para uma autoria [e **projetando um público leitor**]<sup>25</sup>. O livro impresso herdeiro do códice é o paradigma. Trabalhos recentes sobre poesia slam ou sobre a publicação em plataformas digitais, nas quais se chega a milhões de leitores, mostram que a publicação em plataformas digitais, nas quais se chega a milhões de leitores, mostram que a publicação de um livro impresso é, ao fim e ao cabo, mesmo que numa tiragem modesta, a consagração de um autor. Antes disso há um escriba. Ele escreve e pode alcançar milhões de leitores, mas é efetivamente chamado de autor” quando um dado objeto editorial consagrado assim o autoriza (Salgado, 2020, p. 189).

Aquele bonequinho de recortar e vestir (Figura 12) está agora na companhia de outras atividades como *Ligue os pares*, *O jogo da vida* e *Conhecendo e colorindo as bandeiras*. A obra mede 12x18x0,80 e pode ser adquirida através dos principais sites de vendas de livros. Já na capa, figura 16, há vestígios de pelo menos dois pontos de vista incompatíveis que estão em jogo, habitando a mesma materialidade: O posicionamento do Kit Gay 3, que afirma que as questões de sexualidade e de gênero podem e devem ser discutidas com todos os membros da família, inclusive com as crianças e os adolescentes, e o seu oponente, o discurso Kit Gay 1,2, que falseou e depreciou o objetivo do programa Escola sem Homofobia de discutir essas questões nas escolas e com as famílias, como forma de enfrentamento à homofobia.

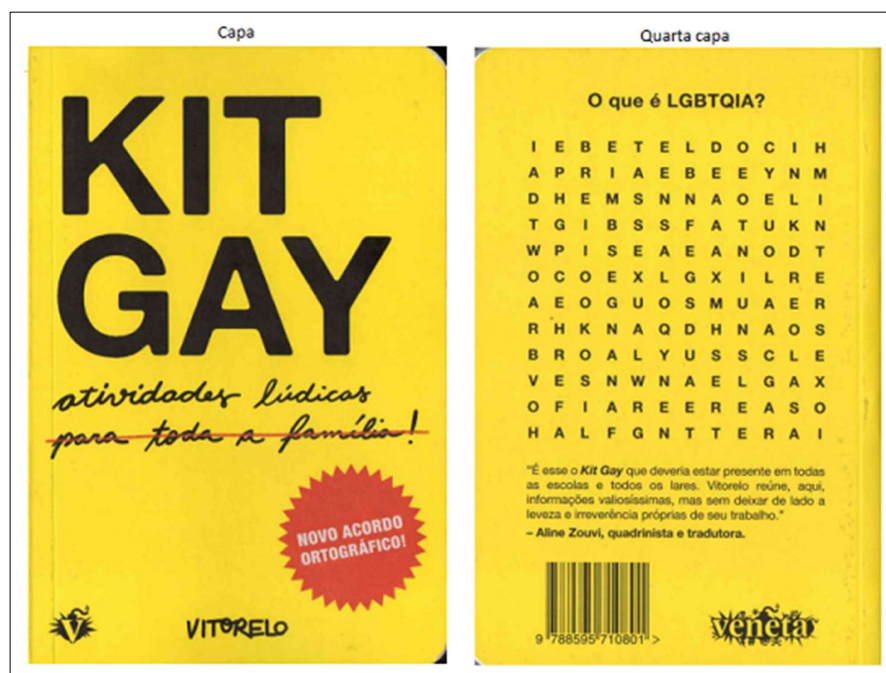
É válido destacar que o texto de apreciação da quarta capa, validado por Aline Zouvi, - quadrinista, tradutora e mestre em Literatura pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) - expressa com clareza, um posicionamento favorável a que se fale com as crianças sobre a sexualidade, não só em casa, mas também nas escolas, como é possível verificar no excerto I, a seguir:

I . É esse o *Kit Gay* que deveria estar presente em **todas as escolas e todos os lares**. Vitorelo reúne, aqui, informações valiosíssimas, mas sem deixar de lado a leveza e irreverência próprias de seu trabalho.

<sup>25</sup> Acrescentei o trecho “e projetando um público leitor” para atender ao pedido da Profa. Dra. Luciana Salazar Salgado feito durante a cerimônia de defesa desta dissertação, a fim de manter a citação condizente com aquela que tem sido a mais utilizada por ela em aulas, seminários e conjecturas formuladas junto aos grupos de pesquisa chefiados por ela. Essa forma mais completa da definição também está disponível em seu *blog* educacional: <https://lucianasalazarsalgado.net/estudar-objetos-editoriais-2023/>. Acesso em: 23 jul. 2024.



Figura 16 - Capa e quarta capa do livro KIT GAY: atividades Lúdicas ~~para toda família!~~



Fonte: (Vitorelo, 2021).

O posicionamento do Kit Gay 1,2, descrito sumariamente nas seções 3.1 e 3.2, no começo deste capítulo, é evocado pela memória interdiscursiva no próprio título do livro, que é uma retomada em letras garrafais da cristalização pejorativa utilizada por Bolsonaro e seus apoiadores e, também, pelo recurso gráfico do tachado em cima de *para toda a família!*, que lembra uma marca de revisão textual feita à mão, na cor vermelha. Desse modo, o traço que nega é o mesmo que afirma, produzindo o efeito de sentido de ironia no texto, com um tom irreverente. Esse tom também é reafirmado pela quarta capa, que encena um caça palavras de revista de passatempo com as palavras das letras da sigla LGBTQIA, ao invés de trazer um resumo do conteúdo da obra, como é usual.

Eis o primeiro indício de ironia, como um canal instaurador de polifonia. Haveria um Kit gay com atividades lúdicas para toda a família e um Kit gay, apenas com atividades lúdicas. A enunciação da capa, aparentemente promove concordância com a negação delineada pelo tachado. Isto é, os conteúdos do ESH não serviriam “para a família inteira”, “não seriam para todos os membros da família”, “não seriam para crianças, ou adolescentes”, como se concordasse com o já-dito a esse respeito e rememorado pela censura da marca vermelha. Entretanto, na quarta capa e no interior do livro, reconhecemos uma locutora que não só exprime o inverso disso, como considera a censura absurda, deixando a compreensão dessa inversão ao cargo da perspicácia do leitor.

Além disso, na *Gramática de usos do português*, a linguista Maria Helena de Moura Neves afirma que o emprego do artigo definido “a” quando precedido do pronome indefinido “toda”, pode indicar totalidade, inteireza, como é possível ver acima, mas também pode ter significado de “qualquer”, mesmo que esse uso não seja recomendado pela gramática prescritiva. Assim, “para toda a família” pode ser lido ainda como “para qualquer família”, ou “todo tipo de família”.

Voltando ao traço vermelho, que recai sobre esse sintagma preposicional, é possível ver mais uma camada de ambiguidade: o livro destina-se a qualquer família, ao mesmo tempo que não é para qualquer família. Uma alusão ao discurso do Kit Gay 1,2, que só “vê” como positiva a família tradicional e como negativas todas as outras configurações familiares. Esse traço semântico é refutado pelo discurso do Kit Gay 3 que compreende como positiva a pluralidade dos tipos de família, como é possível averiguar na figura 17, que consta no miolo do livro.

**Figura 17** - Onde está a família brasileira?



Fonte: (Vitorelo, 2021).

Nos últimos quarenta anos, estudiosos da Ciência Política têm observado o fortalecimento político de atores coletivos com agendas conflitantes na América Latina: os movimentos feministas e LGBT+, por um lado, e os segmentos católicos carismáticos e evangélicos pentecostais, por outro. Cada um desses polos é, em si mesmo, heterogêneo quando

se trata de gênero e sexualidade, entretanto, os dois adotam políticas de identidade e representação. Os primeiros atuando pela promoção da igualdade de gênero e pela extensão dos direitos sexuais e reprodutivos (uma agenda marcada pelo pluralismo ético) e os setores pentecostal e católico adotando uma agenda de defesa da liberdade religiosa, da família e da moral sexual cristã (uma agenda orientada por concepções morais unitárias). (Biroli; Vaggione; Machado, 2020).

Na figura 17, também é possível observar como o discurso do Kit Gay 3 informa seu leitor de seu posicionamento favorável à agenda pluralista dos movimentos feministas e LGBT+ no que diz respeito às lutas pelo reconhecimento dos direitos das famílias homoafetivas e das famílias chefiadas por mulheres, por exemplo. Para a pergunta “Onde está a família brasileira?” temos como resposta, no canto inferior direito, que todas as configurações são válidas. Essa aparência de atividade de almanaque é mais uma evidência de como o Kit Gay 3 traduz seu outro com as lentes da irreverência para prová-lo como absurdo.

A narrativa contida na obra começa com um mapeamento resumido do processo de transformação do ESH em bode expiatório, passa por uma apresentação da autora e do próprio projeto do livro em formato de história em quadrinhos. Nesse começo, ficam ainda mais claras as balizas semânticas com as quais o livro deve ser lido, pois traz os elementos da polêmica do ESH sob o viés factual em contraposição à temática pejorativa com que foi tomado, principalmente por Bolsonaro e seus assessores.

Vale mencionar que a autora se põe em cena, através de seus autorretratos, convida o leitor para “um papo” e se faz conhecer por detalhes de sua vida pessoal: uma pessoa não-binária, bissexual e casada com um homem cis e hétero. Inserida, portanto, no grupo de pessoas ofendidas pelo discurso do Kit Gay 1,2, dedica alguns parágrafos para descrever como a ideia de produzir o zine foi a respeito de “mostrar de um jeito criativo, que ser gay não é nada demais.” (Vitorelo, 2021, p.08). Expõe seus medos e paixões num grande balão de diálogo com moldura rococó, afirmando-os como imprescindíveis para a construção do livro. É talvez aqui que as instâncias autora e locutora se confundam ou se imiscuem em uma persona complexa que, ao se mostrar, refletem um ponto de vista distinto ao do traço veiculado na capa, revelando ironia.

Figura 18 - Introdução do livro *KIT GAY: atividades Lúdicas para toda família!*



Fonte: (Vitorelo, 2021).

Este *eu* complexificado pela presença autobiográfica segue posicionando-se sobre diversos tópicos como educação sexual, diversidade, identidade, orientação sexual, identidade de gênero, homofobia, sexualidade, siglas LGBTQ+, direitos humanos, família, política educacional etc. Temas que são inseridos por uma estética que mistura técnicas variadas (texto verbal, desenhos lineares, fotografias, molduras, recortes, pontilhados, quadrinhos, balões, tipografias distintas) dispostas em cenas genéricas diversas (sugestão de consumo, material instrucional, cartas de super trunfo, folha de caderno com anotações manuscritas, revisão textual, jogo de tabuleiro, revista de passatempo, teatro). Não há sumário, nem paginação, mas os assuntos seguem uma certa identidade visual e, dessa maneira, *O mito da virgindade* faz divisa com o *Guia para sair do armário*, por exemplo.

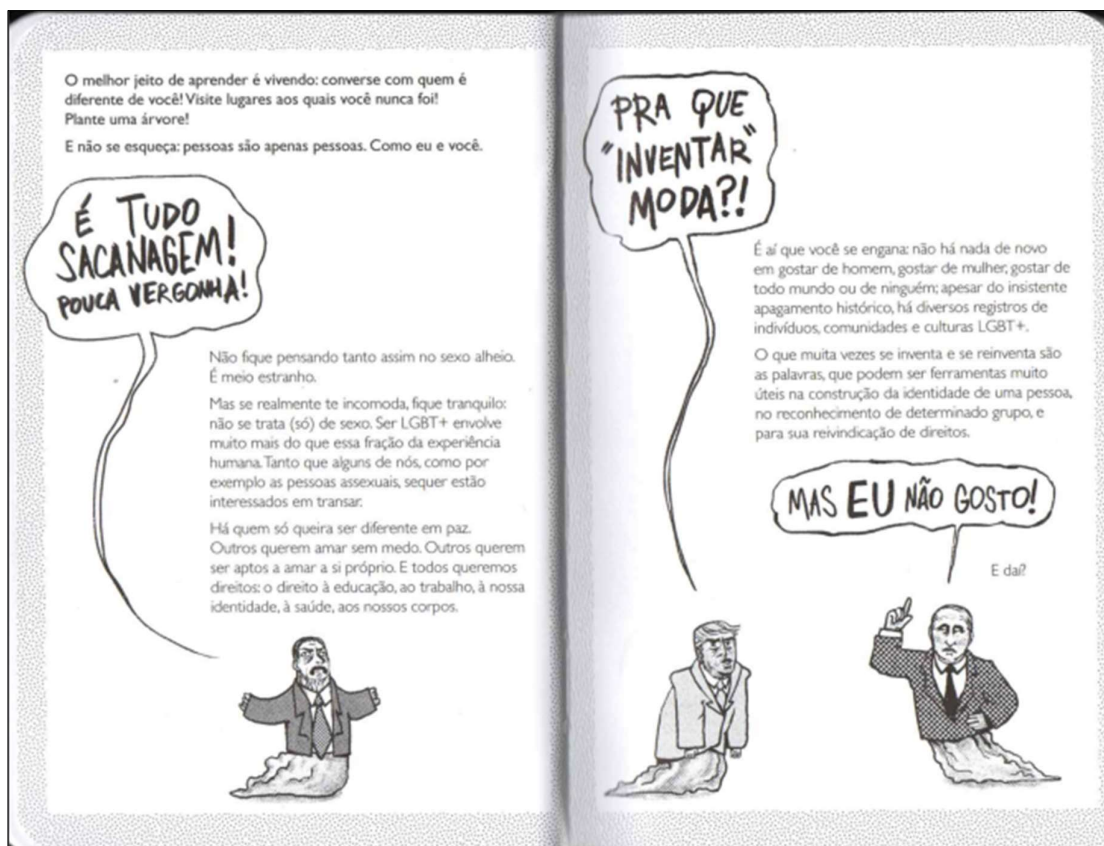
Algo muito semelhante ao que Gatti vem nomeando de “estética do caos”, em suas análises de episódios do podcast *Medo e Delírio em Brasília* (informação verbal)<sup>26</sup>. A estética do caos seria, segundo o analista, um produto da interdiscursividade, privilegiado para observar as tensões criadas pelo discurso. Embora o material de um podcast seja predominantemente sonoro e aqui, tratarmos de um objeto gráfico-visual, de maneira geral, os elementos fundamentais e estruturantes dessa estética podem deixar visível o modo como um determinado discurso interpreta o outro em determinado espaço discursivo.

<sup>26</sup> Noção fornecida por Márcio Antônio Gatti na III Jornadas Internacionales de Estudios sobre el Humor y lo Comico, na Argentina, em junho de 2023.



Por exemplo, na figura 5, os sujeitos partidários do discurso do Kit Gay 1 são satirizados por desenhos nada elogiosos, nessa estética pouco convencional, que se alia a ironia e ao tom ácido com que o Kit Gay 2 menciona seu outro para defender-se dele. Aquilo que é do discurso oponente é trazido em balões com contornos lineares, ao invés de molduras solenes bem-acabadas e com letras maiúsculas, as quais podem ser entendidas como gritos, ou deselegância em contextos digitais.

Figura 19 - É tudo Sacanagem!



Fonte: (Vitorelo, 2021).

Essas páginas vêm depois de explicações sobre a origem do vocábulo gay, sua dinâmica de significações que podem se referir tanto a dois homens homossexuais, como às pessoas LGBTQIA+<sup>27</sup> de modo geral. Entretanto, a locutora/autora insiste que apesar de gay ser a

<sup>27</sup> Essa foi a sigla mais utilizada no livro analisado (que é de 2021). Nos últimos dois anos, foram acrescentadas mais duas letras: LGBTQIAPN+. Essa dinâmica no processo de siglação mantém as pautas do movimento sempre acesas na memória coletiva, uma vez que vai na contramão das propriedades básicas da sigla, como “resumir, ocupar menos espaço, dizer mais rápido” (KRIEG-PLANQUE, 2018, p. 191). Talvez esse seja um modo de expressar que a infinitude de experiências e de identidades sexuais e de gênero são complexas e não se encaixam em categorias homogeneizantes.

palavra mais conhecida, ela só representa uma parcela de uma comunidade variada. Inclusive, reconhece que a sigla é extensa justamente para provocar o questionamento a respeito dessa variedade.

Desse modo, passa a definir cada um dos caracteres dessa sigla, como uma pequena amostra do mundo real, sustentando que tal volume de informação pode ser intimidador para quem não convive com pessoas LGBTQ+, por isso afirma que: “o melhor jeito de aprender é vivendo: converse com quem é diferente de você! Visite lugares aos quais você nunca foi! Plante uma árvore! E não esqueça: pessoas são apenas pessoas: Como eu e você” (Vitorelo, 2021, p.20).

E para esse outro caricaturizado, que põe o estigma da promiscuidade sobre essas formas variadas de se relacionar - “é tudo sacanagem e pouca vergonha” (p. 20) - a resposta vem numa tipografia mais formal, e com tom que alterna entre o ácido e o sereno. O tom ácido, para debochar desse “estranho” que julga o sexo alheio, enquanto podia estar plantando uma árvore e o tom sereno para reafirmar o desejo de ser diferente em paz e não ser perseguido por isso, ou ficar à margem dos direitos básicos. Além disso, o “e daí?” dito por Bolsonaro em abril de 2020, quando interpelado sobre o Brasil ter ultrapassado o número de mortes por COVID-19 na China, é retomado para demonstrar indiferença ao discurso discriminatório contido no Kit Gay 1,2. Um belo exemplo do paradoxo da tolerância de Karl Popper, ou como afirma Gatti e Mendonça (2020), na impossibilidade de diálogo com o opositor imediato é muitas vezes possível dialogar com outros interlocutores, nesse caso com os leitores do livro. Daí a importância de contradizer os estereótipos, estigmas e simulacros do Kit gay 1,2, que reforçam o preconceito e a discriminação.

Até 2021, predominavam na cena midiática brasileira os efeitos de sentido pejorativos do sintagma *Kit Gay* promovidos pela desinformação veiculada por Bolsonaro e figuras da Frente Parlamentar Evangélica. Mesmo quando sites de notícia e de checagem tratavam de desmentir a farsa, o estigma negativo predominava. Com a publicação do livro podemos vislumbrar o começo de uma disputa pelo sintagma e de uma reversão de estigma pautado na valoração positiva conferida a ele.

Um projeto de resistência que começou com um zine caseiro, ao se transformar em livro tem algo da ordem do poder simbólico e não pode ser ignorado, principalmente agora que recebeu menção honrosa no prêmio Mix Literário, em 2023. Além disso, uma simples pesquisa no *Google*, por imagens relacionadas ao tema *Kit Gay*, traz a capa do livro de Vitorelo junto a imagens de Bolsonaro segurando o livro *Aparelho sexual e cia*. Como é possível ver a seguir:

Figura 20 - Busca por Kit Gay, Imagens



Fonte: (Google, 2023).

Merece atenção o fato de que uma busca como essa, que 1) levasse em consideração a lógica algorítmica; 2) partisse de sistemas operacionais distintos, em uma quantidade substancial de computadores públicos e outros dispositivos; 3) e se apoiasse em ferramentas especializadas em tratamento de *corpora* - o que não foi exequível, neste momento -, seria uma excelente possibilidade de pesquisa futura. É possível que com obras dessa natureza, *Kit Gay* passe a funcionar como uma fórmula discursiva e como afirma Krieg-Planque (2010, p.100), a fórmula põe em jogo a existência das pessoas (modos de vida, direitos, relações de igualdade e desigualdade) porque é portadora de um valor de descrição dos fatos políticos e sociais.

Quando polemizam em torno de uma fórmula, os atores/locutores não polemizam por nada. Toda disputa pelas palavras é também uma disputa por uma descrição do real. Nisso, enfatizo que a publicação de Vitorelo constitui uma forma de resistência aos discursos de ódio contra as pessoas LGBT+, pois trata-se de uma disputa para a sobrevivência dessas pessoas no mundo concreto. De acordo com Alexandre Bogas, fundador da ONG *Observatório de Mortes e Violências contra LBGTI+* o Brasil é país onde mais se mata pessoas LGBT+, uma média de duas mortes a cada três dias. (Gandra, 2023).

Encontrou-se, ao analisar o caso da publicação do *Kit Gay: atividades lúdicas para toda a família!*, uma polêmica que sobrevive no meio digital há mais de 18 anos e passou a figurar no meio impresso e isso é significativo para começarmos a pensar a materialidade na qual os discursos de resistência se materializam na contemporaneidade. Sobretudo, quando nos encontramos diante da aceleração da distribuição de informações promovido pelas Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs). Fato que faz das polêmicas objetos complexos que demandam esforços interdisciplinares para sua compreensão. Talvez, essa migração tenha ocorrido porque importa registrar as lutas contra a desinformação e os discursos de ódio em meios menos etéreos. Isto é, mais perenes e dotados de poder simbólico, como é o caso dos livros. No entanto, é possível que esse trânsito leve consigo vestígios das tendências dos gêneros

virtuais para os “físicos” e isso se faz notório nas tramas cenográficas do texto impresso analisado. O fugaz do digital resiste na cenografia que o livro adotou.

## 4 ANNE FRANK, TARADA?

Este capítulo tem por objetivo analisar a polêmica provocada por Pietra Bertolazzi sobre a adaptação em quadrinhos de *O diário de Anne Frank*, de Ari Folman e David Polonsky, ocorrida em 2021. Na primeira parte, eu procurei resumir a biografia de Anne Frank e situar alguns pontos interessantes a respeito de seus escritos. Depois, comento algumas controvérsias um pouco mais antigas sobre a obra e por último analiso o caso polêmico de 2021.

### 4.1 Sobre Anne Frank e seu famoso diário

Annelies Marie Frank nasceu em Frankfurt, Alemanha, no dia 12 de junho de 1929. Em 1933, seus pais, Otto e Edith Frank, decidiram se mudar com a família para Amsterdã, na Holanda, fugindo da perseguição nazista aos judeus. Em 1939, quando a Alemanha invadiu a Polônia e começou a Segunda Guerra Mundial, Anne tinha 10 anos. Em 1942, em consequência da invasão da Holanda, pela Alemanha Nazista, a família Frank se escondeu em um anexo secreto, com mais dez moradores, próximo ao antigo escritório da família, onde passaram um pouco mais de dois anos. Durante esse tempo, Anne registrou sua rotina e seus pensamentos em seu diário. (Frank, 2021).

A princípio, Anne escrevia para si mesma. Até que, em 1944, ouviu uma transmissão de rádio em que Gerrit Bolkestein, um membro exilado do governo holandês, declarou que pretendia recolher testemunhos dos sofrimentos vividos naquele período e dispor ao público, depois da guerra. Inspirada por Bolkestein, Anne passou a editar o próprio diário, visando à publicação, ao passo que continuou escrevendo o original. Essas duas primeiras versões são chamadas pelos especialistas de A e B, respectivamente. No mesmo ano, a família foi descoberta e enviada para campos de concentração. Anne e sua irmã Margot foram transferidas para o campo de *Bergen-Belsen*, onde, devido às péssimas condições de higiene e à epidemia de tifo, vieram a falecer. (Frank, 2021).

O diário de Anne Frank foi publicado, oficialmente pela primeira vez, em 1947, por iniciativa de seu pai, que foi o único membro da família a sobreviver aos campos de concentração. Nesta versão C, algumas partes do diário foram excluídas por tratarem da sexualidade de Anne e, também para proteger a privacidade da família e de outras pessoas mencionadas por Anne, especialmente sua mãe, com quem tinha dificuldade de relacionar-se. Em 1991, uma edição mais completa foi organizada pela escritora e tradutora Mirjam Pressler, incluindo partes do diário anteriormente censuradas (somando versões A, B e C). Essas novas partes abordam questões mais pessoais e detalham a descoberta da sexualidade de Anne. Essa

edição ficou conhecida como a versão D e trouxe uma nova perspectiva para os leitores, mostrando Anne como uma adolescente comum, enfrentando as dificuldades da adolescência em meio a uma guerra. Em janeiro de 2016 as versões A e B caíram em domínio público, desde então, várias edições e traduções do diário foram lançadas, tornando-se uma das obras mais lidas e conhecidas sobre o Holocausto. *O diário de Anne Frank* inspirou peças de teatro, filmes e inúmeras adaptações em todo o mundo (Frank, 2021).

Sobre a qualidade literária do livro, Aguiar e Martins (2024), no artigo *O tabu do sexo e o holocausto*, escreveram:

O diário de Anne Frank (1947) é obra mais do que notória, sendo certamente a mais célebre e difundida experiência autêntica de uma vítima do holocausto até hoje. Some-se a isso o fato de essa experiência ser um diário escrito por uma garota entre seus 13 e 15 anos de idade, apresentando notáveis qualidades literárias do ponto de vista estilístico, além de constituir madura investigação psicológica sobre questões relacionadas a medo e terror sob o regime nazista – e mesmo a amadurecimento e conflito de gerações, pensando de maneira mais ampla. Ademais Anne Frank mostra um caráter único diante das adversidades, por ser uma garota otimista a maior parte do tempo, mesmo estando sempre em confinamento, sob o jugo dos mais velhos, em conflito com a mãe e, principalmente, correndo o risco de ser ela mesma e os membros de sua família presos pela GESTAPO - a polícia secreta oficial da Alemanha nazista -, caso fossem descobertos (Aguiar e Martins, 2024, p.148).

Apesar se ser obra célebre, como afirmaram Aguiar e Martins (2024), seu uso também tem gerado controvérsias em diferentes contextos. Há quem acredite que a obra está sendo comercializada e explorada de maneira insensível, enquanto outros defendem que é importante continuar divulgando a história de Anne Frank para manter viva sua memória e compartilhar a mensagem contra o preconceito e a discriminação. A seguir, me ocupo de pontuar algumas disputas que envolveram a obra, nos últimos anos.

#### 4.2 Disputas envolvendo *O Diário de Anne Frank*

Uma das primeiras querelas envolvendo *O diário de Anne Frank* diz respeito à autenticidade do texto. Segundo comentários da 89ª edição brasileira da editora Record, alguns críticos levantaram dúvidas sobre a veracidade do diário e alegaram que partes teriam sido escritas por outra pessoa. No entanto, estudos caligráficos e de comparação com outros documentos, realizados pelo Instituto Estatal Holandês para Documentação da Guerra (IHDG), confirmaram sua autenticidade. (Frank, 2021).

Outra polêmica relacionada ao *Diário de Anne Frank* é a questão dos direitos autorais. Como o diário foi escrito por uma adolescente e publicado postumamente por seu pai, foi necessário lidar com questões legais sobre quem possui os direitos de publicação e adaptação

da obra. Algumas disputas e processos judiciais ocorreram ao longo dos anos, envolvendo diferentes partes interessadas (Frank, 2021).

Em 2015, o Fundo Anne Frank, que fica na Suíça e é proprietário da obra, entrou em disputa com a Fundação Anne Frank, que administra a casa-museu situada na Holanda, pelos direitos autorais. O Fundo defendeu que os 70 anos para que a obra caísse em domínio público deveriam ser contados a partir da morte de Otto Frank e não da morte de Anne Frank. Isso impediria que novas versões do diário fossem criadas sem o consentimento desta instituição. Depois de um acordo entre o Fundo e a Fundação, o tribunal de Amsterdã decidiu que os textos poderiam ser copiados pela Fundação e pela Academia Holandesa de Ciências para pesquisa (Justiça [...], 2015).

Assim, as muitas edições da obra que se proliferaram pelo mundo, a partir de 2016, tomaram por base as versões A e B, aquelas dos manuscritos da própria Anne e não as versões C e D, editadas por Otto Frank e Mirjam Pressler. Vale mencionar que algumas traduções brasileiras da Editora Record, em colaboração com o Fundo, possuem a validação de um selo na capa que diz: EDIÇÃO OFICIAL, ANNE FRANK FONDS, FOUNDED BY OTTO FRANK, que torna público o aval institucional. Já o quadrinho em inglês, ainda que tenha passado pelo crivo do Fundo Anne Frank e também do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), não possui selo. Isso talvez explique alguns mal-entendidos que possam ter ocorrido quanto a quem teria escrito o que, mas não justifica, os ataques que a obra sofreu.

**Figura 21** - Capas e selos



Fonte: Compilação da autora<sup>28</sup>

<sup>28</sup> Montagem feita a partir de imagens das capas dos livros coletadas no site da Amazon. São referentes à 89ª edição do livro, de 2021, e à 9ª edição do quadrinho, de 2020.

Essas questões a respeito do processo editorial consistiriam em material interessante de pesquisa para a Análise do Discurso francesa<sup>29</sup>. Especialmente, as que dizem respeito à constituição da autoria, da institucionalização da autora ou até mesmo das técnicas inscricionais empregadas para a veiculação de cada edição, seja para o quadrinho, seja para o cinema. Entretanto, o foco aqui recai sobre as disputas mais recentes que envolveram o assunto da sexualidade de Anne, especialmente quando tratada nas escolas.

De acordo com Aguiar e Martins (2024), a obsessão de pais pela temática sexual no Diário, não é novidade. Nos Estados Unidos, por exemplo, ocorreram pelo menos seis tentativas de banimento do livro desde os anos 1990. A autora e o autor destacam dois casos: o de 2010, quando o sistema escolar do condado de Culpeper, Virgínia, banuiu o livro por conta das reclamações de alguns pais a respeito das “temáticas homossexuais ali tratadas” e o de 2013, quando ocorreu o mesmo em Northville, Michigan. Aliás, os autores também relataram as exigências do Hezbollah<sup>30</sup> pela extinção do livro. Os fundamentalistas islâmicos alegaram que a obra seria “propaganda judia pró-Israel e sionista” (Aguiar; Martins, 2024, p. 148).

Desse mesmo modo, no Brasil, pais *cuidadosos* juntaram-se ao coro dos ultraconservadores norte-americanos e fundamentalistas islâmicos para censurar “uma das narrativas mais ternas do século XX” (Aguiar e Martins, 2024, p. 149). Em 29 de março de 2018, o jornal G1 do Espírito Santo, registrou que alguns pais reprovaram o uso da versão em quadrinhos do Diário, de Ari Folman e David Polonsky, pelos alunos do sétimo ano em uma escola de Vitória. Nesse caso, a escola decidiu suspender o uso do livro. A matéria jornalística traz principalmente a voz queixosa de um pai que declarou seu incomodo com o fato de sua filha de 12 anos<sup>31</sup> ter tido acesso, por meio da escola, aos assuntos da sexualidade em um momento que ele mesmo não pretendia fornecer, por julgar cedo demais. Diz a matéria:

O pai de uma aluna, que pediu para não ser identificado para não expor a filha, disse que não foi apenas ele que ficou indignado com o vocabulário do livro e que a menina também achou estranho.

‘A minha filha trouxe a informação pra mãe dela, de que ela tinha lido o livro e começou a falar do que estava acontecendo em sala de aula, de que as crianças estavam repercutindo o conteúdo do livro na sala. Ela contou que alguns menino (*sic*) estavam fazendo chacota com as meninas, porque o livro fala do órgão genital feminino’, disse.

Ele acredita que a escolha da escola acabou antecipando um momento da vida da filha.

<sup>29</sup> Como Salgado (2020, p. 189), distinguiu bem, para a AD “A obra não é um texto desmaterializado, é trabalho de muitos”. Dessa perspectiva o livro é uma manufatura e o autor é mais um a fazer parte dela, como um escriba, assim como o revisor de textos, ou o tradutor.

<sup>30</sup> Organização política e paramilitar do fundamentalismo islâmico sediada no Líbano. Constitui-se um dos principais movimentos de combate a presença israelense no Oriente Médio.

<sup>31</sup> Penso ser importante deixar claro que Anne Frank viveu dos 13 aos 15 anos no anexo secreto, antes de ser levada para o campo de concentração de *Bergen-Belsen*, onde veio a falecer. Ou seja, apenas um ano mais que a menina citada pela matéria.



‘Ela comentou com a gente acerca de penetração, de masturbação, de colocar o dedo na vagina. Coisas que não são para a idade dela. Ela sequer tinha curiosidade de sabe aquelas coisas ainda, mas depois que ela leu, a gente teve que explicar, porque é melhor pai e mãe explicando do que um amiguinho ou uma pessoa mal intencionada’ (*sic*), explicou (Alvarenga, 2018).

Para Aguiar e Martins (2024), como nos casos dos estadunidenses e dos fundamentalistas, nada justifica a censura sofrida pelo livro, no Espírito Santo, em 2018. Esses teóricos defendem que os pais estariam tentando controlar o incontrolável, pois o *timing* ideal para abordar a sexualidade com os filhos seria uma ficção de “manuais de pais perfeitos”, uma vez que o afloramento da sexualidade e o interesse que ela causa nos mais jovens surgem de uma conjunção imprevisível de fatores. Dentre esses fatores estariam os textos de ficção, mas poderiam ser qualquer material de conteúdo sexual (mais ou menos implícitos) com que somos bombardeados a todo instante seja pela publicidade, festas populares, filmes, televisão etc. Complementaram, que se a preocupação do pai fosse a de que alguém mal-intencionado abordasse sua filha acerca de sexo:

Ele deveria apoiar temas relativos à sexualidade sendo tratados em um ambiente controlado e mediado, coletivamente, por meio de material rico e contextualizado; enfim, em um ambiente pedagógico de qualidade (Aguiar; Martins, 2024, p. 152).

Ademais, os acadêmicos defendem a quadrinização de Folman e Polonsky como uma releitura de qualidades estéticas inquestionáveis, por terem conseguido transformar a tensão entre a imaginação da garota e sua realidade claustrofóbica em imagens. Para Aguiar e Martins (2024), muitos aspectos psicológicos da jovem escritora foram transfigurados criativamente como sua sensação de dupla personalidade e seus sentimentos em relação a sua irmã Margot. Diante das amplas possibilidades simbólicas da versão, a discussão sobre a sexualidade se faria mesquinha.

É importante ressaltar, para olhar para esse e outros casos recente de tentativas de censura no Brasil, que 2018 foi um ano marcado pelas constantes incitações do movimento *Escola sem partido*, para que as crianças e adolescentes vigiassem/filmassem seus professores em sala de aula, a fim de denunciar uma suposta doutrinação esquerdista nas escolas. Por isso, não é de se admirar que a menina tenha agido como uma sentinela na sala de aula, espiando seus pares e educadores. Conforme Reimão, Nery e Maués (2022) registraram, essa foi a atmosfera de vigilância instaurada nos dois primeiros anos do governo de Bolsonaro, que buscou se consolidar através de um discurso de intolerância e ódio e de louvação de ações de repressão e, inclusive de apoio a torturadores da ditadura militar brasileira (1964-1985).

Todavia, não sem resistência<sup>32</sup>, como foi o caso do livro de Kael Vitorelo, apresentado no Capítulo 2, ainda que em um nível micro.

De maneira semelhante ao caso de 2018, outros pais *preocupados* atacaram o quadrinho novamente. Em 2 de junho de 2021, o jornal Folha de S. Paulo publicou uma matéria relatando a insatisfação de alguns pais de alunos da Escola MóBILE, em São Paulo, sobre o uso da versão em sala de aula com alunos do 7º ano. (Bergamo, 2021). O fato ganhou repercussão e a atenção dos principais jornais brasileiros quando a ativista antifeminista e influencer Pietra Bertolazzi defendeu a indignação desses pais, lendo e comentando alguns trechos da obra em um vídeo publicado em seu *Instagram*, no dia 01 de junho de 2021. Em 04 de julho de 2021, quando acessei o post da *influencer*, ele tinha 191.670 visualizações.

Bertolazzi, aparentemente sem saber que o texto era o mesmo das versões A e B, do manuscrito de Anne, e culpando os adaptadores da obra, alegou que o quadrinho erotizava Anne Frank, retratando-a como uma “atriz pornô”, “uma tarada”, “uma libertina” e afrontava a comunidade judaica. Como é possível averiguar nas partes que grifei da transcrição de sua fala, logo abaixo:

Fala pessoal, Pietra Bertolazzi falando aqui. Bom, hoje eu ia falar de um outro assunto, mas eu fiquei tão chocada com esse material que eu recebi aqui né, que assim como mãe, né, eu me senti incapaz de não me pronunciar a respeito do que eu recebi. E eu vou ler aqui alguns trechos de um livro, enquanto isso vocês tentam adivinhar do que se trata, tá!? É um livro em inglês, né, e eu traduzi aqui algumas partes.

Então, é uma figura feminina, né, descrevendo aí as suas partes íntimas detalhadamente de uma forma assim bem sexual e por fim ela fala assim: ‘esse buraco é tão pequeno que mal consigo imaginar como um homem entra aqui dentro, já é difícil enfiar meu dedo indicador nele’.

E aí tem uma outra parte que essa mesma menina fala assim: ‘eu me lembro particularmente de uma vez em que eu dormi na casa da Jack, será que poderíamos ver os seios uma da outra, se ela soubesse o desejo terrível que eu tenho de beijá-la’ e, aí uma outra parte que eu separei é assim: ‘eu devo admitir toda vez que eu vejo uma mulher pelada eu entro em êxtase, se pelo menos eu tivesse uma namorada’.

Enfim, todas essas frases são dessa mesma personagem e, então esses são alguns trechos que eu peguei desse livro que eu recebi e eu imagino que você tenha certeza aí que eu tô citando algum conto erótico, ou a autobiografia de **alguma atriz pornô**, mas não, né.

Esse livro, ele tava ontem mesmo sendo estudado e lido em sala de aula para crianças de 10 e 11 anos na escola MóBILE, em São Paulo, né e, se trata de um remake aí

---

<sup>32</sup> Reimão, Nery e Maués (2022, p. 16) registraram os detalhes das quatro manifestações mais relevantes que ocorreram no ano de 2020: 1) A carta aberta *Democracia e Liberdade de expressão sob ameaça no Brasil*, com a assinatura de mais de 2000 artistas e intelectuais, publicada no jornal inglês The Guardian, no dia 07 de fevereiro de 2020; 2) O manifesto *Juntos pela democracia – somos muitos*, com mais de 150 000 assinaturas; 3) O manifesto *Basta* - assinado por mais de 600 juristas e advogados brasileiros denunciando os ataques do governo aos poderes da república; 4) o Manifesto *Pelo respeito ao Estado Democrático de Direito*, dos professores de Direito Processual da Universidade de São Paulo (USP).

desconstruidão do Diário de Anne Frank. Sim, né, pasmem, todas essas frases **pornográficas** que eu proferi vergonhosamente agora, remetem as falas de Anne de Frank **nessa obra que desacata, insulta e afronta aí toda a comunidade judaica**, né, ao retratar uma figura histórica que representa os que sofreram com as monstruosidades como também incita a sexualidade infantil, que é algo que não deveria de forma alguma estar sendo pauta em uma sala de aula.

Bom, neste **livro nojento**, porque não dá pra falar outro nome, a Anne Frank é retratada como uma criança **totalmente libertina e tarada**, né. E o pior é, o intuito do uso desse **livro** em sala de aula era contar a história do holocausto como todas as crianças chegaram em casa assustadas e contaram que foram obrigadas a ler esse livro em voz alta esses trechos **pornográficos em sala de aula** (A Erotização, 2021 - transcrição).

Uma das passagens que causou o estardalhaço midiático refere-se a um dos momentos mais intimistas em que a jovem reflete sobre a puberdade, sua solidão e sobre como gostaria de poder conversar com alguém sobre as transformações/sensações pelas quais seu corpo passava e sobre o quanto se orgulhava de menstruar, porque apesar de todo desconforto sentia-se “em posse de um doce segredo” (Folman e Polonsky, 2020, p. 96). Nessa mesma passagem, é que recorda da vez que dormiu na casa de uma amiga e pediu para ver seus seios como prova de amizade.

**Figura 22** - Representação do diálogo de Anne Frank com a amiga Jack

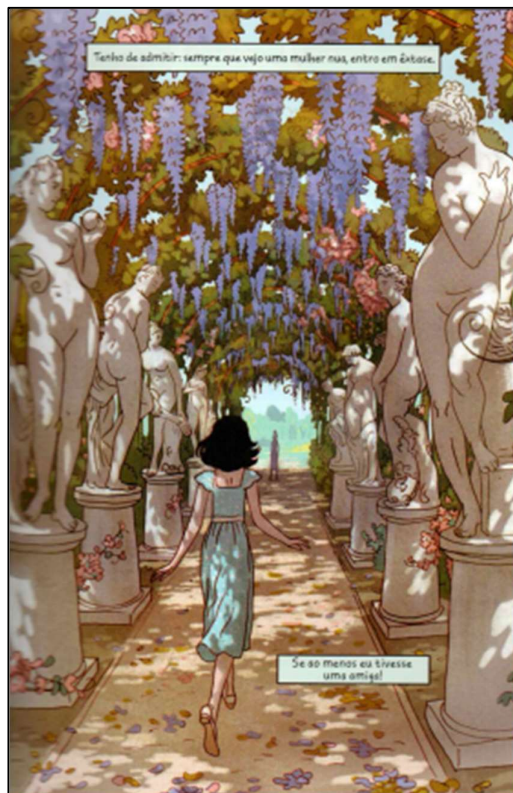


Fonte: (Folman e Polonsky, 2020, p. 96).

Aguiar e Martins (2024) afirmam que a quadrinização transfigurou com maestria o fascínio de Anne pelo corpo feminino, o qual não era necessariamente erótico, mas refletia seu próprio processo de autoconhecimento enquanto mulher. Sobre as imagens criadas para essa passagem, os acadêmicos acentuaram que Folman e Polonsky: “representam Anne em um jardim com várias esculturas de mulheres nuas em estilo neoclássico dispostas num longo

corredor, através do qual a protagonista caminha” (Aguiar; Martins, 2024, p. 150). Como é possível averiguar na figura 23, a seguir.

**Figura 23** - O fascínio de Anne Frank pelo corpo feminino



Fonte: (Folman e Polonsky, 2020, p. 97).

Antes de analisar o enunciado de Pietra Bertolazzi, mais um detalhe do caso merece atenção: o fato de a obra ter sido defendida por instituições<sup>33</sup> de renome, como a Fundação Anne Frank, que não só enalteceu o quadrinho como também enviou imagens dos manuscritos originais à diretoria da escola, aos quais a Revista Veja teve acesso.

<sup>33</sup> É preciso dizer que meu acesso a esses pronunciamentos institucionais se deu por meio das reportagens e que cada uma delas recortou trechos à sua maneira. A comparação dessas múltiplas maneiras de destacar e de suas possibilidades de significar consistiria por si só um outro trabalho.

Figura 24 - Manchete da Veja de São Paulo, 06 jun. 2021



Fonte: Fundação Anne Frank/Veja SP. (Tamamoto, 2011).

A iniciativa propendia a que os originais servissem de provas de que os trechos, que teriam gerado as acusações de alguns pais, eram da própria Anne, de seus manuscritos originais. Segundo a reportagem a fundação teria se pronunciado tanto em defesa das obras (quadrinho e livro) quanto da escola. A seguir destaquei em negrito, o que a reportagem citou como sendo a voz da instituição, a respeito da identidade de Anne:

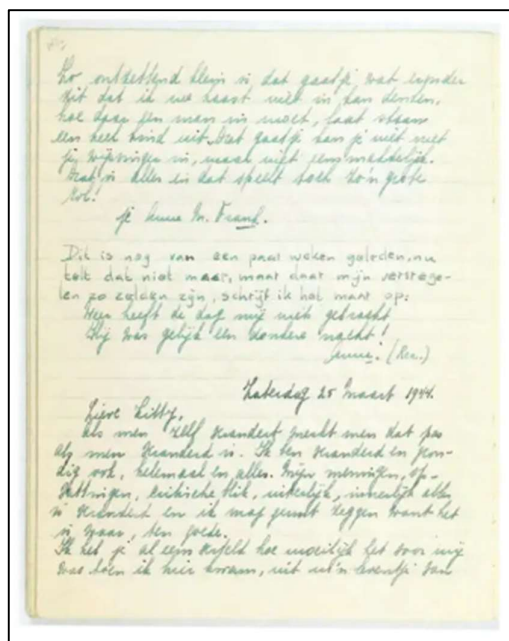
Em posicionamento enviado à VEJA SÃO PAULO, a Fundação Anne Frank diz que entende que esse tipo de reflexão e a abertura sexual pareçam improváveis para uma jovem daquela época, mas que o pensamento de Anne Frank era incomum em muitos aspectos. **‘Ela tinha ideias muito visionárias sobre a independência feminina, os direitos das mulheres e a posição das mulheres na sociedade em geral.’**

Explica também que quando Otto Frank publicou a primeira versão do Diário, em 1946, tais passagens foram suprimidas do original. **‘Ele estava muito envergonhado e achou que não eram apropriados para uma menina’, diz. ‘Mas os tempos mudam, e havia cada vez mais um desejo de muitos fãs de Anne Frank em todo o mundo de conhecer a REAL Anne Frank, então foi decidido, após a morte de Otto Frank, publicar o Diário completo, incluindo pela primeira vez todas as passagens que Otto Frank retirou’, diz a fundação.**

**‘Este Diário completo está agora disponível desde 1991. Ninguém teria, nem remotamente, a ideia maluca de adicionar algo ao diário que Anne nunca tivesse escrito. Por que faríamos uma coisa tão estúpida? Todo o propósito da existência de nossa fundação é PROTEGER o legado de Anne, o que significa ser sempre verdadeira e fiel à sua herança e defender seus direitos de personalidade sem comprometimento’, prossegue.**

A fundação ainda enviou, por meio da assessoria de imprensa da escola Móbile, imagens manuscritas e escaneadas das passagens originais do texto. **‘Qualquer pessoa que entenda o holandês verá que essas passagens foram realmente escritas por Anne Frank’** (Tamamoto, 2021- grifos meus).

Figura 25 - Imagem escaneada do manuscrito original do diário de Anne Frank



Fonte: Fundação Anne Frank/Veja SP. (Tamamoto, 2011).

A reportagem de Tamamoto (2021) também trouxe a voz da editora Record, responsável autorizada pelas traduções brasileiras do quadrinho e das versões conhecidas com C e D:

A Editora Record, parceira da Fundação Anne Frank no Brasil, também saiu em defesa do colégio e disse que a acusação de que a obra seria pornográfica e ofensiva à comunidade judaica é ‘totalmente infundada e descabida’ e ressalta que o título é adotado por centenas de escolas no Brasil e no mundo. **‘A versão em quadrinhos, publicada com muito orgulho pela Editora Record, assim como a sua versão em inglês, retrata de forma fiel o trecho do diário em que a autora, a adolescente judia Anne Frank, fala sobre a descoberta do próprio corpo, algo comum nesta fase da vida.’** (Tamamoto, 2021).

É importante dizer, que o Grupo Editorial Record, era chefiado por Carlos Andreazza - quando da decisão de publicar a 1ª edição do quadrinho em português, em 2017. Tal editor, neto de Mário Andreazza - ministro influente de três governos da época do regime militar - se declara abertamente um conservador liberal, e é conhecido como “um editor da direita” (Duarte, 2016).

Além disso, outra imponente entidade saiu em contraofensiva aos pais e a favor da leitura do quadrinho pelas crianças, na escola. A Federação Israelita do Estado de São Paulo (FISESP), em nota, à mesma revista, declarou que o ensino do Holocausto é fundamental para que as novas gerações entendam do que o ser humano é capaz, parabenizando a escola pela escolha. A reportagem cita a FISESP: “‘Em nenhum momento vemos indício de antissemitismo

no material’, afirma a federação, que ressalta que os trechos foram tirados de contexto e geraram um debate desnecessário sobre o tema” (Tamamoto, 2021).

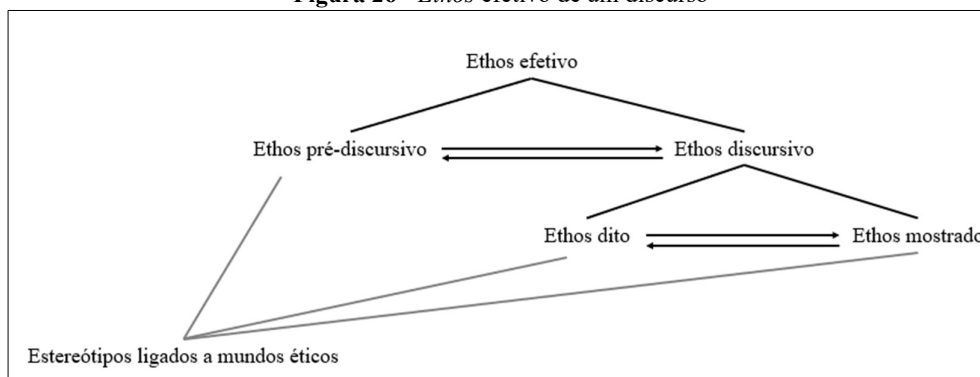
Assim, observa-se, nestas opiniões fornecidas por acadêmicos e instituições, um posicionamento favorável à utilização do quadrinho pela escola, ainda que ele trate do assunto da sexualidade. Inclusive, apoiada pelas instituições citadas, a escola não recuou da decisão de manter a leitura. Não obstante, ofereceu como alternativa que as crianças lessem outra edição: *Anne Frank: The Diary of a young girl*, que apresenta somente texto (Damasceno, 2021).

Suponho que por conta dessa contradição em relação ao posicionamento das entidades que julgava estar defendendo, Pietra Bertolazzi tenha apagado seu vídeo. A seguir, me ocuparei de analisar o discurso da *influencer*, trecho a trecho.

#### 4.3 Análise propriamente dita, ou o *ethos* de Pietra

Como disse anteriormente, na terceira parte do Capítulo 2, o *ethos* efetivo de um discurso é resultado, segundo Maingueneau (2018, p. 270), da interação entre o *ethos* pré-discursivo (representações prévias do locutor) e o *ethos* discursivo (representações evocadas pelo modo de dizer). O *ethos* discursivo, por sua vez, subdivide-se em *ethos* dito, isto é, aqueles fragmentos de texto em que o enunciador evoca sua própria enunciação diretamente, ou indiretamente, e *ethos* mostrado (aquilo que é percebido e não necessariamente dito, como ritmo e entonação).

**Figura 26 - *Ethos* efetivo de um discurso**



Fonte: (Maingueneau, 2018, p. 270).

Assim como nas outras polêmicas descritas na introdução deste trabalho, há uma faceta maternal mobilizada para expressar preocupação com o que as crianças têm lido nas escolas. Neste caso, a inquietação reside no fato de que os livros tratam, em alguma medida, da temática

da sexualidade humana. Ela aciona um efeito de sentido do materno que não é qualquer um. Ora, sabemos que nem toda mãe é, por sua biologia, cuidadosa, atenciosa e preocupada com seus filhos. Há no reino animal exemplos de mães que comem seus próprios filhotes, mas não é esse sentido de mãe (que mastiga sua própria prole, ou que a prejudica) que é evocado. O mundo ético, isto é, o repertório memorável de estereótipos e de construtos sociais historicamente estabilizados acionado é o da mãe cuidadosa e protetora.

Como observa-se no excerto a seguir, essa imagem positiva funciona como um atributo da locutora que endossa o pronunciamento que está prestes a ser feito. De tudo que Pietra Bertolazzi afirma ser (mãe, antifeminista, influencer, DJ, livreira, escritora, professora, católica) é a mãe que não pode se calar, quando o assunto é um livro que tem trechos que tratam de sexo. O tipo de maternidade reivindicada, neste caso, funciona como um passaporte, que atesta uma certa capacidade de cuidado exclusiva/imaneante às mães. Assim o *ethos* efetivo de Pietra funciona como fiador que a autoriza sua fala sobre a obra em questão, apesar de ela não ser uma especialista em livros escritos para o público infantil. Entretanto, todas as instâncias subjetivas se entrelaçam a despeito de qualquer intenção. É como afirma Maingueneau:

Para além da retórica, quando há enunciação, algo da ordem do *ethos* vê-se liberado: através de sua fala, um locutor ativa no intérprete a construção de certa representação desse mesmo locutor, pondo assim em risco o domínio deste sobre sua própria fala; cabe ao locutor tentar controlar, de modo mais ou menos confuso, o tratamento interpretativo dos **indícios** que apresenta (Maingueneau, 2018, p. 271 – grifo meu).

01. Fala pessoal, Pietra Bertolazzi falando aqui. Bom, hoje eu ia falar de um outro assunto, mas eu fiquei tão chocada com esse material que eu recebi aqui né, que **assim como mãe**, né, eu me senti **incapaz de não me pronunciar** a respeito do que eu recebi.

Assim, outro indício apresentado pela locutora, na tentativa de controlar uma certa representação de si é o domínio de outro idioma.

02. E eu vou ler aqui alguns trechos de um livro, enquanto isso vocês tentam adivinhar do que se trata, tá!? É um livro em **inglês**, né, e **eu traduzi** aqui algumas partes.

Logo, observa-se, não só a construção de uma imagem de mãe que se preocupa e que zela pelo bem-estar de seus filhos, e por consequência de outras crianças, mas também uma mãe com certo grau de estudo, letramento e imodéstia, e por isso confiável enquanto autoridade apta a comentar, argumentar e validar o que vai ser lido/dito por ela.

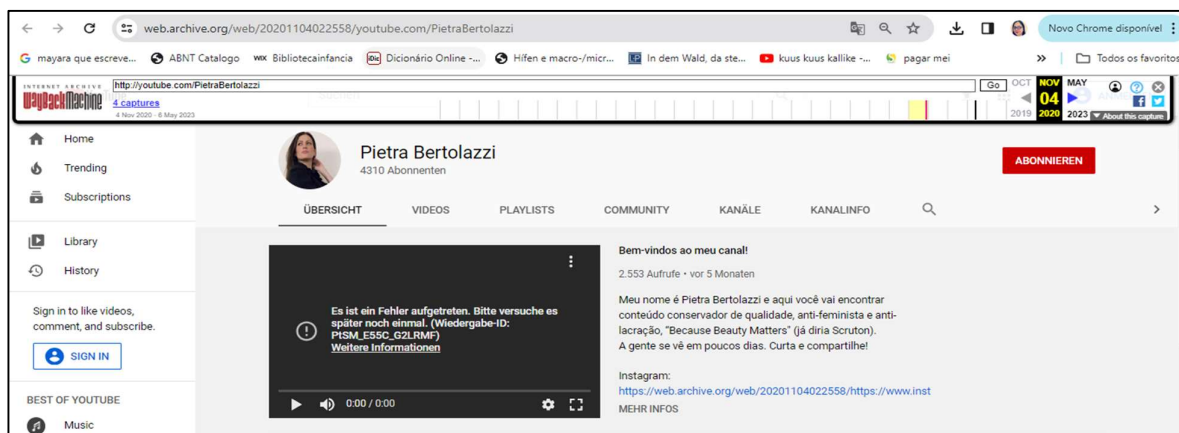


Importa dizer que Pietra Bertolazzi é uma habitante dos novos tipos de mídia, isso significa que ela é conhecida publicamente e dá a saber uma quantidade razoável de informações a seu respeito, de uma maneira tipicamente inerente ao que esses dispositivos comunicacionais possibilitam. Nesses espaços, há uma busca incessante de produzir uma certa imagem de si, na direção daquilo que Sibilía (2008) chamou de “espetáculos de si mesmos para exibir uma intimidade inventada”. Sibilía questionava, já na primeira década dos anos 2000, se as novas formas de expressão que se proliferavam (blogs, fotologs, redes de relacionamento...) deveriam ser consideradas vidas ou obras, tamanha a potência ficcional desses suportes inscricionais.

No espaço disponível para uma minibiografia, no *Youtube*, em 2020, por exemplo, Bertolazzi afirma o seguinte sobre si: “Meu nome é Pietra Bertolazzi e aqui você vai encontrar conteúdo conservador de qualidade, anti-feminista e anti-lacração, “Because Beauty Matters” (já diria Scruton). A gente se vê em poucos dias. Curta e compartilhe!” (Bertolazzi, 2020). Nota-se que mesmo afirmando ser “anti-lacração”, o efeito causado pelo que diz, pelo modo como diz e por onde circulam esses dizeres é justamente o oposto. O imperativo “curta e compartilhe”, dá pistas da pretensão de “lacrar”. Afinal lacrar é isso, conseguir o engajamento do público, o *like*, o seguidor etc., a partir da produção de frases de efeito e opiniões sobre temáticas polêmicas.

Essas informações podem contribuir para a constituição de seu *ethos* prévio, isto é, as representações da enunciativa que serão construídas pelo público - antes mesmo de ele começar a falar, ou no caso, antes de “dar o *play*” em um de seus vídeos.

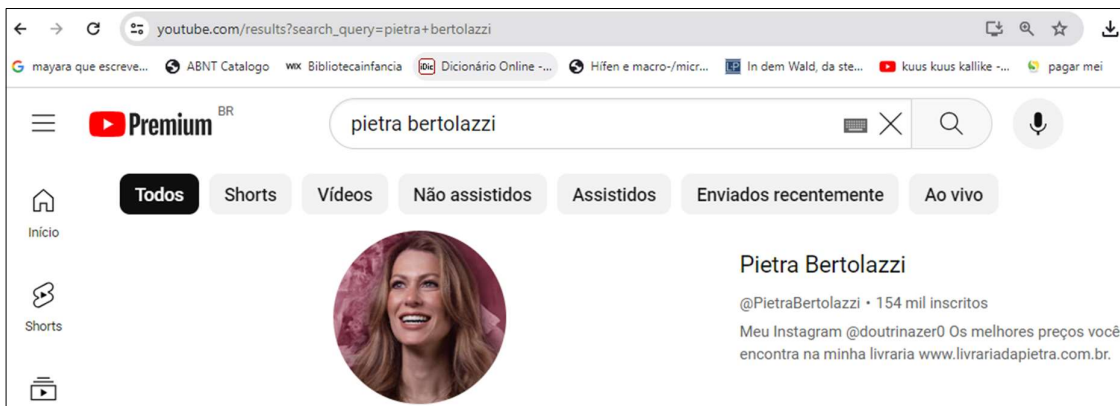
Figura 27 - Minibiografia de Bertolazzi no *Youtube*, 2020



Fonte: (Bertolazzi, 2020).

Mais atualmente, no mesmo campo minibiográfico do *Youtube*, as informações sobre ser “conservadora, anti-feminista e anti-lacração”, foram reduzidas e dão acesso ao seu *Instagram* e ao *site* de sua livraria virtual:

**Figura 28** - Minibiografia de Bertolazzi no *Youtube*, 2024



Fonte: (Bertolazzi, 2024).

Na coluna de opinião da Folha de S. Paulo, em 06 de julho de 2022, no espaço destinado a uma rápida apresentação de si, escreveu: “Escritora, professora do curso Doutrina Zero e dona de casa que fala mal de feminista na internet” (Bertolazzi, 2022).

**Figura 29** - Minibiografia de Pietra Bertolazzi na Coluna Opinião da Folha de S. Paulo



Fonte: (Bertolazzi, 2022).

No artigo de opinião referente a figura 29, Bertolazzi busca responder ao texto intitulado: *Grosso e obsceno, Bolsonaro é o falo que sua eleitora gostaria de ter*, de Marcelo

Coelho, de 28 de junho de 2022, também na Folha de S. Paulo. Em sua resposta, a locutora faz questão, como em muitas outras ocasiões, de se posicionar como uma mulher conservadora, de direita e que estuda, em contraponto aos seus oponentes da esquerda que não o fariam (excerto 2a).

2a. O infeliz colunista tenta, de forma sorrateira, incutir no leitor a falsa sensação de que a **mulher** é uma vítima do sistema patriarcal-machista-opressor (logo, do Biroliro). Para isso, ele utiliza-se de um sincretismo entre premissas sexuais freudianas aliadas à [*ipsis literis*] um new-ageísmo infanto-juvenil e pitadas de Teologia da Libertação, sem sequer saber o que isso tudo significa; **afinal, lacrar é mais fácil do que estudar** (Bertolazzi, 2022 – grifo meu).

No artigo elogioso a Bolsonaro (excerto 2b), nota-se as qualificações positivas para a mulher que adere ao mesmo posicionamento da locutora – denominado por ela de “posicionamento político conservador”, tais como: valorosa; preza pela família, pela igreja, pela comunidade; sexy, e as negativas: pífiás; manjadas; esquerdista; comunista; empoderamento feminino; babaquices, para o outro posicionamento, denominado “estratégias de propaganda esquerdista”.

2b. Depreciar a **valorosa** mulher que preza pela família, pela igreja e pela comunidade é uma das mais **pífiás e manjadas estratégias de propaganda esquerdista**, usada desde os primórdios na era comunista do Leste Europeu até o fim da Guerra Fria.

Ao atribuir uma imagem **turrona e nada sexy** à figura da dona de casa, cria-se a falsa sensação de que, adquirindo um **posicionamento político conservador**, se está automaticamente tornando-se uma versão contemporânea da Dona Florinda — e nenhuma mulher quer ser a Dona Florinda! Logo, incute-se a ideia do famigerado "empoderamento feminino", uma das maiores **babaquices** ditas pelos teóricos comunistas para se tirar uma mulher do seio da família e do marido e transportá-la para a dependência do Estado (Bertolazzi, 2022 – grifo meu).

Segundo Alvares (2005), tanto o sufixo “-ista”, quando o sufixo “-eiro” funcionam como indicadores de profissão, ou de adesão a uma doutrina. Frequentemente, a terminação em “-eiro”, é responsável por conferir a pejoratividade às formas, como é o caso de flautista que é o tocador de flauta e flauteiro, o mau flautista. Entretanto, quando se trata de “legalista, comunista, esquerdista, direitista e anarquista”, não é o sufixo “-ista” que empresta a pejoratividade a tais formações, as conotações negativas são emprestadas à *forma como um*

*todo* a depender, segundo a autora, da crença de cada um, aliada à sua experiência e ao seu conhecimento de mundo.

Do ponto de vista da Análise do Discurso francesa, a palavra “esquerdista”, por si só, não se configura como uma unidade de análise relevante. Pois, o vocabulário não pertence a um, ou a outro discurso, quanto a isso, Maingueneau afirma:

Não há muito sentido em falar do vocabulário desse ou daquele discurso, como se um discurso possuísse um léxico que lhe fosse próprio. De fato, o mais frequente é que haja explorações semânticas contraditórias das mesmas unidades lexicais pelos diversos discursos. O que quer dizer que a palavra em si mesma não constitui uma unidade de análise pertinente. Em compensação, **as análises lexicográficas elaboradas** a partir do discurso mostraram claramente o interesse que a construção de redes fundadas na consideração das dimensões paradigmáticas e sintagmáticas e em uma combinação do aspecto quantitativo com o aspecto qualitativo apresenta (Mainagueneau, 2008, p. 80 - grifo meu).

Não faz parte do objetivo deste trabalho executar uma dessas “análises lexicográficas elaboradas” de que Maingueneau fala, quanto ao artigo jornalístico em questão. Em contrapartida, para apreender o posicionamento político da enunciadora e a título de ilustração, é interessante observar a tensão entre as unidades fraseológicas “*estratégia de propaganda esquerdista*” e “*posicionamento político conservador*”, uma vez que ela poderia ter se apoiado num paralelismo semântico e ter nomeado o discurso oponente de “posicionamento político progressista”, mas não o fez. Essa manobra, um tanto tática, deixou rastros da maneira depreciativa/polêmica de como o discurso da locutora “lê” o discurso oponente, particularmente, porque, em proximidade sintagmática de “estratégia de propaganda esquerdista” está o conjunto de propriedades negativas: “pífias e manjadas”.

Como dito na seção 2.2 deste trabalho, a relação polêmica baseia-se na interatividade discursiva, isto é, ocorre no espaço de troca entre os discursos (o interdiscurso), e isso implica uma dupla bipartição, na qual “cada polo discursivo recusa o outro, como derivando de seu próprio registro negativo, de maneira a melhor reafirmar a validade de seu registro positivo” (Mainagueneau, 2008, p. 64).

Assim, “pífias e manjadas estratégias de propaganda esquerdista” trata-se de um simulacro, isto é, o modo como um discurso traduz e rejeita o discurso do outro a partir de suas próprias categorias. Em outras palavras, o que se diz do outro, não é de fato o outro, mas uma ideia que se faz desse outro, a partir de si mesmo (Maingueneau, 2008, p.99-100). Logo, só cairiam nas estratégias “pífias e manjadas” do discurso oponente, aqueles e, principalmente aquelas, que não estudam.

Da mesma forma, no pronunciamento do *Instagram*, o *ethos* da enunciadora também ativa o simulacro de seu outro por antítese. Assim, se o acionamento do estereótipo da maternidade protetiva e cuidadora pode atestar seu discurso como confiável, porque além de tudo é pautado no estudo e no prestígio de falar inglês, por exemplo, o discurso oponente, por outro lado, seria duvidoso e infame. Implicitamente, se os adeptos ao posicionamento conservador são, como Pietra, protetores das crianças, os adeptos do discurso concorrente as poriam em risco, precisamente, quando fornecem a elas, por meio da escola, livros que tratam, em alguma medida, de sexo. Por via de consequência, um certo aspecto do feminino pode ser estabelecido mediante o que está sendo dito em sua relação intrínseca com o que já foi dito, em outros momentos, pela mesma locutora sobre o seu próprio discurso e, pelo modo como se refere ao discurso outro: A mãe zelosa não permite que se trate de sexo com seus filhos na escola. É ela quem cuida desse e de outros assuntos relacionados às crianças.

Voltando aos trechos que estão sob o foco principal dessa análise, observa-se, no excerto 3, que a enunciadora instaura uma cena para a sua fala propondo um jogo de adivinhação, em que pistas serão fornecidas durante a leitura, a propósito de suscitar a adesão de seus interlocutores: “Vocês tentam adivinhar, do que se trata, tá!?”. Vê-se, nessa proposta, uma tentativa de levar os interlocutores a uma chave de interpretação muito específica, quase que obrigatória quanto à enunciação do texto fonte: “Então, é uma figura feminina, né, descrevendo aí as suas partes íntimas detalhadamente de uma forma assim bem sexual”.

3. E eu vou ler aqui alguns trechos de um livro, enquanto isso **vocês tentam adivinhar** do que se trata, tá!? É um livro em inglês, né, e eu traduzi aqui algumas partes. Então, **é uma figura feminina, né**, descrevendo aí as **suas partes íntimas** detalhadamente **de uma forma assim bem sexual** e por fim ela fala assim: ‘esse buraco é tão pequeno que mal consigo imaginar como um homem entra aqui dentro, já é difícil enfiar meu dedo indicador nele’.

E aí tem uma outra parte que **essa mesma menina** fala assim: ‘eu me lembro particularmente de uma vez em que eu dormi na casa da Jack, será que poderíamos ver os seios uma da outra, se ela soubesse o desejo terrível que eu tenho de beijá-la’

e, aí uma outra parte que eu separei é assim: ‘eu devo admitir toda vez que eu vejo uma mulher pelada eu entro em êxtase, se pelo menos eu tivesse uma namorada’.

Os trechos destacados do quadrinho vão sendo inseridos nesse jogo, provocando um efeito lacração por meio da revelação, que se sustenta por uma gradação de especificidade tanto

nas formas escolhidas para disfarçar a identidade de Anne Frank: “figura feminina”; “menina”; “personagem”; “atriz pornô”; “figura histórica”; “Anne Frank”; “criança totalmente libertina e tarada”, quanto na maneira de adjetivar negativamente a narrativa do quadrinho: “conto erótico”; “a autobiografia de alguma atriz pornô”; “livro”; “remake desconstruído”; “livro nojento”.

Nesse jogo de “esconde-esconde”, suprimir que aquilo que está sendo lido é uma adaptação em quadrinhos de o diário de Anne Frank não suscitaria grandes consequências, se, não houvesse, no trecho 4, uma atribuição dos trechos destacados (do texto fonte) a uma suposta narradora de contos eróticos, ou “atriz pornô” e, mais adiante, no trecho 5, uma afirmação de que, assim parece porque os adaptadores teriam transformado a famosa menina judia em uma “tarada”, “libertina”, de maneira a afrontar os judeus e incitar a sexualidade infantil. E, se não estivéssemos vivendo um momento em que as novas tecnologias propiciam a circulação célere da desinformação, isto é, um ambiente comunicacional hostil à informação, como discutido na primeira parte do Capítulo 3.

4. Enfim, todas essas frases são dessa mesma **personagem** e, então esses são alguns trechos que eu peguei desse livro que eu recebi e eu imagino que você tenha certeza aí que eu tô citando algum **conto erótico**, ou **a autobiografia de alguma atriz pornô**, mas não né. Esse livro, ele tava ontem mesmo sendo estudado e lido em sala de aula para crianças de 10 e 11 anos na escola MóBILE, em São Paulo né e, se trata de um **remake aí desconstruído** do Diário de Anne Frank.

Sim, né, pasmem, todas essas **frases pornográficas** que eu **proferi vergonhosamente** agora, rementem as falas de Anne de Frank nessa obra que **desacata, insulta e afronta** aí toda a comunidade judaica, né ao retratar uma figura histórica que representa os que sofreram com as monstruosidades como também **incita a sexualidade infantil que é algo que não deveria de forma alguma estar sendo pauta em uma sala de aula.**

5. Bom, neste livro **nojento**, porque não dá pra falar outro nome, a Anne Frank é retratada como uma **criança totalmente libertina e tarada**, né. E o pior é, o intuito do uso desse livro em sala de aula era contar a história do holocausto como todas as crianças chegaram em casa assustadas e contaram que **foram obrigadas a ler esse livro em voz alta esses trechos pornográficos em sala de aula**.

Nos trechos 4 e 5, apesar da faceta lacradora do modo de dizer, fica clara a relação polêmica na defesa do polo discursivo que imagina a sexualidade como uma temática que “não deveria de forma alguma estar sendo pauta em uma sala de aula”.

Como eu disse, o pronunciamento de Pietra ganhou a atenção dos principais jornais brasileiros. Uma matéria da Folha de S. Paulo (Damasceno, 2021), por exemplo, trouxe tanto falas dos pais indignados, quanto daqueles menos enfurecidos:

4a. A carta também mostra o posicionamento dos responsáveis que, sem serem identificados, expressam sua opinião sobre o uso da obra e relatam conversas que tiveram com seus filhos. ‘A escola não tem o direito de jogar essa leitura no colo deles e **nas costas dos pais**. Cada família decide **como e quando** abordar a sexualidade com seus filhos’, declara um deles. ‘Minha filha que leu sobre pênis e vagina. Disse que deu risada. Certamente porque ficou constrangida. Os amigos riem, as crianças ficam incomodadas’, afirma outro.

No excerto 4a, podemos observar o mesmo que ocorreu no caso de 2018, mencionado na seção 4.2. Há um incomodo por parte dos responsáveis com o fato de suas crianças terem acessado, por meio da escola, os assuntos da sexualidade em um momento que eles mesmos não permitiriam, por julgar cedo demais. Além disso, parece haver uma chateação pela perda do controle, ou pelo fato de que foram obrigados a fazer, justamente o que reivindicam como seu trabalho exclusivo. É como disseram Aguiar e Martins (2024), sobre o caso de 2018, a impressão é a de que se incomodaram

De ter de fazer exatamente aquilo que, para ele, seria seu trabalho: falar sobre sexo com a filha. O problema não é a suposta inadequação da obra para jovens de 12 anos, mas o fato de a obra ter introduzido sua filha no universo da sexualidade, quando em sua imaginação, o momento dessa introdução seria decidido por ele (Aguiar; Martins, 2024).

4b. Maria (nome fictício), 47, é mãe de uma das alunas do 7º ano do Colégio Móbile. Ela não foi signatária da carta por entender que o conteúdo estava sendo **trabalhado com responsabilidade na escola**, mas diz entender a insatisfação de parte dos pais. ‘Eu acho que isso aconteceu porque **as crianças não têm o mesmo nível de maturidade** e essa questão de **sexo gera muito medo nas pessoas**’, disse. ‘Talvez a condução da escola tenha sido equivocada ao pedir aos alunos para lerem em voz alta, **mas as crianças têm acesso à internet e sabem muito mais do que imaginamos.**’ Ela conta que, de acordo com a filha, a professora avisou os estudantes que algumas passagens do livro poderiam causar desconforto, mas que nenhum dos alunos era obrigado a participar da leitura caso não se sentisse à vontade.

Já no excerto 4b, observamos um posicionamento que traz uma certa moderação entre o medo dos pais acerca do sexo e a decisão de pedir a leitura em voz alta, através de uma imagem de criança que sobrepuja a completa ingenuidade: 1) “as crianças não têm o mesmo nível de maturidade”; 2) “as crianças têm acesso à internet e sabem muito mais do que imaginamos”.

Além de reportagens, o assunto também foi abordado em colunas de opinião e no Twitter - que hoje se chama “X”. Como é possível ver nos excertos 5a e 5b e nas figuras 31, 32, 36, a seguir.

5a. Bom tema a ser debatido, **cuja oportunidade parece ter sido perdida**. O que vimos foi a exploração midiática do caso, que acabou expondo professores e alunos, que se dizia querer proteger.

Algumas questões poderiam ter sido levantadas: por que é mais constrangedor falar de vaginas e desejos do que de nazismo e campo de concentração? Por que as crianças não podem perguntar e comentar sobre o tema do corpo, do prazer, do consentimento, e das normas sociais envolvidas? Qual o medo de enfrentar situações constrangedoras? Com ou sem acesso à (*sic*) imagens sexuais — disseminadas hoje em dia — essas são questões próprias de qualquer púbere.

O excerto 5a pertence ao texto *Anne Frank e o sexo*, da psicanalista e doutora em psicologia pela USP, Vera Iaconelli. Foi publicado pela Folha de S. Paulo, em 14 de junho de 2021 e responde ao *post* de Pietra no *Instagram*, diretamente. No segundo parágrafo, na parte que grifei, fica claro um posicionamento que vê a temática da sexualidade, quando tratada em livros paradidáticos, como uma oportunidade para o debate do tema na sala de aula. Além disso,



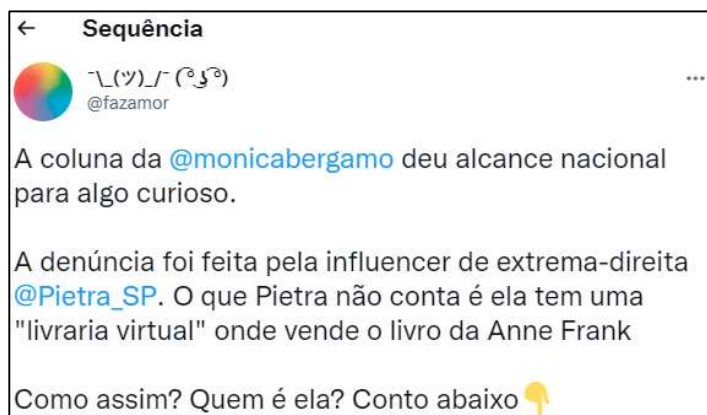
no final do texto (excerto 4b), Iaconelli escarnece o antifeminismo de Pietra, para rebaixar sua opinião:

5b. Espero que a comunidade de ensino da Escola Móvil — pais, crianças e professores — possa reverter o estrago que a midiatização do acontecimento causou em suas relações de confiança e trabalho.

Quanto à opinião da autodeclarada antifeminista Pietra Bertolazzi sobre a “pornografia” encontrada em “O Diário de Anne Frank”, não podemos levá-la em conta. **Antifeministas não conquistaram o direito ao voto.**

Um outro rebaixamento veio pelo antigo *Twitter*, quando a conta “@fazamor” declarou que apesar de ter “demonizado” o quadrinho, Pietra o vendia em sua livraria virtual:

Figura 30 - Comentário sobre Pietra no Twitter



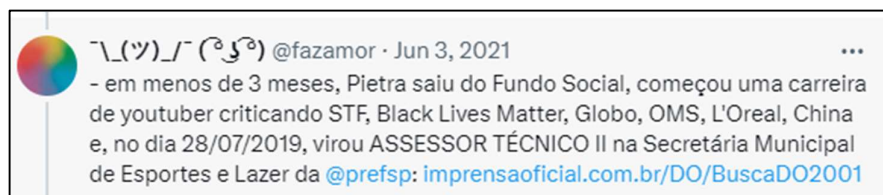
Fonte: (Twitter, 2022).

O post de @fazamor fornece um histórico da vida de Pietra com comprovações através de documentos oficiais, *prints* e *links* para diversas matérias jornalísticas. Os antecedentes levantados para mostrar Pietra como uma figura polêmica, passam pela sua carreira como modelo, em 2016; sua participação no *reality show Power Couple*, em 2017; suas aparições em eventos da ONG ARCAH<sup>34</sup>, que aparentemente garantiram seu emprego no cargo de *Assessor I* do Fundo Social, no governo de João Dória, em 2019; Sua rescisão (sem justa causa) e sua recontração (para uma passagem rápida), em 2020; Seu anúncio de criação do canal no

<sup>34</sup> Fundada por Filipe Sabará, herdeiro do Grupo Sabará de Cosméticos. Sabará atuou como secretário municipal de assistência e desenvolvimento social da cidade de São Paulo, em 2017-2018, quando João Dória (PSDB) foi prefeito; como presidente do Fundo Social do Estado de São Paulo, em 2019, quando Dória foi eleito governador do Estado; Deixou a secretaria somente em junho de 2024.

*Youtube*, em 2021, onde ataca, desde então, instituições nacionais e internacionais, movimentos sociais importantes, empresas e países:

**Figura 31** - Os assuntos de Pietra no Youtube



Fonte: (A coluna [...], 2021).

“@fazamor” também lembra de algumas falas problemáticas de Pietra em várias ocasiões, como seus comentários negativos sobre a contratação de Thammy Miranda<sup>35</sup>, para uma campanha do dia dos pais da Natura, em 2020. Outra delas foi dizer que não havia feminicídio no Brasil. Essa última ficou registrada na coluna de Mônica Bergamo, na Folha de S. Paulo, em 12 março de 2019, e na retomada pela então deputada Beth Sahaio (Partido dos trabalhadores), no Diário Oficial do estado de São Paulo, no mesmo dia (Bergamo, 2019; São Paulo, 2019, p. 22).

**Figura 32** - Prints do Diário Oficial e da coluna de Mônica Bergamo sobre Pietra



Fonte: (A coluna [...], 2021).

<sup>35</sup> Homem trans, filho da famosa dançarina Gretchen.

E em dois *prints* feitos pelo jornalista social, da Universa Uol, Paulo Sampaio:

**Figura 33** - *Prints* do *Instagram* de Pietra sobre Femicídio



Fonte: (Sampaio, 2019).

Quando trata do quadrinho, o post de “@fazamor” menciona que um dos principais responsáveis pela publicação da 1ª edição brasileira, em 2017, foi o editor chefe do Grupo Editorial Record, Carlos Andreazza – o mesmo responsável pelo impulsionamento de nomes conservadores como Roger Scruton, Rodrigo Constantino, Marco Antônio Villa, Guilherme Fiuza e Olavo de Carvalho. Sendo este último, quando vivo, dono de sua própria livraria virtual.

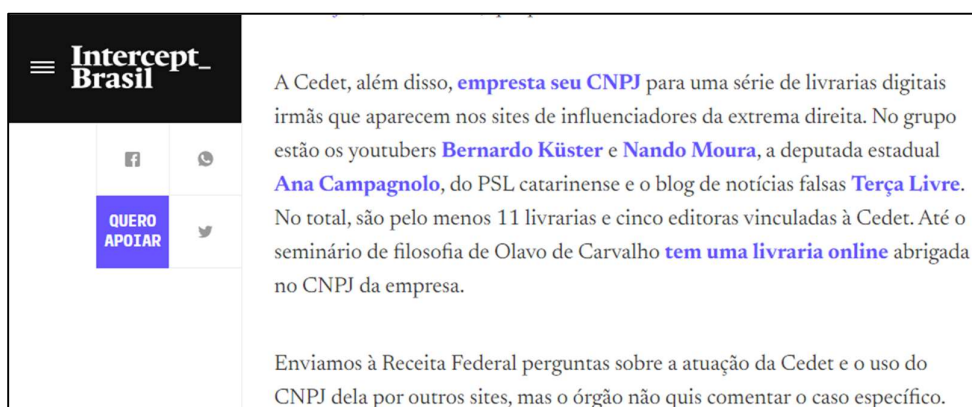
**Figura 34** - Print de manchete do Globo sobre Carlos Andreazza



Fonte: (A coluna [...], 2021).

Com essas informações, o post de @fazamor compõe o fio que liga Pietra a uma grande teia de livrarias virtuais da extrema direita, administradas pelo Centro de Desenvolvimento Profissional e Tecnológico (CEDET), o qual já foi alvo de denúncias da premiada agência de denúncias Intercept\_Brasil, em 2020:

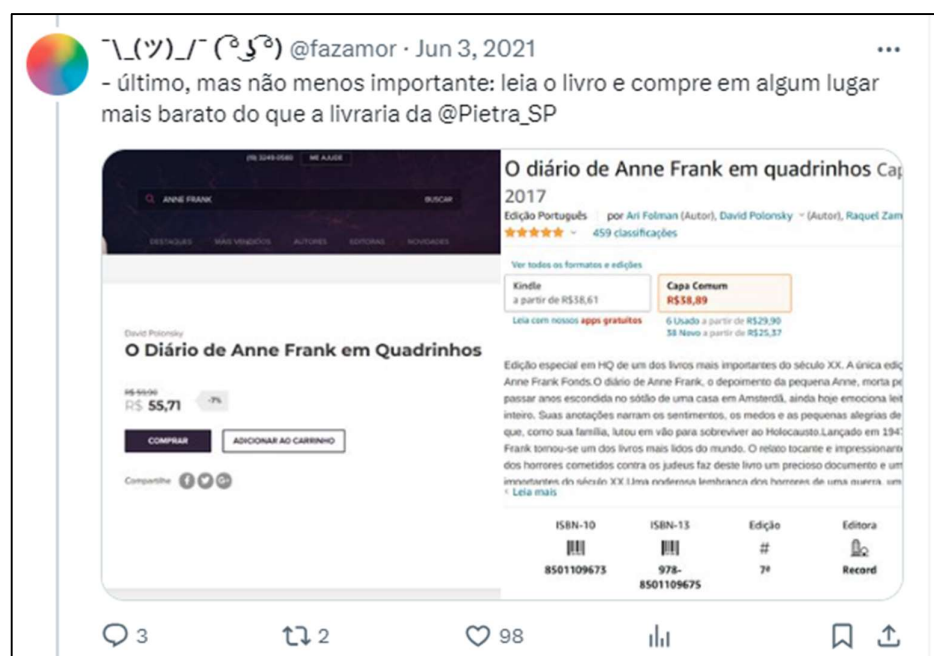
Figura 35 - Intercept\_Brasil sobre o CEDET



Fonte: (Martins; Neves; Amaro, 2020).

Por fim, o post de @fazamor incentiva que seus interlocutores leiam o livro, mas que comprem em outro lugar, mais barato:

Figura 36 - Preço do quadrinho em português na livraria da Pietra



Fonte: (A coluna [...], 2021).

Quando questionada por vender o livro que criticou, Pietra se defendeu com duas falas registradas pelo jornal *O tempo*. Na primeira, afirma que sua livraria tem muitos livros de autores dos quais discorda. Na segunda, diz que sua livraria não é infantil e reafirma mais uma vez seu posicionamento carregado de desmoralização da instituição escolar e, por consequência da autoridade dos professores em sala de aula, como é possível verificar na parte que grifei, a seguir:

A ex-DJ e influenciadora digital Pietra Bertolazzi, que criticou a escola Móbile, de São Paulo, por usar a versão em quadrinhos em inglês do "Diário de Anne Frank", na qual vê erotização da personagem, vende a obra em sua livraria na internet. No post da semana passada, Bertolazzi disse que o livro é nojento, tem trechos sobre mulher pelada e tamanho de vagina, e que o uso dele em sala de aula causou indignação entre os pais. Procurada pela reportagem, Bertolazzi afirma que tem em sua livraria inúmeros autores dos quais discorda.

‘Sempre bato na tecla de que você precisa conhecer os seus inimigos melhor do que os seus aliados. Na minha livraria, vendo livros de Karl Marx, Engels, Simone de Beauvoir, e já vendi vários outros autores que eu abomino’, diz.

A influenciadora afirma que a livraria dela não é infantil. ‘É uma livraria destinada a um público adulto e politizado. Se um adulto quer ler essa versão de Anne Frank, é um direito dele. **Não sou uma escola entuchando esse livro em menores de idade, instigando a pornografia e a sexualização precoce**’, diz (Cunha, 2021 – grifo meu).

É possível afinal que a própria proibição do livro tenha incentivado a curiosidade, a venda, e por consequência a alta dos preços. Segundo Robert Darton, estudioso da história dos livros, desde o estabelecimento da imprensa

“quanto mais severa é a proscrição, mais aumenta o preço do livro, mais suscita curiosidade de lê-lo, mais ele é comprado e lido[...] Quantas vezes o livreiro e o autor de uma obra privilegiada, se tivessem ousado, não teriam dito ao magistrado de polícia: ‘Senhores, por favor, um decretozinho que me condene a ser dilacerado e queimado embaixo de sua grande escadaria!’ Quando se grita a sentença de um livro, os trabalhadores da tipografia dizem: ‘Bom mais uma edição!’” (Darton, 1992, p. 101 *apud* Salgado, 2017, p. 46).

Entretanto, Salgado (2017) mobiliza essa citação de Darton para afirmar que os livros guardam traços de clandestinidade que os caracterizam de tal forma, que mesmo em outras circunstâncias históricas, quando da liberação, ter ou não ter a informação faz diferença para a leitura. Isso porque os modos de circulação dos textos também condicionam as leituras. Desse modo, o mesmo texto quando inscrito num quadrinho conota valor simbólico cultural distinto daquele inscrito na obra que o precedeu. Nesse caso, é provável que uma aura de comoção e ternura, propiciadas pelas condições de produção dos manuscritos de Anne acompanha o livro e não o quadrinho.

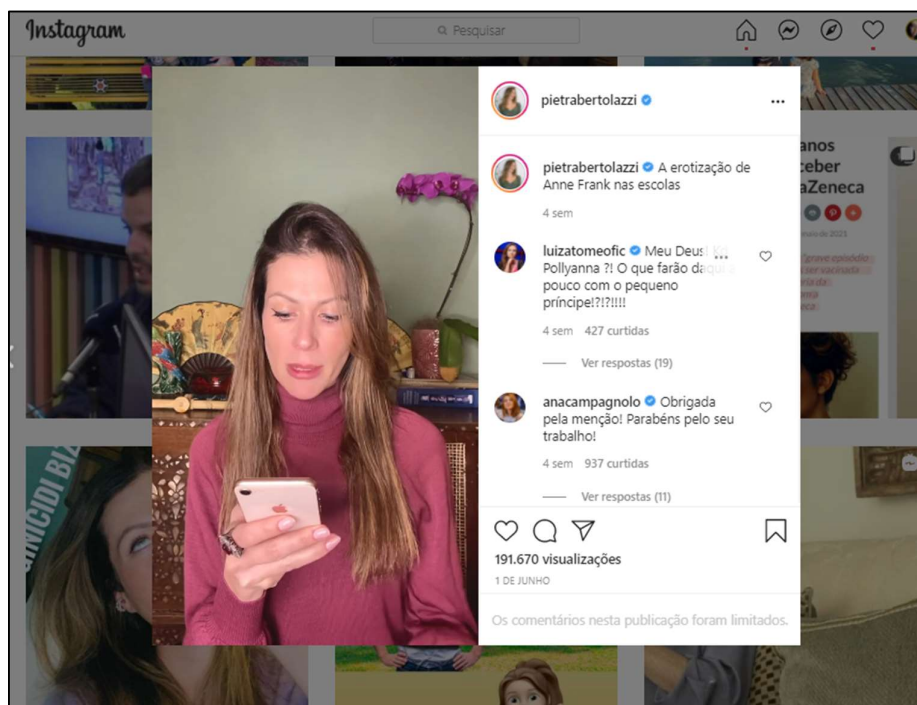
Voltando à análise do *ethos* de Pietra, é importante ressaltar que a noção permite também uma articulação entre corpo e discurso: “a instância subjetiva que se manifesta através

do discurso não se deixa perceber neste apenas como um estatuto, mas sim como uma voz associada à representação de um ‘corpo enunciante’ historicamente especificado” (Maingueneau, 2018, p. 271).

A opção do autor por uma concepção encarnada de *ethos* compreende a dimensão verbal e, igualmente, o conjunto de características físicas e psíquicas. A “corporalidade” está associada, então, à compleição física, à maneira de se vestir, à maneira de se movimentar no espaço social e a uma disciplina velada do corpo apreendida por meio de um comportamento global. Esse comportamento pode ser identificado pelo destinatário “com base num conjunto difuso de representações sociais avaliadas de modo positivo ou negativo, de estereótipos que a enunciação contribui para confirmar ou modificar” (Maingueneau, 2018, p.272).

Nessa direção, é relevante observar como o corpo da enunciativa se apresenta no momento de seu pronunciamento. No *print* que fiz do início do vídeo, na figura 37, nota-se que a enunciativa está vestida com uma camisa rosa de gola rolê e mangas longas, tem um esmalte claro nas unhas, o cabelo escovado e apenas um delineado preto nos olhos. Encarnando *ethos* da mãe conservadora, que avaliza a proteção maternal **e um certo lugar social.**

**Figura 37** - Antifeminista e influencer Pietra Bertolazzi em seu *Instagram* em 06 jun.2021



Fonte: Bertolazzi, 2021.

Essa tem sido a estética que as mulheres conservadoras da atualidade, sobretudo as mulheres conservadoras ricas, têm escolhido para si. Pietra Bertolazzi veste-se segundo a



“moda modesta”. Uma moda que segue alguns padrões estipulados pela Igreja Católica, do qual é acólita. No *blog* católico *Flores da modéstia*, encontra-se algumas das regras para aquelas que pretendem enveredar por essa direção, isto é, “vestir-se como mulheres realmente” (A elegância [...], 2015). Por exemplo: não usar a cor vermelha, não usar calças, especialmente jeans, não deixar o colo, os braços, as pernas à mostra, usar adereços com parcimônia etc. Além disso, a página traz algumas referências bíblicas para endossar um certo modelo de “elegância” no vestir-se e comportar-se. A primeira delas é um texto atribuído ao rei Salomão, para quem a mulher “indiscreta” é como uma joia desperdiçada num animal como o porco, que vive na lama: “Como joia de ouro em focinho de porco, assim é a mulher formosa que não tem discrição” (Provérbios 11:22). A outra, por sua vez, fica no Novo Testamento, numa das cartas de Paulo (o apóstolo tardio) endereçada a Timóteo, um de seus companheiros em viagens missionárias:

Da mesma forma, quero que as mulheres se vistam modestamente, com decência e discrição, não se adornando com tranças e com ouro, nem com pérolas ou com roupas caras, mas com boas obras, como convém a mulheres que declaram adorar a Deus (1 Timóteo 2:9-10).

Uma outra menção a Bíblia trata mais do comportamento do que da aparência:

O vosso adorno não seja um enfeite exterior, como as tranças nos cabelos, o uso de joias de ouro, ou o luxo dos vestidos, mas seja o do íntimo do coração, no incorruptível traje de um espírito manso e tranquilo, que és, para que permaneçam as coisas (1 Pedro 3:3,4).

O *blog* também se embasa em texto de São Tomás de Aquino, entendendo que “os ornatos femininos provocam **os** homens à lascívia”:

Em relação ao ornato das mulheres, devemos levar em conta os mesmos elementos que consideramos já, em geral, relativamente ao vestuário exterior; e além disso mais **em especial devemos – notar, que os ornatos femininos provocam mais os homens à lascívia, segundo a Escritura: Eis que lhe sai ao encontro uma mulher ornada à moda das prostitutas, prevenida para caçar as almas.** Pode, contudo, a mulher aplicar-se licitamente em agradar ao seu marido, afim de que ele, por desprezo, não venha a cair em adultério. Por isso diz o Apóstolo: A mulher casada cuida nas coisas que são do mundo, de como agradará ao marido. Por onde, se a mulher casada, se ornar para agradar ao marido, pode fazê-lo sem pecado. Mas, as mulheres, que não têm marido, nem os querem ter e vivem em estado de não os poderem ter, não podem sem pecado querer **agradar aos olhos dos homens, para o fim da concupiscência, pois, seria dar-lhes o incentivo de pecar.** Se, pois, se ornarem com a intenção de despertar nos outros a concupiscência, pecam mortalmente. Se o fizerem, porém, por levandade ou por uma certa vaidade fundada na jactância, nem sempre cometem pecado mortal, mas, às vezes, venial (Suma Teológica. II-II, q.169, a.2 – grifos meus).

Na *live* de 10 de maio de 2023, *A virtude da temperança e a modéstia*, que ficou gravada no *Youtube*. Pietra afirma que quando as mulheres não buscam desenvolver seus atributos femininos de maneira “virtuosa”, isto é, como uma “expressão divina da feminilidade”, acaba caindo em dois grandes erros: Ou se veste com futilidade, ou como uma mulher que deixa

transparecer a libertinagem, a vulgaridade. A *youtuber* se refere a mesma *suma teológica* citada pelo *blog Flores da Modéstia*, para afirmar que vestir um *short* curto, por exemplo, consistiria em pecado de leviandade (Bertolazzi, 2023). Um discurso que responsabiliza as mulheres pelos desejos e ações dos homens e flerta com a ideia de que, nos casos de assédio, abuso sexual e estupro a culpa pode ser da vítima, quando esta estiver vestida de maneira que mostre mais seu corpo, ou por qualquer outro comportamento. Inclusive, recentemente, o pastor Jonas Felício Pimentel, líder da igreja evangélica Tabernáculo da Fé, de Goiânia, afirmou que as crianças também têm culpa por terem sido abusadas, porque “dão lugar”. A matéria da figura 38 é de maio de 2024:

**Figura 38** - Pastor diz que crianças têm culpa de serem abusadas



Fonte: Pastor [...], 2024.

Essa responsabilização acompanha também projetos de lei, como é o caso do PL 1904/2024, proposto pelo deputado Sóstenes Cavalcante e mais 53 outros políticos<sup>36</sup>

<sup>36</sup> Evair Vieira de Melo - PP/ES, Delegado Paulo Bilynskyj - PL/SP, Gilvan da Federal - PL/ES, Filipe Martins - PL/TO, Dr. Luiz Ovando - PP/MS, Bibó Nunes - PL/RS, Mario Frias - PL/SP, Delegado Palumbo - MDB/SP, Ely Santos - REPUBLIC/SP, Simone Marquette - MDB/SP, Cristiane Lopes - UNIÃO/RO, Abílio Brunini - PL/MT, Franciane Bayer - REPUBLIC/RS, Carla Zambelli - PL/SP, Dr. Frederico - PRD/MG, Greyce Elias - AVANTE/MG, Delegado Ramagem - PL/RJ, Bia Kicis - PL/DF, Dayany Bittencourt - UNIÃO/CE, Lêda Borges - PSDB/GO, Junio Amaral - PL/MG, Coronel Fernanda - PL/MT, Pastor Eurico - PL/PE, Capitão Alden - PL/BA, Cezinha de Madureira - PSD/SP, Eduardo Bolsonaro - PL/SP, Pezenti - MDB/SC, Julia Zanatta - PL/SC, Nikolas Ferreira - PL/MG, Eli Borges - PL/TO, Fred Linhares - REPUBLIC/DF, Mauricio Marcon - PODE/RS, Sargento Fatur - PSD/PR, Sargento Gonçalves - PL/RN, Cabo Gilberto Silva - PL/PB, General Girão - PL/RN, Zé Trovão - PL/SC, Delegado Fábio Costa - PP/AL, Coronel Assis - UNIÃO/MT, Marcos Pollon - PL/MS, Pastor Diniz - UNIÃO/RR, Messias Donato - REPUBLIC/ES, André Fernandes - PL/CE, Coronel Chrisóstomo - PL/RO, Gustavo Gayer - PL/GO, Rodrigo Valadares - UNIÃO/SE, Filipe Barros - PL/PR, Sílvia Waiãpi - PL/AP, Marcelo



conservadores da bancada evangélica e da extrema direita brasileira, em maio de 2024, momento que coincidiu com a finalização deste trabalho. O referido projeto de lei propõe, por meio de acréscimos aos art. 124, 125, 126 e 128 do Código Penal Brasileiro, que o aborto após 22 semanas de gestação seja equiparado a homicídio simples, independentemente de como ele tenha acontecido. As penas, para as vítimas e para os profissionais de saúde, podem chegar até 20 anos de prisão e são maiores do que aquelas aplicadas para crimes de estupro. A legislação atual prevê três situações em que são permitidas o aborto legal no país: gestações decorrentes de estupro, risco a vida mulher e anencefalia fetal, sem prazos. O direito ao aborto nestas situações, está assegurado na legislação brasileira desde 1940, a aprovação do PL consistiria em um retrocesso em termos de direitos adquiridos.

Na prática, estipular um prazo para que a vítima consiga denunciar, ser acolhida e buscar ajuda médica, faz parte de um grande ciclo de violência. Segundo o 17º Anuário Brasileiro de Segurança Pública (Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2023), mais da metade dos casos de estupro (56.820 mil casos; 61,4%) são estupros de vulnerável, ou seja, crimes praticados contra menores de 14 anos. Sendo as crianças negras as principais vítimas da violência sexual (56,8%). Não por acaso, tal projeto ficou conhecido como “PL da gravidez infantil”, ou “PL do Estupro”. De fato, há um perfil claro de raça, gênero e classe quando se trata de quais crianças estão e ficarão ainda mais vulneráveis, caso essa proposta não seja vetada.

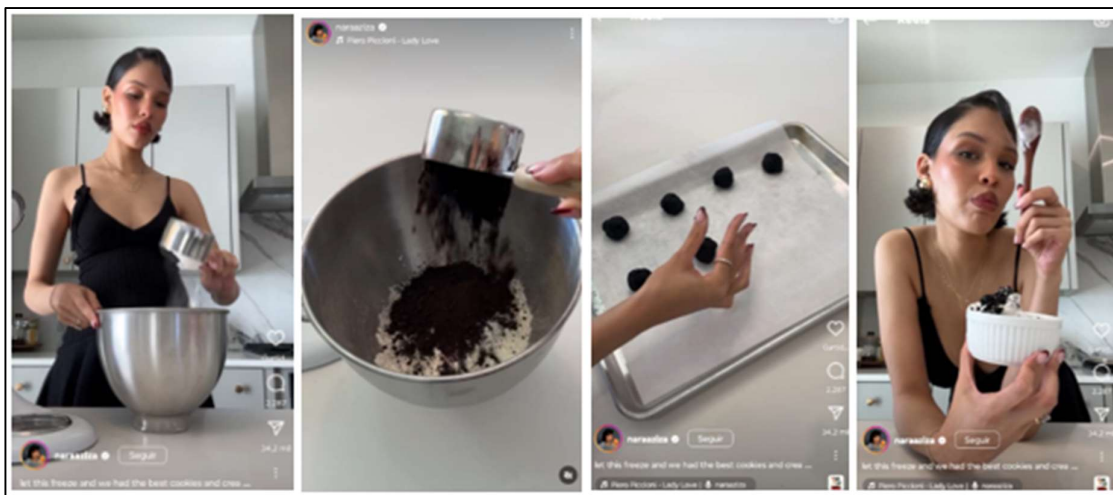
Além disso, tem havido, nas redes sociais, um aumento dos “conteúdos” que apresentam uma ideia de feminilidade consonante a esta de Pietra. Falo do que ficou conhecido como as *traditional wives*, ou *trad wives* (mulheres troféus). Uma tendência adotada por mulheres, majoritariamente brancas, de mostrar-se sempre bem arrumadas, cozinhando, cuidando dos filhos e de seus maridos. Elas não cozinham somente, mas plantam os grãos, regam, colhem, cuidam das galinhas, apanham os ovos, para então fazerem suas receitas. Saem do absoluto zero até chegarem em biscoitos “oreo” caseiros, para depois transformá-los em sabor de sorvete. Tudo isso enquanto posam impecavelmente belas (Neri, 2024). Algo que somente grandes fortunas possibilitam. Como é o caso dos perfis de Hanna Neeleman (@Ballerina Farm) e Nara Smith (@Naraaziza), no *Instagram*:

Figura 39 - Hanna Neelman com o marido e seus oito filhos



Fonte: (Neelman, 2024).

Figura 40 - Nara Smith cozinhando biscoitos “oreos” caseiros



Fonte: (Smith, 2024).

Obviamente, o problema não é que essas mulheres, esposas, mães estejam cozinhando nesses vídeos, mas sim que há neles, uma romantização de uma série de valores que com muito

custo foram abandonadas, nas décadas de 50, 60. Há décadas em que as mulheres vêm lutando por direitos básicos como, poder escolher exercer a maternidade, ou não, poder votar, frequentar escolas, trabalhar fora sem ter que pedir autorização de seus maridos, expressar livremente sua sexualidade, ou seja, uma longa linha do tempo de lutas e protestos do movimento feminista. Direitos conquistados a duras penas para que as mulheres pudessem ser o que quiserem, inclusive donas de casa. Não obstante, a contradição está justamente no fato de que esse pensamento flerta com o ideal da liberdade individual do neoliberalismo político que vem se somando ao conservadorismo cristão da atualidade.

A esse respeito Brown (2019) defende a necessidade de um exame das falhas dos princípios e políticas neoliberais, bem como da mescla que ele faz com outros poderes e forças como o racismo, o niilismo, o fatalismo e o ressentimento. Para a autora, o uso político do ressentimento da classe trabalhadora branca que se viu despossuída e cada vez mais lançada “sob o rolo compressor da economia [...]” foi um dos fatores que gerou o bebê “Frankenstein” do neoliberalismo. A recaptção desse ressentimento por presidentes como Trump, Bolsonaro (e outros pelo mundo afora) faz com que essa população branca pobre se sinta abandonada frente às (irrisórias) políticas públicas para imigrantes, negros, pessoas LGBTQ+, mulheres, que se estabeleceram com muita luta nos últimos vinte anos.

Outro aspecto importante para a análise crítica de Brown veio do livro *Family Values* de Melinda Cooper, o qual revela que asseverar as normas familiares patriarcais é algo profundamente enraizado na reforma neoliberal do bem-estar social e da educação. Segundo Cooper, a privatização mercadológica da seguridade social, da saúde e do ensino responsabilizou os indivíduos, pelo que antes estava nas mãos do Estado, assim, a gravidez na adolescência passou a ser dever de indivíduos masculinos; o custo da educação superior passou a ser compromisso dos pais, bem como a provisão de todo tipo de cuidado aos seus dependentes (crianças ou idosos).

Apesar de acreditar que Cooper é brilhante, Brown insiste que é somente voltando às ideias fundadoras, principalmente a Hayek, que se pode destacar a arquitetura que liga a moralidade tradicional ao neoliberalismo. Para Hayek, a soma de mercado e moral seriam o fundamento da liberdade, da ordem e do desenvolvimento. Essa moral só poderia funcionar se o estado fosse impedido de intervir. Por isso, o argumento de que o neoliberalismo apenas economiciza tudo é incompleto, porque o neoliberalismo Hayekiano é um projeto político-moral.

Por via de consequência, as condições históricas de produção que propiciaram o enunciado de Pietra Bertolazzi resultam de um imbricamento entre moral, política,

ressentimento e economia, os quais compõe uma frente única contra a democracia e a justiça social legislada.

Assim sendo, outro dado relevante da imagem de Pietra, na sua fala sobre o quadrinho, é o fato de que ela está com um celular na mão, ao invés do quadrinho em si. Aumentando a distância entre o que ela afirma conter na obra, e o que de fato contém ali. Por exemplo, um dos trechos que ela cita como *pornográfico*: “esse buraco é tão pequeno que mal consigo imaginar como um homem entra aqui dentro, já é difícil enfiar meu dedo indicador nele” - refere-se, na verdade, a um momento em que Anne descreve para Kitty - nome que dá ao diário, imaginando-o como sua amiga - a conversa que teria com Peter sobre anatomia feminina. O texto, num tom muito próximo ao de uma aula de biologia diz:

Sexta-feira, 24 de março de 1944

Gostaria de perguntar se Peter sabe como são as garotas, lá na parte de baixo. Não acredito que os garotos sejam tão complexos quanto as garotas. Dá pra ver facilmente como eles são, pelas fotos ou pinturas de homens nus, mas com as mulheres é diferente. Nas mulheres, os órgãos genitais, ou como quer que se chamem, estão escondidos entre as pernas. Peter provavelmente nunca viu uma menina tão de perto. Para dizer a verdade, nem eu. Garotos são muito mais fáceis. Como eu poderia descrever as partes de uma garota? Pelo que Peter diz, posso ver que ele não sabe exatamente como tudo se encaixa. Ele estava falando sobre “Muttermund” (colo do útero), mas isso fica por dentro, onde não dá para ver. Tudo é muito bem arrumado em nós, mulheres. Até eu ter 11 ou 12 anos, não notava que havia outros lábios por dentro, pois não dá pra ver. Ainda mais engraçado é que eu achava que a urina saía pelo clitóris. Um dia, perguntei a mamãe o que era aquela protuberância, e ela disse que não sabia. Ela realmente sabe bancar a imbecil quando lhe convém!

Mas, voltando ao assunto, como você pode explicar a aparência sem usar modelos? Será que devo explicar? Bom, lá vai!

Quando a gente fica de pé, na frente só dá pra ver os pelos. Entre as pernas há duas coisas macias, almofadadas, também coberta de pelos, que se comprimem juntas quando a gente está de pé, de modo que não se pode ver o que há na parte interna. Elas se separam quando a gente senta, e são muito vermelhas e bem carnudas por dentro. Na parte superior, entre os lábios externos, há uma dobra de pele que, pensando bem, parece uma espécie de bolha. É o Clitóris. Depois vem os lábios internos, que também se comprimem numa espécie de fenda. Quando eles se abrem, dá pra ver um montinho carnudo, que não é maior do que a ponta do meu polegar. A parte superior tem dois buraquinhos, e é de onde sai a urina. A parte de baixo parece só pele, e mesmo assim é ali que fica a vagina. Mal dá para acha-la porque as dobras de pele escondem a entrada. O buraco é tão pequeno que maço consigo imaginar como um homem poderia entrar ali, e muito menos como um bebê pode sair. Já é difícil tentar colocar o dedo indicador lá dentro. É só isso e mesmo assim tem um papel tão importante!

Sua Anne M. Frank (Folman; Polonsky, 2020).

Os autores da versão em quadrinhos ilustraram a passagem como se Anne e Peter estivessem em uma sala de aula de anatomia junto a um microscópio, um esqueleto, uma imagem das partes internas do ouvido e duas amostras conservadas em formol: Anne apontando

com uma régua para a parede como se fosse professora. E Peter enxergando uma espiral, que tem as curvas elípticas, lembrando vagamente uma vulva. Uma solução, segundo Aguiar e Martins (2024) de extremo bom gosto:

**Figura 41** - Ilustração de Ari Folman e David Polonsky



Fonte: (Folman; Polonsky, 2020, p. 121).

Por que não mostrar o livro? Se ele poderia corroborar uma outra forma de legitimação do que estava sendo dito ali? Mas ao contrário disso, o livro não é exibido, em nenhum momento. Intencionalmente ou não, o que talvez ausência do livro, na cenografia, expresse é a menor importância dada a ele em relação à afirmação constante de que ser mãe é o que basta para opinar sobre qualquer coisa relacionada à proteção das crianças. Uma ideia ilusória de que um determinado jeito de maternar, o conservador, possibilita o pleno controle de tudo que se passa com suas crianças. Assim, o estereótipo da mãe que protege, aciona também o estereótipo da criança incapaz de aprender qualquer coisa sobre sexo que possa servir para sua autoproteção.

Haveria também, nessa maternidade, um julgamento para com as meninas que conhecem e sabem descrever suas partes íntimas. Seria o caso como afirmam Aguiar e Martins (2024) de que o Diário de Anne Frank enfrenta hoje, fogueiras metafóricas:

Por um milagre, os textos de Anne Frank circulam entre nós, já que foi por acaso que não foram apreendidos os cadernos em que foram escritos quando da prisão dos Franks. Sobreviveram aos nazistas que, se os tivessem encontrado, os teriam

destruído, provavelmente numa fogueira. Hoje temos o novo Holocausto, em fogueiras metafóricas, disfarçadas de um moralismo torpe repleto de autoritarismo. Conforme a própria Anne Frank, 'quanto a esconder de meninas da minha idade assuntos de 'gente grande', francamente não creio que seja dos melhores métodos. Vejo os resultados desse tipo de educação, e com muita clareza!

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No recente cenário brasileiro saturado de conflitos entre os movimentos sociais progressistas e conservadores, quanto às pautas identitárias referentes ao gênero e a sexualidade, este trabalho buscou analisar, interdisciplinarmente, duas polêmicas contemporâneas que envolveram livros escritos para a infância e a temática da sexualidade. A saber, a iniciada por Jair Messias Bolsonaro sobre o livro *Aparelho sexual e cia*, em 2018, e a provocada por Pietra Bertolazzi sobre a adaptação em quadrinhos de *O diário de Anne Frank*, em 2021.

Quando se trata de “sexualidade” e “criança”, na mesma frase, não faltam polêmicas. Difícil foi me ater a um recorte preciso. Penso que neste caminho de pesquisa, terei assunto para toda a vida acadêmica. De fato, a complexidade desses dois temas juntos já era esperada, mas somar a questão da censura que os livros escritos para a infância vêm sofrendo desde a extinção do projeto Brasil sem Homofobia, em 2011, e a vitória eleitoral da extrema direita no Brasil, em 2018, intensificou mais ainda as dificuldades.

E digo “vêm sofrendo”, porque mesmo diante de um novo governo federal, aliado aos movimentos antirracista, feminista e LGBT+, publicações importantes continuam sendo banidas das escolas, a pedido de partidários da extrema direita. Como foi o caso do livro *O avesso da Pele*, de Jeferson Tenório, em março de 2024, ano corrente. A obra de 2020, que venceu o prêmio Jabuti, tem como tema central o racismo, mas foi banida de escolas públicas de três estados (Paraná, Mato Grosso do Sul e Goiás), pela iniciativa de governos estaduais, sob a alegação de conter “vocabulário de baixo nível” e “vulgaridade” (Estrela, 2024). Ou seja, para a extrema direita brasileira, sexo tem precedência, não importando os horrores do holocausto, nem os racismos estrutural e institucional. Sexo *versus* racismo, no discurso da direita brasileira seria por si só o mote de uma nova pesquisa.

Isso posto, seria esperado que eu mobilizasse textos de Freud e Foucault. O primeiro por motivos óbvios: toda discussão sobre a sexualidade humana passa invariavelmente por Freud. E, o segundo, por suas ponderações a respeito da relação intrínseca entre as instâncias de poder (religião, ciência...) e a proliferação dos discursos a respeito do sexo. Nesse sentido, entendo que a maneira demasiada com que os atores da extrema direita têm falado sobre sexo nas mídias digitais merece um olhar cuidadoso, que se beneficiaria de um cotejo do *corpus* com as obras dos referidos autores. Folgo em saber que trabalhos como *Sexualidade, cristianismo e poder*, de Dantas (2010) - recomendado na defesa - poderão me auxiliar na empreitada de suprir

essa falta, em escritas vindouras. De fato, entendo que com essa dissertação apresento um começo. Algo maior do que o projeto inicial, mas com lacunas a serem preenchidas em um trabalho de maior fôlego, como possibilita o doutorado.

Considerando que o objetivo principal consistiu em compreender como tem se idealizado que os temas da sexualidade devem, ou não, ser abordados com as crianças e como se opina sobre isso nas mídias digitais, as análises mostram que no discurso conservador predomina a ilusão da assexualidade infantil pautada numa imagem cristalizada de criança ingênua, pura, angelical. Esse posicionamento vê na escola um lugar inadequado e até perigoso, física e psicologicamente, para tratar de sexo com as crianças. Esse seria um trabalho dos pais e responsáveis. Nessa rede semântica, fortifica-se ainda a deslegitimação da profissão docente, de maneira a apagar o fato de que os professores têm a habilitação necessárias para escolher e mediar as leituras significativas com as devidas contextualizações. Não obstante, acentua-se o sentimento de pais e mães de controlar o incontrolável, isso é, o momento em que seus filhos terão o interesse pelo sexo. E, ainda, uma certa chateação pela perda do controle, por terem de fazer aquilo que defendem como seu trabalho (falar de sexo com os filhos), somente a partir do questionamento das crianças, em casa, depois de tratarem do assunto na escola.

O posicionamento progressista, por sua vez, vê na escola um lugar em que todos os assuntos, inclusive a sexualidade, podem ser debatidos do ponto de vista da instrução, do debate, da curiosidade científica e com responsabilidade. Inclusive, concordam que se trata de um espaço de “promoção da igualdade de gênero e da orientação sexual” (Leite, 2019b). E ainda, mobilizam uma imagem de criança um pouco mais complexa, que considera os diferentes níveis de maturidade entre crianças da mesma faixa etária e de que elas sabem muito mais (sobre sexo) do que imaginamos. Além disso, considera que se não for pela escola, elas terão acesso ao tema ainda que indiretamente. Vale ressaltar que, esse posicionamento se aproxima mais das bases dos artigos acadêmicos que tratam tanto da noção de infância quanto da questão da apreciação estética dos livros por parte das crianças.

Além disso, constatou-se a existência de uma disputa tácita pela significação de *proteção*. Para o discurso progressista, proteger é fornecer toda sorte de conhecimento (às crianças), inclusive, aqueles ligados à sexualidade humana – resguardados os diversos níveis de alcance de compreensão por faixa etária e especificidades de cada criança. Nesta perspectiva, a oportunidade de fabulação, por meio de leitura assessorada pelos professores, em sala de aula, é acolhida. Em contrapartida, para o discurso conservador, certos conhecimentos devem permanecer velados no período correspondente à infância, ou gerenciados/interditados pela família - uma concepção heteronormativa de família, obviamente. Esse último projeto de



proteção encontra respaldo na cosmovisão neoliberal e antagoniza a instituição escolar e o estado. Essa disputa poderia ser mais bem explorada em tempo oportuno, com um outro *corpus* - um que contasse com artigos de opinião dispostos em meios digitais, claro, mas também, com textos mais institucionais como a *Declaração dos direitos das crianças*, o *Estatuto da Criança e do Adolescente* e a Proposta de Emenda à Constituição nº 171/1993, retomada em 2015, que propõe alterar a redação do art. 228 da Constituição Federal, a favor da redução da imputabilidade penal de 18 para 16 anos.

Sob a influência do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Condição Humana da UFSCar, julgo que tal pressuposto se enriqueceria com as contribuições de *Quadros de Guerra: quando a vida é passível de luto?* Butler (2015). Buscando compreender por que e como se torna mais fácil, ou mais difícil empreender guerras, a autora utiliza a noção (fotográfica, ou imagética) de enquadramento, para refletir a respeito das normas (molduras) pelas quais apreendemos, ou melhor, não conseguimos apreender certas vidas/outras, como vida; e explora o conceito de precariedade de maneira ontológica. Nas palavras de Butler:

O 'ser' do corpo ao qual essa ontologia se refere é um ser que está sempre entregue a outros, a normas, a organizações sociais e políticas que se desenvolvem historicamente a fim de maximizar a precariedade para alguns e minimizar a precariedade para outros (Butler, 2015, p. 15).

Ou seja, “há ‘sujeitos’ que não são exatamente reconhecidos como sujeitos e há ‘vidas’ que dificilmente – ou melhor dizendo, nunca – são reconhecidas como vidas” (Butler, 2015, p. 16), isto é, nem toda vida é considerada como passível de ser vivida, e por isso mesmo nem toda perda é lamentada. Uma vida não será considerada perdida, se antes não for considerada vida. Um exemplo disso é a disparidade com que se lastima mais, nas mídias, a perda de vidas numa guerra entre europeus, como a da Rússia e a Ucrânia, e menos, as vidas que se perdem em confrontos nacionais, ou conflitos no Oriente.

Por via de consequência, o reconhecimento de um corpo enquanto sujeito/vida depende justamente de normas de enquadramento que são articuladas sócio politicamente, o que impede a universalização de direitos. Assim, quando se fala de proteger as crianças, está se falando de qual proteção? De quais crianças? Crianças ricas e brancas frequentadoras de colégios particulares, como a Escola Móvil, de São Paulo, ou o Colégio Marista, de Brasília? Toda criança é considerada criança? Ou melhor, é considerada vida? Qual é o enquadramento quando se trata da redução da menoridade penal e do encarceramento?

Neste trabalho, vê-se que *Aparelho sexual e cia* e a versão em quadrinho de *O diário de Anne Frank* foram tragados por atores oportunistas da direita, no engendramento de mentiras

políticas contemporâneas, favorecidas pelos modos de circulação digitais. No atual contexto de reação aos rompimentos de padrões normativos sexuais que vinham ocorrendo desde os anos 60, o direito das crianças à leitura, à educação e à proteção contra o abuso sexual, por exemplo, ficou em segundo plano. Deste modo, esses livros funcionaram, primordialmente, como bode expiatório para a demonização da escola e para a descredibilização de professores, impulsionadas pelo pânico moral e torno do projeto Escola sem Homofobia, e o fastio dos pais com a temática do sexo. Entretanto, e ainda que pareça contraditório, justamente por serem livros, os objetos brandidos pelos reacionários, é que se mantém acesa a centelha de um debate que pode ser complexificado, para além das mídias digitais. Coube no trabalho também este intento.

Ao se observar as datas de publicação de algumas das obras mencionadas na introdução, que afrontam um ideal conservador de proteção, percebe-se que muitas delas já circulavam no mercado editorial brasileiro, há muitos anos. Foi o caso de *Enquanto o sono não vem*, de 2003, que chamou a atenção dos reacionários, somente 14 anos após sua publicação. Precisamente, em junho de 2017, véspera da eleição que nomeou Bolsonaro como presidente. Da mesma forma, *O menino que espiava para dentro*, que foi publicado pela primeira vez, em 1983, quando foi acusado de incitar suicídio, em 2018, já estava consolidado no mercado há 35 anos. Assim, do mesmo modo, se passou com *Aparelho sexual e cia*, de 2007, que já estava traduzido para português brasileiro há 10, quando foi levado por Bolsonaro ao Jornal Nacional, para comover seus eleitores. Como dito anteriormente, os anos de 2017 e 2018 foram marcados por um martelamento, isto é, uma repetição incessante de itens lexicais específicos e articulados politicamente em contextos pães de desrespeito, ofensa e ameaça à existência de pessoas inseridas no espectro LGBTQ+. Foi o caso do sintagma “Kit Gay”.

Sendo assim, a primeira polêmica poderia ter sido analisada a partir dos posicionamentos contrários expressos a respeito do livro *Aparelho Sexual e Cia*, mas pareceu-me mais relevante registrar o livro *Kit Gay: atividades lúdicas para toda a família!*, de Kael Vitorelo, como um artefato simbólico, um sistema propositivo de resistência aos discursos de ódio contra as pessoas LGBTQ+, específico desse período, mas também como um texto estabilizado e perene. Como fiz ver na seção 3.2, quando da apresentação das feiras literárias por onde o livro de Kael Vitorelo percorreu, a materialidade dos livros é a que promove o encontro entre as pessoas e a objetividade necessária para que se questione ideias absurdas aparentemente difusas.

Irrompam essas ideias em formatos de “Causos”, como aqueles que descrevi na seção 3.1, ou em formatos de projetos de lei, como é o caso do PL 1904/2024, pela bancada

evangélica, em maio de 2024, momento que coincidiu com a finalização deste trabalho. O referido projeto de lei propõe que o aborto após 22 semanas de gestação seja equiparado a homicídio simples, independentemente de como ele tenha acontecido. As penas, para as vítimas e para os profissionais de saúde, podem chegar até 20 anos de prisão e são maiores do que aquelas aplicadas para crimes de estupro. A legislação atual prevê três situações em que são permitidas o aborto legal no país: gestações decorrentes de estupro, risco a vida mulher e anencefalia fetal, sem prazos. O direito ao aborto nestas situações, está assegurado na legislação brasileira desde 1940. A aprovação do PL consistiria em um retrocesso em termos de direitos adquiridos.

Na prática, estipular um prazo para que a vítima consiga denunciar, ser acolhida e buscar ajuda médica, faz parte de um grande ciclo de violência. Segundo o 17<sup>o</sup> Anuário Brasileiro de Segurança Pública (Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2023), mais da metade dos casos de estupro (56.820 mil casos) são estupros de vulnerável, ou seja, crimes praticados contra menores de 14 anos. Sendo as crianças negras as principais vítimas da violência sexual (56,8%). Não por acaso, tal projeto ficou conhecido como “PL da gravidez infantil”, ou “PL do Estupro”. De fato, há um perfil claro de raça, gênero e classe quando se trata de quais crianças estão e ficarão ainda mais vulneráveis, caso essa proposta não seja vetada.

Com a análise da polêmica que envolveu a versão em quadrinho do *Diário de Anne Frank*, busquei acentuar que o pudor exacerbado, a tal modéstia, que fia o discurso conservador tende a responsabilizar os indivíduos, inclusive crianças vítimas de violência sexual, por questões sociais sistêmicas, complexas, que requerem esforço coletivo e político para serem solucionadas.

Ademais, a textualização de outros casos polêmicos para compor a introdução, como foi requisitada na qualificação, permitiu evidenciar que nem todos os casos têm o mesmo funcionamento. Os livros escritos para crianças sofrem, frequentemente, ataques e questionamentos oriundos de diversos posicionamentos. Há questionamentos a partir de lutas sociais para a mudança do *status quo*, como a antirracista, a dos movimentos feministas e LGBTQ+, mas há também aqueles da disputa conservadora, que apelam pela manutenção e preservação das tradições, como a família heteronormativa. Entretanto, eles não são da mesma natureza. Apesar de se apoiarem em táticas midiáticas e proposições semelhantes, como pedir o cancelamento de autores e a vigilância das escolas, estão em espectros ideológicos e políticos opostos. Além disso, há uma diferença considerável entre as reclamações de pais e mães militantes e as determinações de atores políticos institucionais para a recolha e a proibição de obras: aqueles não têm o poder que estes têm.

Nota-se que as polêmicas em torno da questão racial, como as que envolveram *Peppa*, *Caçadas de Pedrinho e Abecê da liberdade* e *O avesso da Pele*, mais recentemente, ainda que não registrado na introdução, são capazes de alimentar o debate público por muito tempo e até de modificarem a forma de circulação dos livros nas escolas. Mas não ao ponto de impulsionar a eleição de um presidente como é o caso das polêmicas que colocaram em jogo a infância e a sexualidade.

Concluo, mesmo que de forma transitória, que a onda de conservadorismo que tomou conta do Brasil, e fundamentou a vitória eleitoral da extrema direita, em 2018, e seu modo antidemocrático de governo legitimou a proliferação de sentimentos sexistas, homofóbicos e racistas. Nesse sentido, os discursos extremistas ganharam força e impulso para circular amparados na figura do ex-mandatário, que catalisou toda sorte de temas contraditórios sob suas divagações diárias em *lives*, pronunciamentos, conversas com apoiadores, entrevistas etc. Sem dúvidas, um fenômeno peculiar que ficou marcado nas formas lexicais *bolsonarismo* e *bolsonarista* constituídas na conjuntura observada.

## REFERÊNCIAS

A COLUNA da @monicabergamo deu alcance nacional para algo curioso. A denúncia foi feita pela influencer de extrema-direita @Pietra\_SP. O que Pietra não conta é ela tem uma "livraria virtual" onde vende o livro da Anne Frank. 03 jun. 2021. Twitter: @fazamor. Disponível em: <https://x.com/fazamor/status/1400593563067486209>. Acesso em: 04 jun. 2024.

ACUSAÇÃO de racismo faz autora tirar livro 'Peppa' de circulação. **G1 Online**. Coluna por G1. 22 nov. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/acusacao-de-racismo-faz-autora-tirar-livro-peppa-de-circulacao.ghtml>. Acesso em: 09 jul. 2018.

A EROTIZAÇÃO de Anne Frank nas escolas. [São Paulo], 01 jun. 2021. **Instagram**: @pietrabertolazzi. Disponível em: <https://www.instagram.com/pietrabertolazzi/?hl=pt-br>. Acesso em: 05 jul. 2021.

AGUIAR, Vera Teixeira de. MARTINS, Luiz Fernando. O tabu do sexo e o holocausto. *In.*: CECCANTINI, João Luís. GLAVÃO, Eliane. VALENTE, Thiago Alves. (Org.). **Literatura infantil e juvenil na fogueira**. Belo Horizonte: Aletria, 2024.

ALBUQUERQUE, Manoela. Autor de livro que sugere casamento entre pai e filha atribui polêmica no ES à falta de capacitação de professores. **G1**, Espírito Santo, 02 jun. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/espírito-santo/noticia/autor-de-livro-que-sugere-casamento-entre-pai-e-filha-atribui-polemica-no-es-a-falta-de-capitacao-de-professores.ghtml>. Acesso em: 05 jun. 2021.

ALCANTARA, Ana Maria. Companhia das Letras recolhe livro com crianças brincando em navio negreiro. **Uol**, Cotidiano, 11 set. 2021. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2021/09/11/cia-das-letras-recolhe-livro-que-mostra-crianca-brincando-em-navio-negreiro.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 15 dez. 2023.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas**. Tradução Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ANDRADE, Gisele Gama. **A família de Sara**. Ilustração Ronaldo Santana. Brasília: Edição do autor, 2021. Disponível em: [https://www.google.com.br/books/edition/A\\_fam%C3%ADlia\\_de\\_Sara/qzpQEAAAQBAJ?hl=pt-BR&gbpv=1&printsec=frontcover](https://www.google.com.br/books/edition/A_fam%C3%ADlia_de_Sara/qzpQEAAAQBAJ?hl=pt-BR&gbpv=1&printsec=frontcover). Acesso em: 07 mai. 2024.

ANDRUETTO, María Teresa. **Por uma literatura sem adjetivos**. Tradução de Carmem Cacciacarro. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2012.

ALVARENGA, Poliana. Versão em quadrinhos de O Diário de Anne Frank causa polêmica em escola de Vitória. **G1**, TV Gazeta, 29 mar. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/es/espírito-santo/noticia/versao-em-quadrinhos-de-o-diario-de-anne-frank-causa-polemica-em-escola-de-vitoria.ghtml>. Acesso em: 21 mar. 2024.

ALVARES, Cláudia Assad. **Nomes de Profissões**: Uma oposição sufixal. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2005.

ANNE Frank Fonds. Founded by Otto Frank. Disponível em: <https://www.annefrank.ch/en>. Acesso em: 05 jul. 2021.

ARENDR, Hannah. **Verdade e política**. *In.*: Entre o passado e o futuro. São Paulo: Perspectiva, 2016.

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Tradução de Dora Flaksman. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

ARTUNI, Henrique. Companhia das Letras recolhe livro infantil com crianças em navio negreiro. **Folha de S. Paulo**, Livros, 11 set. 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2021/09/companhia-das-lettras-recolhe-livro-infantil-com-criancas-em-navio-negreiro.shtml>. Acesso em: 15 dez. 2023.

AQUINO, Tomás de. Suma teológica. Tratado da Temperança. Questão 169: Da modéstia enquanto reguladora do ornato exterior. Art. 2 - Se os ornatos femininos constituem pecado mortal. **Revista Permanência**. Disponível em: <https://www.permanencia.org.br/drupal/node/4381>. Acesso em: 04 jun. 2024.

AS caçadas de Pedrinho. *In.*: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2024. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra21061/as-cacadas-de-pedrinho>. Acesso em: 07 de maio de 2024. Verbete da Enciclopédia.

BANCO de dados - 57ª legislatura - Câmara dos Deputados - Eleitos – ISER. 2022. Disponível em: [https://docs.google.com/spreadsheets/d/1PHKg\\_hQ5imp81SYcyVevSCdH3PNj1u30SMpEiYOk1y8/edit#gid=529573698](https://docs.google.com/spreadsheets/d/1PHKg_hQ5imp81SYcyVevSCdH3PNj1u30SMpEiYOk1y8/edit#gid=529573698). Acesso em 17 jan. 2024.

BARTHES, Roland. L'ancienne rhétorique: Aide-mémoire. **Communications**, n. 16, 1970. Disponível em: [https://www.persee.fr/doc/comm\\_0588-8018\\_1970\\_num\\_16\\_1\\_1236](https://www.persee.fr/doc/comm_0588-8018_1970_num_16_1_1236). Acesso em: 27 mar. 2024.

BENTANCUR, Paulo. **A máquina de brincar**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

BERGAMO, Mônica. Assessora de João Dória ataca feministas e gera polêmica. **Jornal Folha de S. Paulo**. Colunas e Blogs. 12 mar. 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/monicabergamo/2019/03/abaixo-assinado-pede-afastamento-de-diretora-do-fundo-social-de-sp.shtml>. Acesso em: 02 jun. 2024.

BERGAMO, Mônica. Pais de escola particular em SP veem erotização de Anne Frank em livro usado em aula de inglês. **Jornal Folha de S. Paulo**. Coluna Opinião. 02 jun. 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/monicabergamo/2021/06/pais-de-escola-particular-em-sp-veem-erotizacao-de-anne-frank-em-livro-usado-em-aula-de-ingles.shtml?origin=folha>. Acesso em: 04 jul. 2021.

BERTOLAZZI, Pietra. Bolsonaro o presidente da mulher livre de verdade. **Folha de S. Paulo**. Coluna Opinião, 06 jul. 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/opiniao/2022/07/bolsonaro-o-presidente-da-mulher-livre-de-verdade.shtml?origin=folha>. Acesso em: 08 ago. 2023.

BERTOLAZZI, Pietra. (pietrabertolazzi). **Bolsonaro, o presidente da mulher livre de verdade.** 05 jan. 2023. Instagram: pietrabertolazzi. Disponível em: [https://www.instagram.com/p/CnC6qwZO6tg/?img\\_index=1](https://www.instagram.com/p/CnC6qwZO6tg/?img_index=1). Acesso em: 25 mar. 2024.

BERTOLAZZI, Pietra. (pietrabertolazzi). **Cancelada semanalmente por dizer verdades que doem - mas amadurecem.** 06 abr. 2024. Instagram: pietrabertolazzi. Disponível em: <https://www.instagram.com/pietrabertolazzi/>. Acesso em: 06 abr. 2024.

BERTOLAZZI, Pietra. (@PietraBertolazzi). **Meu nome é Pietra Bertolazzi e aqui você vai encontrar conteúdo conservador de qualidade, anti-feminista e anti-lacração, "Because Beauty Matters" (já diria Scruton). A gente se vê em poucos dias. Curta e compartilhe!** 04 nov. 2020. Youtube: @PietraBertolazzi. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20201104022558/youtube.com/PietraBertolazzi>. Acesso em: 30 abr. 2024.

BERTOLAZZI, Pietra. (@pietrabertolazzi). **A virtude da temperança e a modéstia.** 10 mai. 2023. Youtube: @PietraBertolazzi. 1 vídeo (1:34:18). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ca3rodid05c>. Acesso em: 04 jun. 2024.

BERTOLAZZI, Pietra. (@PietraBertolazzi). **Meu Instagram @doutrinazer0. Os melhores preços você encontra na minha livraria www.livrariadapietra.com.br.** 30 abr. 2024. Youtube: @PietraBertolazzi. Disponível em: [https://www.youtube.com/results?search\\_query=pietra+bertolazzi](https://www.youtube.com/results?search_query=pietra+bertolazzi). Acesso em: 30 abr. 2024.

BIROLI, Flávia; VAGGIONE, Juan Marco; MACHADO, Maria das Dores Campos (org.). **Neoconservadorismo e democracia: disputas e retrocessos na América Latina.** São Paulo: Boitempo, 2020. E-book.

BORGES, Eli. **Frentes parlamentares: Frente parlamentar evangélica do congresso nacional. Câmara dos Deputados,** 23 mai. 2023. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/internet/deputado/frenteDetalhe.asp?id=54477>. Acesso em: 17 jan. 2024.

BRANT, José Mauro. **Enquanto o sono não vem.** Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2003.

BROWN, Wendy. Introdução. *In.*: BROWN, Wendy. **Nas ruínas do neoliberalismo: a ascensão da política antidemocrática no ocidente.** São Paulo: Filosófica Politeia, 2019. p. 09-32.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Combate à Discriminação. **Brasil Sem Homofobia:** Programa de combate à violência e à discriminação contra GLTB e promoção da cidadania homossexual. Brasília: Ministério da Saúde, 2004. Disponível em: [https://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/brasil\\_sem\\_homofobia.pdf](https://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/brasil_sem_homofobia.pdf). Acesso em: 25 nov. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular:** Educação é a Base. Brasília: Ministério da Educação, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#introducao>. Acesso em 24 jan. 2024.

BROWN, Wendy. Introdução. **Nas ruínas do neoliberalismo: a ascensão da política antidemocrática o ocidente.** São Paulo: Filosófica Politeia, 2019. p. 09-32.

BROWN, Wendy. Redefinir a liberdade ou perder a batalha. [Entrevista cedida a] Veronica Gago. **Fundação Rosa Luxemburgo**, 21 nov. 2020. Disponível em: <https://www.insurgencia.org/blog/wendy-brown-redefinir-a-liberdade-ou-perder-a-batalha>. Acesso em: 01 jun. 2022.

BRULLER, Hélène; CHAPPUIS, Philippe “ZEP”. **Aparelho sexual e cia**: um guia inusitado para crianças descoladas. Tradução de Eduardo Brandão São Paulo: Editora Seguinte, 2018.

BUTLER, Judith. **A vida psíquica do poder**: teorias da sujeição. Tradução Rogério Bettoni. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2020.

BUTLER, Judith. Introdução: vida precária, vida passível de luto. *In.*: BUTLER, Judith. **Quadros de Guerra**: quando a vida é passível de luta? Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 2015.

CADERNO escola sem homofobia. 2011. Disponível em: <https://nova-escolaproducao.s3.amazonaws.com/bGjtqbyAxV88KSj5FGExAhHNjzPvYs2V8ZuQd3TMGj2hHeySJ6cuAr5ggvfw/escola-sem-homofobia-mec.pdf>. Acesso em: 17 out. 2022.

CAVALCANTE, Emanuel Bernardo Tenório. O conceito de adultocentrismo na história: diálogos interdisciplinares. **Fronteiras**, [S. l.], v. 23, n. 42, p. 196–215, 2021. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/FRONTEIRAS/article/view/15814>. Acesso em: 17 dez. 2023.

CAVALCANTE, Sóstenes. Et al. **Projeto de lei 1904/2024**. Acresce dois parágrafos ao art. 124, um parágrafo único ao artigo 125, um segundo parágrafo ao artigo 126 e um parágrafo único ao artigo 128, todos do Código Penal Brasileiro, e dá outras providências. Brasília: Câmara dos deputados, 17 mai. 2024. Disponível em: [https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop\\_mostrarintegra?codteor=2425262&filena me=Tramitacao-PL%201904/2024](https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/prop_mostrarintegra?codteor=2425262&filena me=Tramitacao-PL%201904/2024). Acesso em: 13 ago. 2024.

CAVALCANTI, Jauranice Rodrigues. **As faces de uma polêmica**: o episódio do livro didático Por uma vida melhor. **Revista DELTA**: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada. v. 29 n. 3, 2013. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/19339>. Acesso em 10 ago. 2021.

CÊA, Georgia Sobreira dos Santos. SANTOS, Rodrigo Severiano dos. Fundamentos e condicionantes da polêmica em torno do kit de combate à homofobia: das sombras da caverna à luta por hegemonia. **Jornal de Políticas Educacionais**, v. 15, n. 27, p. 1-20, jun. 2021. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/jpe/article/view/79983>. Acesso em: 10 mar. 2023.

CHARLOT, Bernard. **A mistificação pedagógica**: realidades sociais e processos ideológicos na teoria da educação. Tradução de Maria José do Amaral Ferreira. São Paulo: Cortez, 2013.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGEUNEAU, Dominique. **Dicionário de Análise do Discurso**. Tradução Fabiana Komesu. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

COLOMER, Teresa. La educación sentimental en los álbumes infantiles actuales. Actas do 6º Encontro Nacional (4º Internacional) de Investigação em Leitura, Literatura Infantil e Ilustração, Braga: Universidade do Minho, Outubro 2006. Disponível em: [http://www.casadaleitura.org/portalbeta/bo/abz\\_indices/001872\\_ot\\_ed\\_sentimental\\_albumes\\_a.pdf](http://www.casadaleitura.org/portalbeta/bo/abz_indices/001872_ot_ed_sentimental_albumes_a.pdf). Acesso em: 22 mar. 2022.



COLOMER, Teresa. La protección de "Buenas noches luna" y otros valores actuales. **Peonza: Revista de literatura infantil y juvenil**, n. 75-76, 2006, p. 41-52. Disponível em: <https://www.cervantesvirtual.com/portales/peonza/obra-visor-din/peonza-revista-de-literatura-infantil-y-juvenil--32/html/>. Acesso em: 23 mar. 2023.

COMPANHIA DAS LETRINHAS. **Nota aos leitores e leitoras**. São Paulo, 11 set. 2021. Instagram: [Companhiadasletrinhas](https://www.instagram.com/p/CTr4wA6NYzx/?utm_source=ig_embed&ig_rid=0c15c3b2-6e87-42a0-a99d-101180f2bc9e). Disponível em: [https://www.instagram.com/p/CTr4wA6NYzx/?utm\\_source=ig\\_embed&ig\\_rid=0c15c3b2-6e87-42a0-a99d-101180f2bc9e](https://www.instagram.com/p/CTr4wA6NYzx/?utm_source=ig_embed&ig_rid=0c15c3b2-6e87-42a0-a99d-101180f2bc9e). Acesso em: 15 dez. 2023.

CORRÊA, Gustavo Figueiredo Pires. **Corpo e sexualidade na contemporaneidade**. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO SEXUAL, 3., 2013, Maringá. Anais [...]. Maringá: UEM, 2013. p. 5-13. Disponível em: [http://www.sies.uem.br/anais/pdf/genero\\_e\\_identidade\\_de\\_genero/5-13.pdf](http://www.sies.uem.br/anais/pdf/genero_e_identidade_de_genero/5-13.pdf). Acesso em: 18 abr. 2022.

COURTINE, Jean-Jacques. **Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos**. São Carlos: Editora Edufscar, 2014.

CRUZ, Moniky Araújo da. *et al.*. Represcussões do abuso sexual vivenciado na infância e adolescência: revisão integrativa. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 26, n. 4, p. 1369–1380, abr. 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/y96pVLNpJBGzgY9Sd9kFJwJ/abstract/?lang=pt#> Acesso em: 23 nov. 2023.

CUNHA, Joana. Influenciadora que criticou versão HQ de Anne Frank vende obra em sua livraria. **O tempo**. Literatura. 07 jun. 2021. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/entretenimento/influenciadora-que-criticou-versao-hq-de-anne-frank-vende-obra-em-sua-livraria-1.2495429>. Acesso em: 04 jun. 2024.

DANTAS, Bruna Suruagy do Amaral. Sexualidade, Cristianismo e poder. **Estudos e pesquisas em psicologia**, [S.l.], v. 10, n.3, p.700-728, 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/epp/v10n3/v10n3a05.pdf>. Acesso em: 13 ago. 2024.

DEFINITIVAMENTE Peppa Não! | Ana Paula Xongani. [S.l.: s.n.], 02 nov. 2017. 1 vídeo (7:48). Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=cDU3\\_7Am63o&t=3s](https://www.youtube.com/watch?v=cDU3_7Am63o&t=3s). Acesso em: 07 ago. 2021.

DEL SOLAR, João Gabriel Martin. Não queremos o livro "A Família de Sara" para nossos filhos. **Change.org**, 14 nov. 2015. Disponível em: <https://www.change.org/p/diretoria-do-col%C3%A9gio-maristinha-n%C3%A3o-queremos-o-livro-a-fam%C3%ADlia-de-sara-para-nossos-filhos>. Acesso em: 14 dez. 2023.

DIAS, Kaique. Livro infantil sugere casamento entre pai e filha e prefeitura de Vitória diz que vai retirar obras das escolas. **G1 online**. Coluna Educação. Espírito Santo, 31 mai. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/espírito-santo/educacao/noticia/livro-infantil-cita-casamento-entre-pai-e-filha-e-prefeitura-de-vitoria-diz-que-vai-retirar-obras-das-escolas.ghtml>. Acesso em: 24 out. 2022.

DUARTE, Daniel. As convicções que movem o editor da direita. **O povo online**. Páginas azuis. 27 jun. 2016. Disponível em:

[https://www.google.com/search?q=carlos+andrezza&oq=&gs\\_lcrp=EgZjaHJvbWUqCQgAECMYJxjqAjIJCaaQIxgnGOoCMgkIARAJGCcY6gIyCQgCECMYJxjqAjIJCAMQIxgnGOoCMgkIBBAjGCcY6gIyCQgFECMYJxjqAjIJCAYQIxgnGOoCMgkIBxajGCcY6gLSAQkxOTc1ajBqMTWoAgiwAgE&sourceid=chrome&ie=UTF-8](https://www.google.com/search?q=carlos+andrezza&oq=&gs_lcrp=EgZjaHJvbWUqCQgAECMYJxjqAjIJCaaQIxgnGOoCMgkIARAJGCcY6gIyCQgCECMYJxjqAjIJCAMQIxgnGOoCMgkIBBAjGCcY6gIyCQgFECMYJxjqAjIJCAYQIxgnGOoCMgkIBxajGCcY6gLSAQkxOTc1ajBqMTWoAgiwAgE&sourceid=chrome&ie=UTF-8). Acesso em 04 jun. 2024.

DUCROT, Oswald. **Esboço de uma teoria polifônica da enunciação**. In: DUCROT, Oswald. O dizer e o dito. Campinas: Pontes, 1987. p. 161-219.

É #FAKE que Haddad criou 'kit gay' para crianças de seis anos. **Jornal G1**. É fato ou fake. 16 out. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/fato-ou-fake/noticia/2018/10/16/e-fake-que-haddad-criou-kit-gay-para-criancas-de-seis-anos.ghtml>. Acesso em: 17 out. 2022.

EM CULTO, Damares detalha supostos abusos sexuais em crianças traficadas. **Poder 360**. 10 out. 2022. Vídeo (1 min 20 seg). Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=B0S\\_m9Pwx3Q&ab\\_channel=Poder360](https://www.youtube.com/watch?v=B0S_m9Pwx3Q&ab_channel=Poder360). Acesso em: 10 ago. 2023.

ESCRIVÁ, Josemaria. **É Cristo que passa**: o matrimônio, vocação cristã. Ponto 23. Escrivá.org: 1973. Disponível em: <https://escriva.org/pt-br/es-cristo-que-pasa/23/>. Acesso em: 04 abr. 2024.

ESTRELA, Giovanna. Entenda polêmica em torno de “O Averso da Pele”, censurado em escolas. **Metrópolis**. 08 mar. 2024. Disponível em: <https://www.metropoles.com/brasil/entenda-polemica-em-torno-de-o-avesso-da-pele-censurado-em-escolas>. Acesso em: 06 jun. 2024.

ESTÚDIO INVERTIDO. **Quem somos**. São Paulo, ago. 2015. Disponível em: <https://estudioinvertido.com.br/quem-somos/>. Acesso em: 09 mai. 2024.

FEIRA MIOLOS. **História**. São Paulo, 2023. Disponível em: <https://www.feiramios.com.br/historia-2023>. Acesso em: 09 mai. 2024.

FERES JÚNIOR, João; NASCIMENTO, Leonardo Fernandes; EISENBERG, Zena Winona. **Monteiro Lobato e o Politicamente Correto**. Rio de Janeiro, v. 56, n.1, p. 69-108, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/dados/a/r8hZK3PfdQ4fVXN4nW9ZCSs/?lang=pt>. Acesso em: 18 abr. 2022.

A ELEGÂNCIA e a etiqueta da mulher católica. **FLORES da modéstia**, 28 fev. 2015. Disponível em: <https://floresdamodestia.blogspot.com/p/quem-somos.html>. Acesso em: 04 jun. 2024.

FOLMAN, Ari. **Anne Frank’s diary**: the graphic adaptation. Illustrations by David Polonsky. New York: Pantheon books, 2018.

FOLMAN, Ari. **O diário de Anne Frank em quadrinhos**. [Adaptado da obra de] Anne Frank. Ilustração David Polonsky. Tradução Raquel Zampil. Rio de Janeiro: Editora Record, 2020.

FÓRUM BRASIEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Anuário brasileiro de segurança pública**. São Paulo, 2023. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2023/07/anuario-2023.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2024.

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do Saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 8. Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2020.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1: a vontade de saber**. Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Editora Paz & Terra, 2021.

FOSSEY, Marcela Franco. **Polêmica sobre sexo saudável: uma abordagem discursiva**. 2011. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2011.

FRAGA, César. Live debate censura ao diário de Anne Frank em escolas. **Extra classe**. Coluna Educação, Porto Alegre, 14 jul. 2021. Disponível em: <https://www.facebook.com/MaesePaispelaDemocracia/videos/4661763523852283/>. Acesso em: 10 ago. 2023.

FRANK, Anne. **O diário de Anne Frank**. Edição definitiva por Otto H. Frank e Mirjam Pressler. 88ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2020.

GANDRA, Alana. Dossiê contabiliza 273 mortes violentas de pessoas LGBTI+ em 2022. **Agência Brasil**, 11 mai. 2023. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2023-05/dossie-contabiliza-273-mortes-violentas-de-pessoas-lgbti-em-2022>. Acesso em: 14 jul. 2023.

GATTI, Márcio Antônio. **A representação da criança no humor: um estudo sobre tiras cômicas e estereótipos**. 2013. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2013.

GATTI, Márcio Antônio. Estereótipo e pré-construído: é possível uma articulação? **Signótica**, Goiânia, v. 26, n. 2, p. 397-414, 2014. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/sig/article/view/29824>. Acesso em: 29 de abr. 2024.

GATTI, Márcio Antônio. MENDONÇA, Viviane Medo de. O estereótipo e a necessidade de (contra)dizer em tempos de conservadorismo político-religioso. **Laplage em Revista** (Sorocaba), v.4, n.1, jan.-abr. 2018, p.81-91. Disponível em: [file:///C:/Users/mayar/Downloads/O\\_estereotipo\\_e\\_a\\_necessidade\\_de\\_contradizer\\_em\\_te%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/mayar/Downloads/O_estereotipo_e_a_necessidade_de_contradizer_em_te%20(1).pdf). Acesso em: 15 jun. 2023.

HAN, Byung-Chul. **A sociedade da transparência**. Tradução Enio Paulo Giachini. Rio de Janeiro: Vozes, 2017.

HAN, Byung-Chul. **No exame**. Tradução Lucas Machado. Rio de Janeiro: Vozes, 2018.

HARAWAY, Donna. **Manifesto ciborgue Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

HUNT, Peter. **Crítica, Teoria e Literatura infantil**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade**. Tradução Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

IMORALIDADE e crueldade com nós Sorocabanos... Valor milionário gasto pela g... [S.l.], 2020. 1 vídeo (19 min). Disponível em:

[https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch\\_permalink&v=960145357848386](https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=960145357848386). Acesso em: 17 out. 2022.

ITAÚ CULTURAL. **Ocupação Laerte**. São Paulo, 2014. Disponível em: <https://www.itaucultural.org.br/ocupacao/laerte/>. Acesso em: 09 mai. 2024.

JAIR Bolsonaro (PSL) é entrevistado no Jornal Nacional. **Jornal Nacional**, Rio de Janeiro, 28 ago. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2018/08/28/jair-bolsonaro-psl-e-entrevistado-no-jornal-nacional.ghtml>. Acesso em: 17 out. 2022.

JAIR Bolsonaro no Jornal Nacional HD Completo 28/08/2018. Viral Vídeos. 29 ago. 2018. 1 vídeo (28 min 35 seg). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BMAfHqUI2cM>. Acesso em: 17 out. 2022.

JANJA vai à justiça contra Jovem Pan e cobra indenização por danos morais. **Carta Capital**, 26 jan. 2023. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/janja-vai-a-justica-contra-a-jovem-pan-e-cobra-indenizacao-por-danos-morais/>. Acesso em: 11 dez. 2023.

JUSTIÇA holandesa libera direitos autorais do “Diário de Anne Frank” para pesquisa científica. **Gazeta do povo**, Caderno G Literatura, Haia, 30 dez. 2015. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/caderno-g/literatura/justica-holandesa-libera-direitos-autorais-do-diario-de-anne-frank-para-pesquisa-cientifica-76ovo4rp3qvqzpy0h4y1dqs6y/>. Acesso em: 07 mar. 2024.

KRIEG-PLANQUE, Alice. **A noção de “fórmula” em análise do discurso**: quadro teórico e metodológico. Tradução de Luciana Salazar Salgado, Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

KRIEG-PLANQUE, Alice. **Analisar discursos institucionais**. Tradução Luciana Salazar Salgado e Helena Boschi. Uberlândia: Edufu, 2018.

KRIEG-PLANQUE, Alice. Por uma análise discursiva da comunicação: a comunicação como antecipação de práticas de retomada e de transformação dos enunciados. Tradução Luciana Salazar Salgado. **Revista Linguagem**, 2011. Disponível em: [www.letras.ufscar.br/linguagem](http://www.letras.ufscar.br/linguagem). Acesso em: 05 jun. 2022.

LEITE, Vanessa. “Em defesa das crianças e da família”: Refletindo sobre discursos acionados por atores religiosos “conservadores” em controvérsias públicas envolvendo gênero e sexualidade. **Sexualidad, Salud y Sociedad - Revista Latinoamericana**, n. 32, p. 119-142, ago. 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sess/a/Cc68BmV888KZbTkjwr495M/?lang=pt>. Acesso em: 10 mar. 2023.

LEITE, Vanessa Jorge. A captura das crianças e dos adolescentes: refletindo sobre controvérsias públicas envolvendo gênero e sexualidade nas políticas de educação. **Revista Série-Estudos**, Campo Grande, MS, v. 24, n. 52, p. 11-30, set./dez. 2019. Disponível em: <https://serieucdb.emnuvens.com.br/serie-estudos/article/view/1354>. Acesso em: 29 mar. 2023.

LEITURA livre do Diário de Anne Frank em HQ. **Facebook**. Página pais e mães pela democracia. 14 jul. 2021. 1 vídeo (2 horas). Disponível em: [https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch\\_permalink&v=4661763523852283](https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=4661763523852283). Acesso em: 10 ago. 2023.

LIVRO infantil provoca polêmica em Brasília. **G1**, dez. 2015. Disponível em: <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/bom-dia-df/video/livro-infantil-provoca-polemica-em-escola-de-brasilia-4600380.ghtml>. Acesso em: 15 dez. 2023.

LIVRO infanto-juvenil com conteúdo controverso causa revolta entre mães nas redes sociais. **Jornal de Brasília**, Arquivo Geral, 08 jul. 2014. Disponível em: <https://jornaldebrasilia.com.br/viva/livro-infanto-juvenil-com-conteudo-controverso-causa-revolta-entre-maes-nas-redes-sociais>. Acesso em: 15 dez. 2023.

LOBATO, Cleo Monteiro. Lobato uma discussão infundável, porém necessária: resposta ao editorial da folha. **Lobato com você**, 28 jan. 2021. Disponível em: <https://www.lobato.com.br/2021/01/lobato-uma-discussao-infundavel-porem-necessaria/>. Acesso em: 15 dez. 2023.

LOBATO, Monteiro. Narizinho arrebitado. Ilustração Rafael Sam. São Paulo: Monteiro Lobato Projetos Culturais, 2023.

LOTE 42. **Prêmio Miolo(s)**. São Paulo, 2015. Disponível em: <https://www.lote42.com.br/feira-miolos-2015/sobre-o-pr%C3%AAmio.html>. Acesso em: 09 mai. 2024.

LOTE 42. **Rafael Coutinho**. São Paulo, 2018. Disponível em: <https://lote42.com.br/project/rafael-coutinho/>. Acesso em: 09 mai. 2024.

MACHADO, Ana Maria. **O menino que espiava para dentro**. São Paulo: Editora Global, 2008.

MAINGUENEAU, Dominique. Citação e destacabilidade. *In: Cenas da enunciação*. Sírio Possenti e Maria Cecília Perez de Souza-e-Silva (org.). Curitiba: Editora Criar Edições, 2007.

MAINGUENEAU, Dominique. **Gênese dos Discursos**. Tradução Sírio Possenti. São Paulo: Editora Parábola Editorial, 2008.

MAINGUENEAU, Dominique. As três facetas do polêmico. Tradução Sírio Possenti. *In: Doze conceitos em Análise do Discurso*. Sírio Possenti e M. Cecília P. de Souza-e-Silva (org.). São Paulo: Editora Parábola Editorial, 2010.

MAINGUENEAU, Dominique. Aforização: Enunciados sem texto? Tradução Ana Raquel Motta. *In: Doze conceitos em Análise do Discurso*. Sírio Possenti e M. Cecília P. de Souza-e-Silva (org.). São Paulo: Editora Parábola Editorial, 2010.

MAINGUENEAU, Dominique. **Frases sem texto**. Tradução Sírio Possenti. São Paulo: Editora Parábola Editorial, 2014.

MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso Literário**. Tradução Adail Sobral. São Paulo: Contexto: 2018.

MARTINS, Helena. (org.). **Desinformação: Crise política e saídas democráticas para as fake News**. São Paulo: Veneta, 2020. Disponível em: <https://intervozes.org.br/publicacoes/desinformacao-crise-politica-e-saidas-democraticas-para-as-fake-news/>. Acesso em: 24 jun. 2022.

MARTINS, Rafael Moro. NEVES, Rafael. AMARO, Beatriz. No mundo do balão mágico: o discípulo de Olavo de Carvalho que vai decidir o conteúdo dos livros didáticos para crianças de 6 e 7 anos. **Intercept\_Brasil**. 10 fev. 2020. Disponível em: <https://www.intercept.com.br/2020/02/10/discipulo-olavo-livros-didaticos-alfabetizacao/>. Acesso em: 04 jun. 2024.

MBEMBE, Achille. **O direito universal à respiração**. Pandemia Crítica (n-1 Edições), 2020.

MILLS, Charles Wright. **Sobre o artesanato Intelectual e outros ensaios**. Tradução Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

MISKOLCI, Richard. Pânicos Morais e controle social: reflexões sobre o casamento gay. **Cadernos Pagu**, Campinas, v.28, jan./jun., p.101-128, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/tWFyRWkCdWv4Tgs8Q6hps5r/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 01 fev. 2024.

10ª MIOLO(S). Feira miolo(s). São Paulo, 21 dez. 2023. 1 vídeo (1:28). Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=w\\_VRkKb5C6H0&t=57s](https://www.youtube.com/watch?v=w_VRkKb5C6H0&t=57s). Acesso em: 09 mai. 2024.

MONTEIRO Lobato novamente sendo acusado de racismo. **Migalhas Quentes (Redação)**, n. 5556, 22 out. 2020. Disponível em: <https://www.migalhas.com.br/quentes/335339/monteiro-lobato-novamente-sendo-acusado-de-racismo>. Acesso em: 08 mar. 2023.

MORIN, Edigar. **Introdução ao pensamento complexo**. Tradução Eliane Lisboa. Porto Alegre: Sulina, 2005.

MOTTA, Ana Raquel. SALGADO, Luciana Salazar. A maquinaria discursiva como dispositivo enunciativo em funcionamento: teoria e método. **Files WordPress**, nov. 2016. Disponível em: <https://lucianasalazarsalgado.files.wordpress.com/2018/06/a-maquinaria-discursiva-como-dispositivo-enunciativo-em-funcionamento-teoria-e-mecc81todo.pdf>. Acesso em: 24 mar. 2024.

MUSEU DA IMAGEM E DO SOM. **Feira des.gráfica**. São Paulo, 2016. Disponível em: <https://mis-sp.org.br/evento/feira-des-grafica/>. Acesso em: 09 mai. 2024.

MUSEU da imagem e do som. **Feira des.gráfica**. São Paulo, 2019. Disponível em: <https://mis-sp.org.br/evento/feira-des-grafica-2019/>. Acesso em: 09 mai. 2024.

NASCIMENTO, Silvia. Youtuber e professor de história ajudam a remover livro racista das escolas. **Mundo Negro**, 12 nov. 2017. Disponível em: <https://mundonegro.inf.br/youtuber-e-professor-de-historia-ajudam-remover-livro-racista-das-escolas/>. Acesso em: 11 dez. 2023.

NEELEMAN, Hanna. (ballerinafarm). **Happy Mother's Day**. 13 mai. 2024. Instagram: ballerinafarm. Disponível em: [https://www.instagram.com/p/C65hAivukQJ/?img\\_index=1](https://www.instagram.com/p/C65hAivukQJ/?img_index=1). Acesso em: 04 jun. 2024.

NERI, Nátaly. **Ser DONA DE CASA é trend?** Tradwifes, Esposas Troféus e Mulher de Presonas redes sociais. 15 mar. 2024. Youtube. @NatalyNeri. 1 vídeo (26:56). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5I95kfWdZxw>. Acesso em: 04 jun. 2024.

NETO, Antônio Gomes da Costa. A desconstrução do racismo através de Monteiro Lobato: uma análise do caso “Caçadas de Pedrinho”. **Caderno de Letras**, n. 25, p. 15-36, jun./jul. 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/cadernodeletras/article/view/7338/5125>. Acesso em: 08 mar. 2023.

NOGARO, Arnaldo; JUNG, Hildegard Susan; CONTE, Elaine. **Infância**: Desaparecimento ou metamorfose? Campinas, v. 18, n. 3, p.745-765, jul./set. 2018. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8652022>. Acesso em: 18 abr. 2022.

NODELMAN, Perry. *Somos mesmo todos censores?* Tradução Lenice Bueno. São Paulo: Instituto Emília; Solisluna Editora, 2020.

PASTOR diz que 'crianças têm culpa' de serem abusadas e gera revolta na web; veja vídeo. **Terra**, 1 mai. 2024. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/brasil/pastor-diz-que-criancas-tem-culpa-de-serem-abusadas-e-gera-revolta-na-web-veja-video,f50aa319f147a7f3a14ad31c91e6c8826nao2nc6.html>. Acesso em: 15 ago. 2024.

OLIVEIRA JÚNIOR, Isaias Batista de. MAIO, Eliane Rose. Diversidade sexual e homofobia: a cultura do “desagendamento” nas políticas públicas educacionais. **Revista Práxis Educativa**, v. 10, n. 1, p.35-53, 2015. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/5560>. Acesso em: 10 mar. 2023.

OLIVEIRA JÚNIOR, Isaias Batista de. MAIO, Eliane Rose. “Não vai ser permitido a nenhum órgão do governo fazer propaganda de opções sexuais”: o discurso inaugural no “desagendamento” do kit gay do mec. **Revista e-Curriculum**, São Paulo, v.15, n.01, jan./mar. 2017. Disponível em: [https://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/article/view/23427#:~:text=1%20\(2017\)%20%2F-%2E2%80%9CN%C3%83O%20VAI%20SER%20PERMITIDO%20A%20NENHUM%20%C3%93RG%C3%83O%20DO%20GOVERNO%20FAZER,DO%20KIT%20GAY%20O%20MEC](https://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/article/view/23427#:~:text=1%20(2017)%20%2F-%2E2%80%9CN%C3%83O%20VAI%20SER%20PERMITIDO%20A%20NENHUM%20%C3%93RG%C3%83O%20DO%20GOVERNO%20FAZER,DO%20KIT%20GAY%20O%20MEC). Acesso em: 10 mar. 2023.

OLIVEIRA JÚNIOR, Isaias Batista de. Kit de combate a homofobia do MEC: a polemização em torno dos recursos audiovisuais. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, v. 16, n. 70, p. 319-334, 2017. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8643822>. Acesso em: 10 mar. 2023.

O DIÁRIO de Anne Frank é superestimado. [São Paulo], 22 jan. 2021. **Twitter**: @escutaothiago. Disponível em: <https://twitter.com/escutaothiago/status/1352672452741128197>. Acesso em: 05 jul. 2021.

PAIS de alunos protestam contra retirada de livro sobre ‘novas famílias’. **Encontro atualidade**, Educação, 04 nov. 2015. Disponível em: <https://www.revistaencontro.com.br/canal/atualidades/2015/11/pais-de-alunos-protestam-contra-retirada-de-livro-sobre-novas-familia.html>. Acesso em: 14 dez. 2023.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução Eni Pulcinelli Orlandi; Lourenço Chacon Jurado Filho, Manoel Luiz Gonçalves Corrêa, Silvana Mabel Serrani. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

PENZANI, Renata. Livro de Ana Maria Machado é acusado de incitar o suicídio. **Portal Lunetas**, 10 set. 2018. Disponível em: Pais acusam Ana Maria Machado de incitar o suicídio em livro infantil (lunetas.com.br). Acesso em: 24 out. 2022.

PEPPA Não! - resenha | Ana Paula Xongani. [S.l.: s.n.], 14 abr. 2016. 1 vídeo (6:23). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ONMqIROJ9pI>. Acesso em: 07 ago. 2021.

PEPPA Não, Lelê SIIM!!! - Resenha | Ana Paula Xongani. [S.l.: s.n.], 19 mai. 2016. 1 vídeo (7:55). Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=iH2GcP7yN\\_w](https://www.youtube.com/watch?v=iH2GcP7yN_w). Acesso em: 07 ago. 2021.

PERIFACON. **A quarta edição da primeira convenção nerd das favelas vem aí**. São Paulo, 2024. Disponível em: <https://perifacon.com.br/>. Acesso em: 09 mai. 2024.

PERIFACON 2023 - terceira edição. Portal Perifacon. São Paulo, 28 set. 2023. 1 vídeo (13:54). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tKIsSotMhQs&t=110s>. Acesso em: 07 mai. 2024.

PESQUISA do ISER levanta mapa da identidade religiosa dos deputados e deputadas federais empossados. **Religião e Poder**, 12 dez. 2022. Disponível em: <https://religioepoder.org.br/artigo/pesquisa-do-iser-levanta-identidade-religiosa-dos-deputados-e-deputadas-federais-diplomados/>. Acesso em: 17 jan. 2024.

“POLÊMICA” + “livro” + “infantojuvenil” In.: *Google*. Disponível em: <https://www.google.com/search?q=%22pol%C3%AAmica%22+%2B+%22livro%22+%2B+%22Infanto+juvenil%22&oq=%22pol%C3%AAmica%22+%2B+%22livro%22+%2B+%22Infanto+juvenil%22&aqs=chrome..69i57j0i546l3.24308j0j4&sourceid=chrome&ie=UTF-8>. Acesso em: 04 jul. 2021.

POLÊMICA livro infantojuvenil. In.: *Google*. Disponível em: [https://www.google.com/search?q=pol%C3%AAmica+livro+infantojuvenil&sxsrf=AB5stBjb0036p4mDMx27RXw9eT9NbGzKag%3A1691182013850&ei=vWPNZNRBM7zV1sQPtuy5gAg&ved=0ahUKewialL7578OAAxW8qpUCHTZ2DoAQ4dUDCA8&uact=5&oq=pol%C3%AAmica+livro+infantojuvenil&gs\\_l=Exgnd3Mtd2l6LXNlcnAiHnBvbMOqbWljYSBsaxZybyBpbmZhbhRvanV2ZW5pbDIHECEYoAEYCKitWVAAWIxTcAB4AJABAjgB0gGgAaYbqgEGMS4yNy4xuAEDyAEA-AEBwgIEECMYJ8ICCxAuGIAEGLEDGIMBwgILEAAYgAQYsQMYgWHCAgsQABiKB RixAxiDacICBxAAGIoFGEPcAgcQLhiKBRhDwgIOEC4YgAQYsQMYxwEY0QPCAgQ QABgDwgIFEAAyGATCaggQABiABBixA8ICBhAAGBYHsICCBAAGBYHhgpWgIIEAAyFhgeGARcAgUQIRigAcICBRAhGJ8F4gMEGAAGQYgGAQ&scient=gws-wiz-serp](https://www.google.com/search?q=pol%C3%AAmica+livro+infantojuvenil&sxsrf=AB5stBjb0036p4mDMx27RXw9eT9NbGzKag%3A1691182013850&ei=vWPNZNRBM7zV1sQPtuy5gAg&ved=0ahUKewialL7578OAAxW8qpUCHTZ2DoAQ4dUDCA8&uact=5&oq=pol%C3%AAmica+livro+infantojuvenil&gs_l=Exgnd3Mtd2l6LXNlcnAiHnBvbMOqbWljYSBsaxZybyBpbmZhbhRvanV2ZW5pbDIHECEYoAEYCKitWVAAWIxTcAB4AJABAjgB0gGgAaYbqgEGMS4yNy4xuAEDyAEA-AEBwgIEECMYJ8ICCxAuGIAEGLEDGIMBwgILEAAYgAQYsQMYgWHCAgsQABiKB RixAxiDacICBxAAGIoFGEPcAgcQLhiKBRhDwgIOEC4YgAQYsQMYxwEY0QPCAgQ QABgDwgIFEAAyGATCaggQABiABBixA8ICBhAAGBYHsICCBAAGBYHhgpWgIIEAAyFhgeGARcAgUQIRigAcICBRAhGJ8F4gMEGAAGQYgGAQ&scient=gws-wiz-serp). Acesso em: 04 ago. 2023.

“POLÊMICA”+ “livro” + “infantil” + "sexualidade" In.: *Google*. Disponível em: <https://www.google.com/search?q=%E2%80%9Cpol%C3%AAmica%E2%80%9D%2B+%E2%80%9Clivro%E2%80%9D+%2B+%E2%80%9Cinfantil%E2%80%9D+%2B+%22sexuali>



dade%22&ei=4qqRdYoaSM2H4dUPn7OHgAY&ved=0ahUKEwiGi9eplp73AhX9Q7gEHZ\_ZAWAQ4dUDCA4&uact=5&oq=%E2%80%9Cpol%C3%AAmica%E2%80%9D%2B+%E2%80%9Clivro%E2%80%9D+%2B+%E2%80%9Cinfantil%E2%80%9D+%2B+%22sexualidade%22&gs\_lcp=Cgdnd3Mtd2l6EAM6BwgAEEBwgAE6BwgAELADEEM6BQghEKABSgQIQRgASgQIRhgAUOUOWJuFAMCoigJoAnABeACAAZQBiBQghEKABSgQIQRgASgQIRhgAUOUOWJuFAM&scient=gws-wiz. Acesso em: 18 abr. 2022.

POMBO, Olga. Epistemologia da Interdisciplinaridade. **Revista Ideação**, [S. l.], v. 10, n. 1, p. 9–40, 2010. DOI: <https://doi.org/10.48075/ri.v10i1.4141>. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/ideacao/article/view/4141>. Acesso em: 1 nov. 2022.

POSSENTI, Sírio. **Questões para analistas do discurso**. São Paulo: Editora Parábola Editorial, 2009.

POSETTI, Julie. MATTHEWS, Alice. A short Guide to the history of ‘fake news’ and disinformation: A learning module for journalists and journalism educators. International Center For Journalists, 23 jul. 2018. Disponível em: [https://www.icfj.org/sites/default/files/2018-07/A%20Short%20Guide%20to%20History%20of%20Fake%20News%20and%20Disinformation\\_ICFJ%20Final.pdf](https://www.icfj.org/sites/default/files/2018-07/A%20Short%20Guide%20to%20History%20of%20Fake%20News%20and%20Disinformation_ICFJ%20Final.pdf). Acesso em: 11 jul. 2023.

PREVIDELLI, Fabio. Pais enxergam 'Erotização': Diário De Anne Frank é Alvo de Polêmica Esdrúxula No Brasil. **Jornal Uol - Aventuras na História**. Caderno Matérias >> Personagens. 08 jun. 2021. Disponível em: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/pais-enxergam-erotizacao-diario-de-anne-frank-e-alvo-de-polemica-esdruxula-no-brasil.phtml>. Acesso em: 04 jul. 2021.

RAMOS, Ana Margarida. Saindo do armário: Literatura para a Infância e a reescrita da homossexualidade. **Revista Forma Breve**, Universidade de Aveiro, Portugal n. 07, p. 293-312, 2009. Disponível em: <https://proa.ua.pt/index.php/formabreve/article/view/6649>. Acesso em: 22 mar. 2023.

RANDO, Silvana. **Peppa**. São Paulo: Editora Brinque-book na mochila, 2009.

RANGEL, Bruna. Anne Frank e... vagina. **Blog Não me Kahlo**. Coluna Blogando. 03 abr. 2018. Disponível em: <https://naomekahlo.com/anne-frank-e-vagina/>. Acesso em: 04 jul. 2021.

RECUERO, Raquel. **Desinformação, mídia social e COVID-19 no Brasil** [livro eletrônico]: relatório, resultados e estratégias de combate. Pelotas, RS: MIDIARS - Grupo de Pesquisa em Mídia Discurso e Análise de Redes Sociais, 1. ed, 2021. Disponível em <https://wp.ufpel.edu.br/midiars/files/2021/05/Desinformac%CC%A7a%CC%83o-covidmidiars-2021-1.pdf>. Acesso em: 03 abr. 2023.

REESE, Debbie. About AICL. **American Indians in Children's Literature**, 30 set. 2019, Disponível em: <https://americanindiansinchildrensliterature.blogspot.com/p/about.html>. Acesso em: 26 abr. 2024.

REIMÃO, Sandra. NERY, João Elias. MAUÉS, Flamarion. Tentativas de censura a livros nos dois primeiros anos do governo Bolsonaro - 2019-2020. **Literatura e Autoritarismo**, Santa Maria, n. 40: A persistência da Censura. jul./dez., 2022, p. 5-18. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/LA/article/view/66347>. Acesso em: 25 jan. 2024.

RUEDIGER, M.A. (Coord.) **Robôs, Redes Sociais e Política no Brasil**: Estudo sobre interferências ilegítimas no debate público na web, riscos à democracia e processo eleitoral de 2018. Rio de Janeiro: FGV DAPP, 2017. Disponível em: <http://dapp.fgv.br/?dd1a6s1=aHR0cDovL2RhcHAuZmd2LmJyL3dwLWNvbnRlbnQvdXBsb2Fkcy8yMDE3LzA4L1JvYm9zLXJlZGVzLXNvY2lhaXMtcG9saXRpY2EtZmd2LWRhcHAucGRm>. Acesso em: 07 jun. 2023.

RODRIGUES, Carla. Judith Butler (1956). **Blog mulheres na filosofia**. Disponível em: <https://www.blogs.unicamp.br/mulheresnafilosofia/judith-butler/>. Acesso em: 02 jun. 2022.

SAKAMOTO, Leonardo. Baixe o "Escola sem Homofobia" - chamado por intolerantes de "Kit Gay". **Uol notícias**, 11 fev. 2015. Disponível em: <https://blogdosakamoto.blogosfera.uol.com.br/2015/02/11/baixe-o-escola-sem-homofobia-chamado-por-intolerantes-de-kit-gay/>. Acesso em: 24 out. 2022.

SALGADO, Luciana Salazar. **Quem mexeu no meu texto**: questões contemporâneas de edição, preparação e revisão textual. Divinópolis, MG: Artigo A, 2017.

SALGADO, Luciana Salazar. Autoria: uma gestão de mitologias, devoção, reconhecimento, fama. In: GOMES, Leticia Santana. (org.). **Edição, livro e Leitura no Cinema**: um olhar editorial sobre a tela grande. Belo Horizonte: Contafios, 2020.

SALGADO, Luciana Salazar. A dimensão algorítmica dos discursos, ou como a língua se textualiza nos mídiuns digitais. In: ABREU-TARDELLI, Lília Santos *et al.* (org.). Pesquisa em linguagem: diálogos com a contemporaneidade. Campinas: Pontes Editores, 2021.

SAMPAIO, Paulo. "Sofri um massacre", diz funcionária de Doria que despertou ira feminista. **Universa uol**, São Paulo, 21 mar. 2019. Disponível em: <https://paulosampaio.blogosfera.uol.com.br/2019/03/21/funcionaria-do-fundo-social-sp-vira-polemica-ao-detonar-feminismo/?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 04 jun. 2024.

SANTOS, Marcela Rodrigues. O professor como inimigo: análise discursiva sobre disputas em torno da "ideologia de gênero" na escola. *Revista Palimpsesto*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 40, p. 64-79, 2022. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/palimpsesto/article/view/70052>. Acesso em: 29 mar. 2023.

SANTOS SILVA, Elder Luan dos. Pânico Moral e as questões de gênero e sexualidade na BNCC. **História, Histórias**, v. 8, n. 16, jul./dez., 2020. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/hh/article/view/31928>. Acesso em: 24 jan. 2024.

SÃO PAULO (Estado). 4ª Sessão extraordinária do período adicional. **Diário Oficial do Estado de São Paulo**: Poder Legislativo, São Paulo, ano 129, n. 49, p. 22, 15 mar. 2019. Disponível em: [https://www.imprensaoficial.com.br/DO/BuscaDO2001Documento\\_11\\_4.aspx?link=%2f2019%2flegislativo%2fmarco%2f15%2fpag\\_0022\\_20f33a0e384256bbf5b2898d318d73b4.pdf&pagina=22&data=15/03/2019&caderno=Legislativo&paginaordenacao=100022](https://www.imprensaoficial.com.br/DO/BuscaDO2001Documento_11_4.aspx?link=%2f2019%2flegislativo%2fmarco%2f15%2fpag_0022_20f33a0e384256bbf5b2898d318d73b4.pdf&pagina=22&data=15/03/2019&caderno=Legislativo&paginaordenacao=100022). Acesso em: 02 jun. 2024.

SARMENTO, Manuel Jacinto. CERISARA, Ana Beatriz. **Crianças e miúdos: Perspectivas sociopedagógicas da infância e educação**. Edições Asa: Porto, 2004.

SIBILIA, Paula. **O show do eu: a intimidade como espetáculo**. São Paulo: Nova fronteira, 2008.

SILVA, Carlos Eduardo Lins da; SÁ, Nelson de; RECH, Marcelo; SEKLES, Flavia, ISRAELY, Jeff; RENNEN, Nausicaa. Da pós-verdade ao risco da pós-imprensa. **Observatório da Imprensa**, Edição brasileira da Columbia Journalism Review, n. 945, 17 ago. 2017. Disponível em: <https://www.observatoriodaimprensa.com.br/edicao-brasileira-da-columbia-journalism-review/da-pos-verdade-ao-risco-da-pos-imprensa/>. Acesso em: 11 jul. 2023.

SILVA JÚNIOR, Nelson. Do Brasil da barbárie à desumanização neoliberal: do “Pacto Edípico, Pacto Social”, de Hélio Pellegrino ao “E daí?” de Jair Bolsonaro. In: SAFATLE, V.; SILVA JÚNIO, N.; DUNKER, C. (org.). **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. KAERCHER, Gladis da Silva. Dois Papais, Duas Mamães: Novas Famílias na literatura infantil. **Educação & Realidade**, v. 38, n. 4, Porto Alegre, out./dez., 2013. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/38164>. Acesso em: 11 jan. 2024.

SOARES, Wellington. Conheça o "kit gay" vetado pelo governo federal em 2011. **Nova Escola**, 01 fev. 2015. Disponível em: [https://novaescola.org.br/conteudo/84/conheca-o-kit-gay-vetado-pelo-governo-federal-em-2011?gclid=EAIaIQobChMIzJSXgq35-gIVgeBcCh0\\_eA4cEAAYASAAEgIvovD\\_BwE](https://novaescola.org.br/conteudo/84/conheca-o-kit-gay-vetado-pelo-governo-federal-em-2011?gclid=EAIaIQobChMIzJSXgq35-gIVgeBcCh0_eA4cEAAYASAAEgIvovD_BwE). Acesso em: 24 out. 2022.

SMITH, Nara. (naraaziza). **Let this freeze and we had the best cookies and cream ice cream, what's your favorite ice cream flavor?** 26 fev. 2024. Instagram: naraaziza. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/C30PnZwx18-/?hl=pt>. Acesso em: 04 jun. 2024.

SPARGO, Tamsin. **Foucault e a teoria queer: seguido de Ágape e êxtase: orientações pós-seculares**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

TABORDA, Ilda. **O que é um homem Sexual?** Ilustração Gémeo Luís. Porto: Colégio Primeiros Passos, 2004.

TAMAMOTO, Vinicius. Fundação Anne Frank sobre pais que viram pornografia em diário: ultrajante e ridículo. **Revista Veja São Paulo**. Caderno Cidades. 07 jun. 2021. Disponível em: <https://vejasp.abril.com.br/cidades/fundacao-anne-frank-sobre-pais-que-viram-pornografia-em-diario/>. Acesso em: 05 jul. 2021.

TFOUNI, Leda Verdiane. Análise indiciária: uma topologia das singularidades. In.: TFOUNI, Leda Verdiane; MILANEZ, Nilton; CARVALHO, ANDERSON de. (org.). **O paradigma indiciário e as modalidades de decifração nas ciências humanas**. São Carlos: EdUFSCar, 2018.

THE ABCs of book banning. Produção MTV Documentary Films and Ruby River Productions. Prime vídeo, Paramount, 2023. Disponível em: [https://www.primevideo.com/region/na/search/ref=atv\\_sr\\_sug\\_nb\\_sb\\_ss\\_i\\_1\\_10?phrase=a](https://www.primevideo.com/region/na/search/ref=atv_sr_sug_nb_sb_ss_i_1_10?phrase=a)

bc%20da%20proibi%C3%A7%C3%A3o%20de%20livros&prefix=abc%20da%20pro&ie=UTF8. Acesso em: 18 abr. 2024.

TORERO, José Roberto. PIMENTA, Marcus Aurelius. **ABêCê da liberdade**: a história de Luiz Gama, o menino que quebrou correntes com palavras. Rio de Janeiro: Editora Alfabeta, 2015.

VASCONCELOS, Eduardo Mourão. **Complexidade e pesquisa interdisciplinar**: Epistemologia e metodologia operativa. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.

VETADO por bancada religiosa, kit “Escola Sem Homofobia” pode ser baixado na internet. **Portal Aprendiz**. Aprender na Cidade, 11 fev. 2015. Disponível em: <https://portal.aprendiz.uol.com.br/2015/02/11/vetado-por-bancada-religiosa-escola-sem-homofobia-e-disponibilizado-na-rede/>. Acesso em: 17 out. 2022.

VITORELO, Kael. **Kit Gay**: Atividades lúdicas para toda a família. São Paulo: Veneta, 2021.

VITORELO, Kael. (vitorelo.art). **Você sabia que**: o boneco de papel do KIT GAY realmente pode ser montado e foi aprovado pelo INMETRO? São Paulo, 26 mar. 2019. Facebook: vitorelo.art. Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=1945797442196406&set=voc%C3%AA-sabia-que-o-boneco-de-papel-do-kit-gay-realmente-pode-ser-montado-e-foi-apr>. Acesso em: 09 jul. 2023.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura Infantil na escola**. São Paulo: Global, 2003.

APÊNDICE A - Sistematização das ocorrências polêmicas que envolveram livros infantis.  
Temáticas variadas.

**Livro: Amora – Emicida (Racismo)**

07 mar. 2023. **Livro infantil do rapper Emicida é vandalizado por mãe de aluno com críticas às religiões de matriz africana.** Disponível em: <https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2023/03/07/livro-infantil-de-emicida-e-alvo-de-intolerancia-religiosa-praticada-por-mae-de-aluno-em-escola-de-salvador.ghtml>. Acesso em: 07 jan. 2024.

**Livro: ABÊCÊ da liberdade - Luiz Gama. (Racismo)**

11 set. 2021. **Companhia das Letras recolhe livro infantil com crianças em navio negreiro.** Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2021/09/companhia-das-lettras-recolhe-livro-infantil-com-criancas-em-navio-negreiro.shtml>. Acesso em 21 jun. 2022.

13 set. 2021. **Polêmica: Companhia das Letras recolhe livro infantil.** Disponível em: <https://anotabahia.com/polemica-companhia-das-lettras-recolhe-livro-infantil-sobre-luiz-gama-entenda-o-porque/>. Acesso em 21 jun. 2022.

16 set. 2021. **POLÊMICA: Livro infantil que mostra crianças em navio negreiro é retirado do mercado.** Disponível em: <https://rondoniaovivo.com/noticia/cultura/2021/09/16/polemica-livro-infantil-que-mostra-criancas-em-navio-negreiro-e-retirado-do-mercado.html>. Acesso em: 21 jun. 2022.

13 set. 2021. **Livro infantil que retrata crianças brincando em navio negreiro não será mais comercializado.** Disponível em: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/historia-hoje/livro-infantil-que-retrata-criancas-brincando-em-navio-negreiro-nao-sera-mais-comercializado.phtml>. Acesso em: 21 jun. 2022.

15 set. 2021. **Polêmica envolvendo o livro infantil “Abecê da Liberdade”.** Disponível em: <https://www.awure.com.br/polemica-envolvendo-o-livro-infantil-abece-da-liberdade/>. Acesso em 21 jun. 2022.

15 set. 2021. **Companhia das Letras recolhe livro que romantiza escravidão com crianças brincando em navio negreiro.** Disponível em: <https://www.hypeness.com.br/2021/09/companhia-das-lettras-recolhe-livro-que-romantiza-escravidao-com-criancas-brincando-em-navio-negreiro/>. Acesso em 21 jun. 2021.

14. set. 2021. **Abecê do racismo.** Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/abec%C3%AA-do-racismo/a-59181593>. Acesso em: 21 jun. 2022.

14 set. 2021. **Abecê do racismo.** Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/deutschewelle/2021/09/14/abece-do-racismo.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 21 jun. 2022.

[https://twitter.com/fernandasousa\\_8/status/1437985191541215240](https://twitter.com/fernandasousa_8/status/1437985191541215240). Fernanda -  
Twitter <https://twitter.com> > fernandasousa\_8 > status

Após toda a polêmica c/ o livro racista publicado pela Cia das Letras, quero recomendar um livro infantil escrito pela pedagoga e doutoranda em educação, ...

24 set. 2021. **O sequestro da memória de Luiz Gama: a polêmica do livro ABC da Liberdade.** Disponível em:

<https://www.em.com.br/app/noticia/diversidade/2021/09/24/noticia-diversidade,1308735/o-sequestro-da-memoria-de-luiz-gama-a-polemica-do-livro-abc-da-liberdade.shtml>. Acesso em: 21 jun. 2022.

**Livro: O menino que espiava pra dentro - Ana Maria Machado. (Suicídio)**

10 set. 2018. **Não, livro infantil não quer incitar suicídio infantil.** Disponível em:

<https://veja.abril.com.br/coluna/mae-para-toda-obra/nao-livro-infantil-nao-quer-incitar-suicidio-infantil/>. Acesso em 21 jun. 2022.

07 set. 2018. **Outra polêmica com livro infantil.** Disponível em;

<https://contamahistoria.com.br/2018/09/outra-polemica-com-livro-infantil/>. Acesso em: 21 jun. 2022.

10 set. 2018. **A história por trás do livro de Ana Maria Machado, que gerou a polêmica do engasgo com a maçã.** Disponível em: .

**Livro: Enquanto o sono não vem - José Mauro Brant. (Incesto/pedofilia/sexualidade)**

31 mai. 2017. **Livro infantil gera polêmica ao citar matrimônio entre pai e filha.** Disponível em:

<https://www.cbnvitoria.com.br/reportagens/livro-infantil-gera-polemica-ao-citar-matrimonio-entre-pai-e-filha-0517>. Acesso em: 21 jun. 2022.

08 jun. 2017. **MEC recolhe 93 mil exemplares de livro infantil que aborda o incesto.**

<https://cangurunews.com.br/mec-recolhe-93-mil-exemplares-de-livro-infantil-que-aborda-o-incesto/>

A polêmica história de Eredegalda. Disponível em: <https://emilia.org.br/a-polemica-historia-de-eredegalda/>. Acesso em: 21 jun. 2022.

**Livro: Aparelho Sexual e cia: um guia inusitado para crianças descoladas - ZEP e Hélène Bruller (sexualidade)**

05 set. 2018. **Livro infantil que foi alvo de polêmica com Jair Bolsonaro será relançado por editora.** Disponível em: <https://www.portalt5.com.br/noticias/single/nid/livro-infantil-que-foi-alvo-de-polemica-com-jair-bolsonaro-sera-relancado-por-editora/>. Acesso em: 21 jun. 2022.

10 set. 2018. **Livro de Ana Maria Macahado é acusado de incitar suicídio.** Disponível em: <https://lunetas.com.br/ana-maria-machado/>. Acesso em: 21 jun. 2022.

**Livro: Mummy laid na egg - Babette Cole (Sexualidade/Internacional)**

04 mar. 2020. **Livro infantil explicando como bebês são feitos gera polêmica entre pais.** Disponível em: <https://cinebuzz.uol.com.br/noticias/viral/livro-infantil-explicando-como-bebes-sao-feitos-gera-polemica-entre-pais.phtml>. Acesso em 21 jun. 2022.

**Peppa - Silvana Rando (Racismo)**

17 nov. 2017. A polêmica do livro Peppa e as discussões sobre racismo na escola Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/7132/a-polemica-do-livro-peppa-e-as-discussoes-sobre-racismo-na-escola>. Acesso em: 21 jun. 2022.

**Livro: Anjos Proibidos - Fabio Cabral (Sexualidade)**

16 jun. 2020. **Amazon se envolve em polêmica com livro de pornografia infantil.** Disponível em: <https://www.coxinhanerd.com.br/amazon-polemica-pornografia-infantil/>. Acesso em: 21 jun. 2022.

**Livro: HQ "Vingadores - A Cruzada das Crianças - 66º volume da Coleção Oficial de Graphic Novels Marvel, lançada em 2016 no Brasil pela Editora Salvat (Sexualidade)**

08 set. 2019. **Entenda a polêmica envolvendo pedido de recolhimento de livro na Bienal do Rio de Janeiro.** Disponível em: <https://www.nsctotal.com.br/noticias/entenda-a-polemica-envolvendo-pedido-de-recolhimento-de-livro-na-bienal-do-rio-de-janeiro>. Acesso em: 21 jun. 2022.

**Livro: Caçadas de Pedrinho - Monteiro Lobato (racismo)**

05 jul. 2012. **Obra infantil de Monteiro Lobato causa polêmica por racismo.** Disponível em: [Dishttps://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/eu-estudante/ensino\\_educacaobasica/2012/07/05/ensino\\_educacaobasica\\_interna,321881/obra-infantil-de-monteiro-lobato-causa-polemica-por-racismo.shtml](https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/eu-estudante/ensino_educacaobasica/2012/07/05/ensino_educacaobasica_interna,321881/obra-infantil-de-monteiro-lobato-causa-polemica-por-racismo.shtml). Acesso em: 21 jun, 2022.

**Livro: King & King - Linda de Haan e Stern Nijland (Sexualidade / Internacional)**

23 set. 2020. **Livro infantil com temática LGBTQ+ gera polêmica educacional em Taiwan.** Disponível em: <https://crb8.org.br/oldsite/livro-infantil-com-tematica-lgbtq-gera-polemica-educacional-em-taiwan/>. Acesso em: 21 jun. 2022.

**Livro: A Máquina de Brincar - Paulo Bentancur (Religião/Diabo)**

15 jul. 2014. **Livro infanto-juvenil que fala sobre o diabo gera polêmica nas redes sociais.** Disponível em: <https://www.folhavoria.com.br/geral/noticia/07/2014/livro-infantil-que-supostamente-faz-apologia-ao-diabo-gera-polemica-nas-redes-sociais> Acesso em: 21 jun. 2022.

09 de. 2021. **Censura e silenciamento em casa e na escola: as polêmicas envolvendo obras literárias para crianças.** Disponível em: <https://www.vozdaliteratura.com/post/censura-e->

silenciamento-em-casa-e-na-escola-as-pol%C3%AAmicas-envolvendo-obras-liter%C3%A1rias-para-crian%C3%A7as. Acesso em: 21 jun. 2022.

APÊNDICE B - Sistematização das ocorrências polêmicas que envolveram livros infantis.  
Temáticas referentes à sexualidade.

**Livro: Enquanto o sono não vem - José Mauro Brant. (incesto/pedofilia/sexualidade)**

31 mai. 2017. **Livro infantil gera polêmica ao citar matrimônio entre pai e filha.** Disponível em: <https://www.cbnvitoria.com.br/reportagens/livro-infantil-gera-polemica-ao-citar-matrimonio-entre-pai-e-filha-0517>. Acesso em: 21 jun. 2022.

08 jun. 2017. **MEC recolhe 93 mil exemplares de livro infantil que aborda o incesto.** <https://cangurunews.com.br/mec-recolhe-93-mil-exemplares-de-livro-infantil-que-aborda-o-incesto/>

A polêmica história de Eredegalda. Disponível em: <https://emilia.org.br/a-polemica-historia-de-eredegalda/>. Acesso em: 21 jun. 2022.

**Livro: My Rainbow Family - K. R. Vance (sexualidade/internacional)**

22 jan. 2018. **Livro infantil com famílias homoafetivas causa polêmica na Croácia.** Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/livro-infantil-com-familias-homoafetivas-causa-polemica-na-croacia-22313863>. Acesso em: 09 jul. 2018.

**Livro: Aparelho Sexual e cia: um guia inusitado para crianças descoladas - ZEP e Hélène Bruller (sexualidade)**

28 ago. 2018. **Jair Bolsonaro (PSL) é entrevistado no Jornal Nacional.** Disponível em: [Jair Bolsonaro \(PSL\) é entrevistado no Jornal Nacional | Jornal Nacional | G1 \(globo.com\)](http://jairbolsonaro.com.br/2018/08/28/jair-bolsonaro-psl-e-entrevistado-no-jornal-nacional-g1-globo-com/). Acesso em: 04 jul. 2022.

28 ago. 2018. **Conheça o livro de educação sexual infantil que Bolsonaro tentou mostrar no JN.** Disponível em: Leia mais em: <https://www.gazetadopovo.com.br/politica/republica/eleicoes-2018/conheca-o-livro-de-educacao-sexual-infantil-que-bolsonaro-tentou-mostrar-no-jn-13zhrk0b5jfxp5wbk1pps4y5i/>. Acesso em; 29 set. 2022.

30 ago. 2018. **Comunicado Oficial sobre “Aparelho Sexual e cia”.** Disponível em: <https://www.facebook.com/page/207281311407/search/?q=aparelho%20sexual%20e%20cia>. Acesso em: 10 abr. 2022.

04 jul. 2018. **Bolsonaro mentiu ao falar de livro de educação sexual no ‘Jornal Nacional’.** Disponível em: [Eleições 2018: Bolsonaro mentiu ao falar de livro de educação sexual no ‘Jornal Nacional’ | Brasil | EL PAÍS Brasil \(elpais.com\)](http://brasil.elpais.com/2018/07/04/bolsonaro-mentiu-ao-falar-de-livro-de-educacao-sexual-no-jornal-nacional.html). Acesso em: 04 jul. 2022.



05 set. 2018. **Livro infantil que foi alvo de polêmica com Jair Bolsonaro será relançado por editora.** Disponível em: <https://www.portalt5.com.br/noticias/single/nid/livro-infantil-que-foi-alvo-de-polemica-com-jair-bolsonaro-sera-relancado-por-editora/>. Acesso em: 21 jun. 2022.

16 out. 2019. **Acusado por Bolsonaro de ser autor de 'kit gay', suíço relembra polêmica.** Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2019/10/acusado-por-bolsonaro-de-ser-autor-de-kit-gay-suico-relembra-polemica.shtml>. Acesso em: 17 out. 2022.

28 jun. 2021. **Livro popularizado pela fake news de Bolsonaro sobre "kit gay" faz 20 anos.** Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/06/28/livro-popularizado-pela-fake-news-de-bolsonaro-sobre-kit-gay-faz-20-anos>. Acesso em 29 set. 2022.

**Livro: Mummy laid na egg - Babette Cole (Sexualidade/Internacional).**

04 mar. 2020. **Livro infantil explicando como bebês são feitos gera polêmica entre pais.** Disponível em: <https://cinebuzz.uol.com.br/noticias/viral/livro-infantil-explicando-como-bebes-sao-feitos-gera-polemica-entre-pais.phtml>. Acesso em 21 jun. 2022.

**Livro: Anjos Proibidos - Fabio Cabral (Sexualidade)**

16 jun. 2020. **Amazon se envolve em polêmica com livro de pornografia infantil.** Disponível em: <https://www.coxinhanerd.com.br/amazon-polemica-pornografia-infantil/>. Acesso em: 21 jun. 2022.

**Livro: HQ "Vingadores - A Cruzada das Crianças - 66º volume da Coleção Oficial de Graphic Novels Marvel, lançada em 2016 no Brasil pela Editora Salvat (Sexualidade)**

08 set. 2019. **Entenda a polêmica envolvendo pedido de recolhimento de livro na Bienal do Rio de Janeiro.** Disponível em: <https://www.nsctotal.com.br/noticias/entenda-a-polemica-envolvendo-pedido-de-recolhimento-de-livro-na-bienal-do-rio-de-janeiro>. Acesso em: 21 jun. 2022.

**Livro: King & King - Linda de Haan e Stern Nijland (Sexualidade / Internacional)**

23 set. 2020. **Livro infantil com temática LGBTQ+ gera polêmica educacional em Taiwan.** Disponível em: <https://crb8.org.br/oldsite/livro-infantil-com-tematica-lgbtq-gera-polemica-educacional-em-taiwan/>. Acesso em: 21 jun. 2022.

**Livro: O diário de Anne Frank**

03 abr. 2018. **Anne Frank e... Vagina.** Disponível em: <https://naomekahlo.com/anne-frank-e-vagina/>. Acesso em: 08 jul. 2021.

**Livro: O diário de Anne Frank HQ**

02 jun. 2021. **Pais de escola particular em SP veem erotização de Anne Frank em livro usado em aula de inglês.** Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/monicabergamo/2021/06/pais-de-escola-particular->

[em-sp-veem-erotizacao-de-anne-frank-em-livro-usado-em-aula-de-ingles.shtml#:~:text=Col%C3%A9gio%20M%C3%B3bile%20afirma%20que%20material,da%20judia%20v%C3%ADtima%20do%20Holocausto&text=Pais%20de%20alunos%20da%20escola,qual%20veem%20erotiza%C3%A7%C3%A3o%20da%20personagem](#). Acesso em: 05 jul. 2021.

07 jun. 2021. **HQ de Anne Frank e seus filhos.** Disponível em: [HQ de Anne Frank e seus filhos - Cristianismo Global](#). Acesso em: 20 set. 2022.

07 jun. 2021. **Influenciadora que criticou versão HQ de Anne Frank vende obra em sua livraria.** Disponível em: [file:///C:/Users/mayar/Documents/Mestrado/Material\\_Corpus/JORNAL\\_O\\_TEMPO\\_Influenciadora%20que%20criticou%20vers%C3%A3o%20HQ%20de%20Anne%20Frank%20vende%20obra%20em%20sua%20livraria%20\\_%20O%20TEMPO.pdf](#). Acesso em: 04 jul. 2022.

08 jun. 2021. **Pais enxergam 'erotização': Diário de Anne Frank é alvo de Polêmica esdrúxula no Brasil.** Disponível em: [Pais enxergam 'erotização': Diário de Anne Frank é alvo de polêmica esdrúxula no Brasil \(uol.com.br\)](#). Acesso em: 05 jul. 2021.

15 jun. 2021. **Anne Frank e o Sexo.** Disponível em: [ANNE FRANK E O SEXO – VERA IACONELLI, FOLHA – Blog do Savi \(fsavi.com.br\)](#). Acesso em: 04 jul. 2022.